

CAROLINA PEREIRA BARCELLOS

**Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na
tradução: um estudo de caso sobre os padrões de
escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto**

Belo Horizonte

2016

CAROLINA PEREIRA BARCELLOS

**Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na
tradução: um estudo de caso sobre os padrões de
escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de DOUTORA em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2016

B242e

Barcellos, Carolina Pereira.

Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na tradução [manuscrito] : um estudo de caso sobre os padrões de escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto / Carolina Pereira Barcellos . – 2016.

196 f., enc. : il., tabs., grafs., color., p&b.

Orientadora: Célia Maria Magalhães.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 189-196.

1. Britto, Paulo Henriques, 1951- – Teses. 2. Tradução e interpretação – Teses. 3. Linguística de corpus – Teses. 4. Tradutores – Teses. I. Magalhães, Célia Maria II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02

Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

FOLHA DE APROVAÇÃO

Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na tradução: um estudo de caso sobre os padrões de escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto

CAROLINA PEREIRA BARCELLOS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutora em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, na área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa dos Estudos da Tradução.

Aprovada em 12 de fevereiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Célia Maria Magalhães – orientadora
UFMG

Prof. Igor Antônio Lourenço da Silva
UFU

Prof. Paulo Henrique Caetano
UFSJ

Prof. Leonardo Pereira Nunes
UFMG

Prof. Kelen Sant'anna de Lima
UFMG

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Minas Gerais e à Faculdade de Letras, pelo acesso a um ensino de qualidade e gratuito.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela oportunidade de realização do curso de Doutorado.

À FAPEMIG e ao CNPq, pelo fomento financeiro.

À minha orientadora, professora Célia Maria Magalhães. Sua retidão de caráter, seu conhecimento e sua capacidade de ensinar são lembretes diários do que se deve almejar na carreira acadêmica.

Ao professor Pedro Henrique Praxedes, pela avaliação precisa do projeto definitivo de tese e pelas recomendações muito úteis ao prosseguimento do trabalho.

Aos professores Paulo Henrique Caetano e Giacomo Figueiredo, pelas contribuições valiosas durante a minha qualificação de tese - muitas das suas observações podem ser encontradas no presente texto.

Aos professores Kelen Sant'anna de Lima, Igor Antônio Lourenço da Silva, Leonardo Pereira Nunes, Paulo Henrique Caetano, Adriana Pagano e José Luiz Vila Real Gonçalves por terem aceitado tão gentilmente o convite para participar da banca de defesa da minha tese.

Aos meus colegas do LETRA, de hoje e do passado.

Toute réussite déguise une abdication.

Simone de Beauvoir, 1958

RESUMO

Considerando os estudos de estilo da tradução, no contexto dos Estudos da Tradução baseados em *Corpus* (BAKER, 2000; SALDANHA, 2011; WALDER, 2013), esta tese apresenta um estudo dos traços estilísticos de um tradutor literário sob a perspectiva da convencionalidade e da análise de mudanças na tradução (*shifts*). O objetivo foi verificar a existência de um conjunto de padrões de escolhas do tradutor a respeito da convencionalidade (BAKER, 2007) em língua portuguesa brasileira que pudesse ser encontrado tanto nos seus textos traduzidos quanto nos seus textos não traduzidos, e as consequências dessas escolhas para a construção de significado nos textos traduzidos. Foram investigadas também as mudanças na tradução identificadas no cotexto de ocorrência dos elementos de convencionalidade analisados a fim de se obter mais informações sobre as preferências linguísticas do tradutor (PEKKANEN, 2010; BLAUTH 2015). Saldanha (2011), parte do trabalho pioneiro de Baker (2000) sobre estilo da tradução em *corpus* comparável, propondo uma abordagem combinada para investigação do estilo do tradutor e estilo do texto traduzido em *corpus* paralelo, a qual permitiria diferenciar marcas do estilo do tradutor das interferências do estilo dos autores dos textos-fonte. Baker (2007) inaugura o estudo da convencionalidade associado ao estilo do tradutor, valendo-se de um *corpus* comparável e aponta a necessidade de aprofundar sua investigação em um *corpus* paralelo. Munday (2008), que investiga o estilo do tradutor de uma perspectiva distinta dos Estudos da Tradução baseados em *Corpus*, encontra indícios de padronização da voz dos autores quando traduzidos por um mesmo tradutor e associa o uso da convencionalidade à criatividade. Walder (2013) parte dos resultados desses trabalhos e investiga as escolhas de um tradutor através do cotejamento entre um *corpus* de textos traduzidos e de textos não traduzidos desse tradutor/autor. No contexto do GRANT, Magalhães e Barcellos (2015) e Magalhães e Blauth (2015) enfocaram o estilo do tradutor em *corpus* paralelo sem tratar especificamente da convencionalidade em textos traduzidos ou de sua relação com a criatividade do tradutor. O presente trabalho se propõe a preencher as lacunas encontradas nos trabalhos citados, investigando a convencionalidade relacionada explicitamente à criatividade, da perspectiva do estilo do tradutor e do texto traduzido em um *corpus* de estudo que engloba textos traduzidos e não traduzidos de um mesmo tradutor/autor. Para esta pesquisa, foram compilados três *corpora*: 1) um *corpus* de textos traduzidos para a língua portuguesa brasileira por Paulo Henriques Britto, 2) um *corpus* de textos não traduzidos escritos em língua portuguesa brasileira por Paulo Henriques Britto, e 3) um *corpus* paralelo de contos escritos em inglês americano, dos autores Philip Roth, John Updike, e Jhumpa Lahiri, e suas traduções para o português brasileiro, de Paulo Henriques Britto. Foram utilizados ainda dois *corpora* de consulta (COMPARA e ESTRA) para obter frequências de referência, em língua portuguesa brasileira, quanto ao emprego dos elementos de convencionalidade investigados nos textos de Britto. Na primeira fase desta pesquisa, foram analisados os dados estatísticos do *corpus* de estudo obtidos com o auxílio do programa *WordSmith Tools*© 6.0 (SCOTT, 2012) e foi feita a contabilização de elementos relacionados à convencionalidade (BRITTO, 2012) em língua portuguesa em vários níveis (morfema, palavra, grupo e oração). Na segunda fase, foram investigadas as mudanças na tradução (CATFORD, [1965] 1978) no cotexto dos elementos de convencionalidade destacados na primeira fase. A metodologia de investigação adotada seguiu os preceitos postulados pela Linguística de Corpus e compreendeu compilação, preparação, alinhamento e etiquetagem dos textos para posterior análise com o auxílio do programa *WordSmith*

Tools© 6.0. Os resultados indicaram que Britto fez um conjunto de escolhas distinto para os textos traduzidos de cada autor do *corpus*, sendo influenciado, embora não de maneira determinante, pelo estilo dos autores dos textos-fonte. Em geral, as escolhas linguísticas de Britto em relação ao emprego de expressões convencionais aumentaram o grau de coloquialidade dos textos traduzidos quando comparados aos seus respectivos textos-fonte. Além disso, o padrão de escolhas identificado nos seus textos não traduzidos dialoga com o padrão de escolhas identificado nos seus textos traduzidos, em particular com o conjunto de textos traduzidos a partir da obra de Roth. A mudança na tradução mais frequente foi o acréscimo (subcategoria da amplificação). Essas instâncias de acréscimo não estavam diretamente relacionadas à explicitação, mas sim à inserção de expressões convencionais típicas da língua portuguesa, sobretudo quando não havia motivação clara para isso nos textos-fonte. Britto fez uso ainda do recurso de sanitização, apagando algumas referências culturais presentes nos textos-fonte. Entretanto, o número de ocorrências de uso criativo da linguagem realizadas pelo tradutor superou o uso de sanitização, corroborando os dados de Munday (2008) e refutando, até certo ponto, o que foi postulado por Baker (1999, 2000).

Palavras-chave: Convencionalidade; Mudanças na Tradução (*shifts*); Estilo da Tradução; Estudos da Tradução baseados em *Corpus*; Paulo Henriques Britto.

ABSTRACT

This dissertation draws on Corpus-based Translation Studies (BAKER, 2000; SALDANHA, 2011; WALDER, 2013) and sets out to investigate stylistic traits of a literary translator from the perspective of conventionality and shifts in translation. It examines patterns of choices made by a translator regarding conventionality (BAKER, 2007) in Brazilian Portuguese that could be found both in his work as a translator and as an author, and the consequences of these choices for the recreation of meaning in the translated texts. Shifts in translation in the context of conventionality items were also investigated in order to obtain more information about the translator's linguistic preferences (PEKKANEN, 2010; BLAUTH 2015). Saldanha (2011) takes into consideration the pioneering work of Baker (2000) about the style of translators in a comparable corpus, and proposes a combined approach to the investigation of style – the style of the translator as well as the style of the translated text using a combination of comparable and parallel corpora to differentiate translator's choices from author's choices. Baker (2007) introduces the study of conventionality associated with translator's style, drawing on a comparable corpus. The author highlights the need to further research using a parallel corpus. Munday (2008) investigates style from a different perspective than Corpus-based Translation Studies and identifies a certain degree of standardization regarding the voice of different authors when translated by the same translator. His results allowed him to make a connection between conventionality and creativity in translated texts. Walder (2013) takes into consideration all the previous researches and sets out to investigate the choices of a translator in a comparable corpus that includes samples of a contemporary translator-author's translations and his original writing. However, the author does not use a parallel corpus to investigate the influence of the source text on the translator. Magalhães and Barcellos (2015) and Magalhães and Blauth (2015) focused on the investigation of translator's style in parallel corpora without specifically addressing the study of conventionality in translated texts or its relationship to translator's creativity. This dissertation aims to fill in the gaps above mentioned through the investigation of conventionality as related to creativity and translation style in a corpus including translated texts and non-translated texts from the same translator/author. Three corpora were compiled: 1) a corpus of translated texts written in Brazilian Portuguese by Paulo Henriques Britto, 2) a corpus of non-translated texts written in Brazilian Portuguese by Britto, and 3) a corpus of short stories written in American English by the authors Philip Roth, John Updike, and Jhumpa Lahiri that, with the first corpus, the translated text by Britto, composed a parallel corpus. Two other corpora (COMPARA and ESTRA) were used as control corpora for frequency reference regarding conventionality in Brazilian Portuguese. First, statistical data were obtained using the software *WordSmith Tools* © 6.0 (SCOTT, 2012), and elements related to conventionality (BRITTO, 2012) in Brazilian Portuguese were analyzed at the various orders (morpheme, word, group, and clause). Second, shifts in the translated texts were investigated (CATFORD, [1965] 1978). The research methodology included compilation, preparation, alignment and tagging the texts for later analysis with *WordSmith Tools* © 6.0. The results indicated that Britto made a set of choices to some extent distinct for each translated text, under the influence of the style of source texts. In general, the linguistic choices made by Britto regarding the use of conventional expressions increased the degree of colloquialism in the translated texts when compared to their respective source texts. In addition, the set of choices identified in Britto's non-translated texts presented some similarities with the set of choices identified in his

translated texts, in particular with the ones in Philip Roth's work. The most frequent shift in translation was addition (an amplification subcategory). These instances of addition were not directly related to explicitation. They were, on the other hand, related to a preference from the translator to use conventional expressions in translated texts, even when there was no clear motivation for this in the source texts. Britto also made use of sanitization, erasing some cultural references from the source texts. Nevertheless, the translator's creativity consistently outweighed the use of sanitization, corroborating the results obtained by Munday (2008) and refuting, to some extent, the ones obtained by Baker (1999, 2000).

Keywords: Conventuality; Shifts in Translation; Style of Translation; Corpus-based Translation Studies; Paulo Henriques Britto.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Declínio da convencionalidade	51
Figura 2: Exemplo de alinhamento em extensão .doc	84
Figura 3: Organização dos arquivos eletrônicos do <i>corpus</i> de estudo	84
Figura 4: Investigação do nóculo “cara” com a ferramenta <i>Concord</i> no CTTB	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Composição do <i>corpus</i> de estudo	86
Gráfico 2: Comparação das frequências de ocorrência de palavras formadas por sufixação	103
Gráfico 3: Frequência normalizada dos itens lexicais com a palavra “cara”	121
Gráfico 4: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” no CTTB e no CTOB	126
Gráfico 5: Comparação das frequências de ocorrência de dupla negativa	140
Gráfico 6: Comparação das frequências de ocorrência de construções com “é que” e “foi que”	146
Gráfico 7: Estratégias e procedimentos de tradução para cada TT	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de mudanças na tradução de acordo com Blauth (2015)	61
Quadro 2: Capas das obras compiladas para formar o <i>corpus</i> de estudo	67
Quadro 3: Lista de contos divididos por coletânea	68
Quadro 4: Exemplo de cabeçalho adotado no ESTRA	81
Quadro 5: Lista de nomes dos arquivos eletrônicos para cada coletânea compilada	82
Quadro 6: Exemplo do cálculo de frequência normalizada adotado	87
Quadro 7: Amostra de alinhamento dos exemplos destacados a partir do CP para a ocorrência da dupla negativa em LL_Britto	91
Quadro 8: Categorias de mudança na tradução acompanhadas de suas respectivas etiquetas	93
Quadro 9: Exemplo de etiquetagem de mudança na tradução	93

Quadro 10: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –ão	107
Quadro 11: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –ona	109
Quadro 12: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –inho	110
Quadro 13: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –inha	112
Quadro 14: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –íssimo	114
Quadro 15: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –íssima	116
Quadro 16: Tipos de ocorrências da palavra “cara” no <i>corpus</i> de estudo	119
Quadro 17: Exemplos da palavra “cara” como referência a “homem” em GC_Britto	128
Quadro 18: Exemplos de emprego da palavra “cara” como referência a “homem” no CTOB	130
Quadro 19: Exemplos de itens lexicais com a palavra “cara” em expressões convencionais em LL_Britto.....	131
Quadro 20: Exemplos de expressões convencionais com a palavra “cara” nos TTs que corresponderam a ocorrências do verbo “look” nos TFs	134
Quadro 21: Exemplos de ocorrências de dupla negativa para ênfase	141
Quadro 22: Exemplos de ocorrências de construções com “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante	147
Quadro 23: Ocorrências de palavras com sufixos –inho e –inha em LL_Britto	161
Quadro 24: Exemplos de acréscimo	163
Quadro 25: Exemplos de expansão	166
Quadro 26: Exemplos de omissão	167
Quadro 27: Exemplos de contração	169
Quadro 28: Exemplos de criatividade nos TTs	173
Quadro 29: Exemplos de sanitização	175

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados estatísticos gerais do <i>corpus</i> de estudo	98
Tabela 2: Frequência de ocorrência de itens lexicais formados a partir de sufixos no CTTB e no CTOB	102
Tabela 3: Frequência de ocorrência de itens lexicais formados a partir de sufixos por TT do CTTB e no ESTRA	103
Tabela 4: Ocorrência da palavra “cara” no CTTB e no CTOB	120
Tabela 5: Ocorrência da palavra “cara” no CTTB, no CTOB e nos <i>corpora</i> de consulta	121
Tabela 6: Ocorrência dos itens lexicais com a palavra “cara” por TT do CTTB	122
Tabela 7: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” no CTTB e no CTOB	124
Tabela 8: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” por TT do CTTB.....	126

Tabela 9: Frequência de ocorrência da dupla negativa para ênfase no CTTB e no CTOB	138
Tabela 10: Frequência de ocorrência de dupla negativa por TT do CTTB e no ESTRA	139
Tabela 11: Frequência de ocorrência de “é que” e “foi que” no CTTB e no CTOB	144
Tabela 12: Frequência de ocorrência de construções com “é que” e “foi que” por TT do CTTB, no COMPARA e no ESTRA	144
Tabela 13: Frequência de ocorrência de construções com “é que” e “foi que” no CTOB e no COMPARA	145
Tabela 14: Estratégias de tradução	153
Tabela 15: Procedimentos de tradução	155
Tabela 16: Estratégias e procedimentos de tradução para cada TT	156
Tabela 17: Mudanças na tradução segundo a escala de ordens	159
Tabela 18: Mudanças na tradução segundo a escala de ordens para cada TT	160
Tabela 19: Criatividade e sanitização	173

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CTOB	<i>Corpus</i> de textos não traduzidos de Britto
CTTB	<i>Corpus</i> de textos traduzidos de Britto
CP	<i>Corpus</i> paralelo
ESTRA	<i>Corpus</i> de Estilo da Tradução
ET	Estudos da Tradução
ETBC	Estudos da Tradução Baseados em <i>Corpus</i>
FALE	Faculdade de Letras
GRANT	Grupo de Pesquisa de Análise Textual e Tradução
LC	Linguística de <i>Corpus</i>
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução
TEC	<i>Translational English Corpus</i>
TF	Texto-fonte
TnT	Texto não traduzido
TT	Texto traduzido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
WST	<i>WordSmith Tools</i> © 6.0

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 - Fundamentação teórica	32
1.1. Estilo da tradução	33
1.2. Convencionalidade	46
1.3. Mudanças na tradução	58
CAPÍTULO 2 - <i>Corpus</i> de estudo e metodologia	65
2.1. Descrição do <i>corpus</i> de estudo	65
2.1.1. Tradutor e autor: Paulo Henriques Britto	70
2.1.2. Autores: Philip Roth, John Updike e Jhumpa Lahiri	73
2.2. Procedimentos metodológicos	80
2.3. Procedimentos de análise	85
2.3.1. Quantificação dos dados gerais	85
2.3.2. Investigação da convencionalidade	88
2.3.3. Investigação das mudanças na tradução	92
CAPÍTULO 3 - Apresentação e discussão dos resultados: estilo da tradução e convencionalidade	96
3.1. Dados estatísticos gerais do <i>corpus</i> de estudo	96
3.2. Ocorrência de palavras criadas por sufixação: aumentativo, diminutivo e superlativo	101

3.3. Ocorrência de itens lexicais com a palavra “cara”	118
3.4. Ocorrência de dupla negativa utilizada para ênfase	138
3.5. Ocorrência de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante	143
CAPÍTULO 4 - Apresentação e discussão dos resultados: estilo da tradução e mudanças na tradução	152
4.1. Mudanças na tradução	152
4.1.1 Estratégias e procedimentos de tradução	153
4.1.2 Escala de ordens	158
4.1.3 Considerações sobre mudanças a partir dos exemplos do <i>corpus</i>	163
4.2 Usos criativos da linguagem e sanitização	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os estudos de estilo da tradução – como atributo pessoal (estilo do tradutor) ou como atributo textual (estilo do texto) – têm avançado na composição de *corpora* que permitem o controle de diferentes variáveis para a investigação do estilo em textos traduzidos (BAKER, 2000; SALDANHA, 2011; MUNDAY, 2008; BLAETH, 2015). No entanto, especificamente no âmbito dos Estudos da Tradução baseados em *Corpus* (ETBC), tais estudos enfocam sejam dados estatísticos, sejam recursos tipográficos, como itálicos, ou linguísticos, como itens culturais estrangeiros e o uso opcional de “*that*” depois do verbo “*say*”, restritos a determinados tipos textuais ou ao sistema da língua examinada (BAKER, 2000; SALDANHA, 2011; WALDER, 2013; MAGALHÃES; BLAETH, 2015). Afiliada aos estudos de estilo da tradução, na linha de pesquisa dos ETBC, esta tese tem como objetivo geral investigar estilo da tradução, como atributo pessoal e textual, sob a perspectiva da convencionalidade e das mudanças na tradução (*shifts*), valendo-se de *corpus* comparável e de *corpus* paralelo.

O arcabouço teórico, em relação ao estudo do estilo da tradução, tomado como base para este trabalho, ancora-se, principalmente, nas pesquisas de Baker (1999, 2000, 2004, 2007), Saldanha (2011) e Walder (2013). O estudo do estilo, tradicionalmente associado a textos originais¹, foi primeiro considerado por Baker (2000) dentro dos ETBC com o objetivo de elaborar uma proposta metodológica para a investigação do estilo do tradutor. A própria noção de estilo como uma espécie de impressão digital

¹ A denominação “texto original” é utilizada aqui em contraste à noção de texto traduzido, de acordo com a nomenclatura empregada pela própria autora. Nesta tese, entretanto, foi dada preferência à denominação “texto não traduzido” para referir-se a escritos originais produzidos em uma dada língua. Essa decisão objetiva evitar interferências da noção de “texto original” como defendida dentro da teoria literária.

deixada pelo tradutor no texto traduzido foi desenvolvida por Baker (2000) e tem sido utilizada por estudos sobre o estilo do tradutor desde então. Essa autora defende que é preciso analisar se um tradutor literário demonstra uma preferência consistente por itens lexicais específicos, padrões sintáticos, recursos coesivos ou até mesmo por um estilo de pontuação quando outras opções estariam igualmente disponíveis na língua. Baker (1999, 2000) sugere que os tradutores dão preferência a estruturas típicas da língua-alvo e aponta a normalização como uma característica do texto traduzido. Mais tarde, Saldanha (2011) revisa os resultados de Baker (1999, 2000) e propõe unir as abordagens de estudo do estilo do tradutor e do estilo do texto traduzido. A autora parte especificamente do trabalho de Baker (2000) e complementa sua definição de estilo do tradutor atestando que, para atribuir um padrão estilístico específico a um tradutor, esse padrão não pode ser explicado em função do estilo do autor ou do TF, tampouco como resultado de restrições linguísticas. Saldanha (2011) investiga um *corpus* paralelo que inclui textos traduzidos (TTs) de dois tradutores distintos e atesta a existência de um padrão de escolhas linguísticas para cada um desses tradutores, sendo que apenas um deles parece favorecer de maneira explícita a fluência do TT. Avançando na investigação do estilo de tradutores individuais, Walder (2013) consegue identificar um padrão de escolhas distinto para um mesmo tradutor ao analisar separadamente escolhas conscientes e escolhas subconscientes² a partir de um *corpus* comparável similar ao da presente pesquisa.

Baker (1999) relaciona a convencionalidade à ocorrência de normalização nos TTs e sugere que a investigação de expressões convencionais pode revelar mais informações sobre o estilo do tradutor. Baker ([1992] 2011) dedica parte do seu estudo à

² O termo “subconsciente” é adotado por Walder (2013) de acordo com o que foi postulado por Baker (2000), ou seja, para fazer referência a escolhas fora do controle consciente do tradutor.

concordância acima do nível da palavra. Nesse trabalho, ela se ocupa principalmente de questões impostas pela tradução de colocações e oferece alguns subsídios para o estudo da convencionalidade em TTs. Ainda assim, é apenas em Baker (2004, 2007) que a convencionalidade recebe, de fato, atenção no contexto dos ETBC. Baker (2007) analisa o uso de expressões convencionais em um *corpus* comparável buscando encontrar padrões de idiomaticidade que possam estar relacionados a preferências do tradutor. A autora aponta que os tradutores parecem preferir usos literais de palavras e evitar expressões convencionais. Ela verifica também padrões distintos de escolhas para os TTs e para os textos não traduzidos. Esse trabalho reformula, pelo menos em parte, o que a autora havia postulado anteriormente (*cf.* BAKER, 1999, 2000). Baker (2007) reconhece certa complexidade no emprego, pelo tradutor, de expressões convencionais e sugere a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre o tema para que se possa confirmar (ou refutar) o pressuposto de que a convencionalidade estaria relacionada a instâncias de normalização nos TTs.

Outro autor que dedica atenção à convencionalidade é Munday (2008). Embora não se afilie aos ETBC, Munday (2008) dialoga com a presente pesquisa, em particular, devido a seus resultados em relação ao estilo do tradutor Gregory Rabassa. O autor fornece exemplos em que esse tradutor encontrou soluções criativas para recriar significados veiculados no TF, valendo-se de expressões típicas da língua para a qual estava traduzindo. Esse resultado de Munday (2008) contradiz Baker (1999, 2000), até certo ponto, e dialoga de maneira um pouco mais próxima com Baker (2007), pois suscita questões acerca da interferência de hábitos e/ou preferências linguísticas de tradutores individuais na realização de significados do TF no TT. Enquanto Baker (1999, 2000) relaciona o uso de expressões convencionais à normalização nos TTs,

Munday (2008) sugere que o uso dessas expressões pode ser um indício da criatividade do tradutor. A investigação da convencionalidade empreendida na presente pesquisa tomou como base ainda os trabalhos da Linguística de Corpus (LC) de Sinclair (1991, 2004) e Stubbs (1995a,b) sobre a análise de elementos de convencionalidade em vários níveis (do morfema à oração) e sobre colocações enquanto “combinações lexicais frequentes”.

Mais recentemente, a associação entre a análise de mudanças na tradução e os estudos de estilo foi empreendida por Pekkanen (2010) e Blauth (2015), fora do contexto dos ETBC, também no intuito de caracterizar o estilo de tradutores individuais. Esses dois trabalhos foram capazes de identificar padrões de escolhas distintos para cada um dos tradutores investigados, o que permitiu a elaboração de um perfil para cada um deles, sugerindo interferências em graus variados do estilo do TF e dos hábitos linguísticos dos tradutores incluídos em seus *corpora* na realização de significados dos TFs nos TTs.

Algumas das pesquisas empreendidas no LETRA (Laboratório Experimental de Tradução/FALE/UFMG) e, mais especificamente, no âmbito do GRANT (grupo de Análise Textual e Tradução) e do projeto *Estilística tradutória: análise de corpus e de imagens de textos literários*, se afiliam aos ETBC e têm se dedicado à expansão dos estudos de estilo em textos traduzidos. Nesse ínterim, foi compilado no LETRA um *corpus* de natureza ímpar no Brasil: o ESTRÁ (Corpus para o Estudo do Estilo da Tradução) (MAGALHÃES, 2014), voltado para a investigação do estilo de tradutores literários em língua portuguesa. A presente pesquisa faz uso do ESTRÁ, está inserida no âmbito do GRANT e se propõe a avançar na investigação do estilo da tradução ao

apresentar instâncias de comparação até então inéditas – tanto no contexto do GRANT quanto no contexto nacional dessa linha de pesquisa. Este trabalho investiga especificamente o estilo de um tradutor literário brasileiro - Paulo Henriques Britto - a partir de suas traduções dos textos-fonte (TFs) de três autores distintos - Philip Roth, John Updike e Jhumpa Lahiri – considerando também um conjunto de textos do tradutor Britto enquanto autor de textos ficcionais em língua portuguesa brasileira. A investigação do estilo da tradução proposta considera estilo em uma abordagem combinada, como atributo pessoal e como atributo textual (SALDANHA, 2011).

Embora as pesquisas tomadas como base para o presente trabalho tenham avançado consideravelmente no estudo do estilo da tradução, cabe ressaltar que os desafios ainda são muitos. Os estudos de Baker (2000, 2007) consideram *corpora* comparáveis e, portanto, são limitados pela ausência da comparação entre TF e TT, o que poderia esclarecer questões relacionadas à interferência da organização do TF, da língua de origem ou do estilo do autor nos TTs. Munday (2008) e Saldanha (2011) utilizam *corpora* paralelos, mas não têm acesso a um *corpus* de textos não traduzidos, escritos pelos tradutores representados em seus *corpora*. A possibilidade de comparação dos padrões de escolha verificados nos TTs com os padrões de escolha em textos não traduzidos de um mesmo tradutor/autor pode fornecer indícios significativos de suas preferências linguísticas. Walder (2013) vai mais longe nesse sentido, mas seu escopo é limitado pela disponibilidade de textos adequados ao seu objetivo de pesquisa. Além de não considerar a comparação entre os pares de TFs e TTs, o *corpus* compilado por Walder (2013) abrange gêneros textuais distintos e não conta com textos integrais, como é a prática nos estudos de estilo - o que pode influir nos resultados obtidos. O presente trabalho justifica-se porque apresenta como inovações a possibilidade de

estabelecer diferentes instâncias de comparação em textos completos, pertencentes ao mesmo gênero textual, tendo como foco primário a convencionalidade em língua portuguesa brasileira e as mudanças na tradução relacionadas ao estudo do estilo, a fim de identificar traços de estilo da tradução tanto como atributo pessoal quanto como atributo textual.

Os procedimentos metodológicos seguiram, em larga medida, o modelo já consagrado pelas pesquisas envolvendo o ESTRA (MAGALHÃES, 2014). Os textos que compõem os *corpora* foram escolhidos e digitalizados. Os arquivos resultantes desse processo foram tratados com o programa ABBYY Fine Reader 10.0 para que pudessem ser salvos em extensão .pdf e .doc. O passo seguinte envolveu a correção (semi)automática dos textos, que receberam cabeçalhos padrão do ESTRA e foram alinhados no nível da sentença. Os textos compilados para esta pesquisa foram divididos em três *corpora*: 1) um *corpus* de textos traduzidos por Paulo Henriques Britto a partir de TFs em inglês americano (CTTB), 2) um *corpus* de textos não traduzidos de Britto em língua portuguesa brasileira (CTOB³) e 3) um *corpus* paralelo (CP) formado por textos traduzidos por Brito (CTTB) e seus respectivos TFs⁴. Foram utilizados ainda dois *corpora* de consulta: o COMPARA e o ESTRA (MAGALHÃES, 2014), para obter valores de referência. Os elementos de convencionalidade foram definidos a partir de 1) uma pesquisa exploratória que investigou um conto traduzido e seu respectivo TF alinhados, de forma manual e minuciosa, e 2) as considerações teóricas feitas pelo próprio tradutor (*cf.* BRITTO, 2012). Depois, os textos receberam etiquetas relativas às

³ Embora tenha sido dada preferência ao termo “textos não traduzidos” na escrita desta tese, a sigla CTOB - formada a partir de “*corpus* de textos originalmente escritos por Britto” - foi escolhida por uma questão prática, para manter o mesmo número de letras e, ainda assim, poder formar uma sigla diferente do CTTB.

⁴ Considerando a especificidade do *corpus* de estudo da presente pesquisa, optou-se por empregar os termos “texto-fonte” e “texto não traduzido” de forma distinta. Os textos do CTOB serão referidos como textos não traduzidos, enquanto os textos em língua inglesa que compõem o CP serão referidos como textos-fonte.

mudanças na tradução. O programa *WordSmith Tools*© 6.0 (SCOTT, 2012) foi utilizado para a extração de dados estatísticos e para a investigação das linhas de concordância.

Os resultados alcançados pelos trabalhos que compõem o arcabouço teórico desta pesquisa permitiram elaborar os seguintes pressupostos:

1) É possível usar ferramentas da LC para investigar o perfil de tradutores individuais identificando padrões de escolhas indicativos de seu estilo individual (BAKER, 1999, 2000).

2) Tradutores parecem optar pela fluência nos TTs, preferindo usos convencionais e típicos da língua-alvo, o que estaria associado a instâncias de normalização nos TTs (BAKER, 1999, 2000). Por outro lado, tradutores experientes podem encontrar soluções criativas para recriar nos TTs os significados veiculados nos TFs através do emprego de expressões convencionais associando, portanto, convencionalidade ao uso criativo da linguagem (MUNDAY, 2008).

3) A variedade nas escolhas linguísticas dos autores da língua-fonte sofre uma espécie de padronização por causa das preferências idioletais do tradutor por determinadas estruturas típicas ou expressões convencionais da língua (MUNDAY, 2008).

4) É mais provável encontrar indícios da presença do tradutor em hábitos linguísticos fora do seu controle consciente (BAKER, 2000), sendo possível ainda identificar padrões de escolhas distintos por parte dos tradutores quanto a escolhas conscientes e escolhas subconscientes (WALDER, 2013).

5) Certas estratégias de tradução (identificadas pelas estruturas que as realizam) estão relacionadas ao estilo de tradutores individuais (BAKER, 2004).

6) Exemplos de expressões convencionais relacionados ao uso criativo da linguagem são menos prováveis de serem encontrados em textos traduzidos que em textos não traduzidos e, ao se comparar textos traduzidos e textos não traduzidos de um mesmo autor/tradutor, são identificados padrões de idiomaticidade distintos (BAKER, 2007).

7) Considerando os problemas impostos pela tradução de colocações, de acordo com Baker ([1992] 2011), o tradutor enfrenta dificuldades particularmente em relação à manutenção no TT de colocações marcadas no TF, em relação às colocações específicas de determinadas culturas e também em relação a tensões entre precisão e naturalidade.

8) O conceito de colocação é mais complexo que o esperado e seu tamanho é flexível, assim, as preferências linguísticas em relação a expressões convencionais podem ser verificadas em vários níveis diferentes, do morfema à oração (SINCLAIR, 1991, 2004).

9) Os resultados obtidos com o auxílio do computador muitas vezes entram em conflito com a intuição do falante, portanto, é possível que algumas impressões do autor/tradutor sobre suas próprias escolhas linguísticas sejam inexatas (SINCLAIR, 1991, 2004).

10) De acordo com o conceito de “combinação lexical frequente”, identifica-se uma colocação e, a partir de seu núcleo, identifica-se também se há e quais são os outros colocados favoritos do autor/tradutor para aquele mesmo núcleo (STUBBS, 1995a e b).

11) Alguns tradutores enfrentam certa dificuldade para adaptar seu estilo ao estilo de TFs diferentes, sobretudo quando seu estilo pessoal se distancia muito do estilo do TF (PEKKANEN, 2010).

12) A investigação de mudanças na tradução permite identificar o perfil de tradutores, fornecendo indícios de seu estilo (BLAUTH, 2015).

13) A criatividade e as preferências individuais dos tradutores interferem em graus variados na configuração do conjunto de escolhas linguísticas identificado nos TTs (PEKKANEN, 2010).

Esses pressupostos, que serão retomados com mais detalhes no capítulo de Fundamentação Teórica e, posteriormente, nas discussões dos resultados, permitiram a elaboração das seguintes perguntas de pesquisa:

1) É possível identificar um padrão de escolhas indicativo do estilo individual de Paulo Henriques Britto?

2) O emprego de elementos de convencionalidade nos TTs de Britto está associado a instâncias de normalização ou ao uso criativo da linguagem?

3) Há uma “padronização” da voz dos autores nos TTs?

4) Há padrões distintos quanto a escolhas conscientes e escolhas subconscientes por parte de Britto? Se sim, é mais provável encontrar indícios da presença de Britto em hábitos linguísticos fora do seu controle consciente?

5) Há estratégias de tradução relacionadas ao estilo de Britto?

6) Há menos exemplos de expressões convencionais nos TTs de Britto que nos seus textos não traduzidos? Se sim, o tradutor apaga usos criativos da linguagem dos TFs? É possível identificar um padrão distinto de idiomaticidade para os TTs de Britto e para os seus textos não traduzidos?

7) Britto enfrenta dificuldade em relação à manutenção no TT de colocações marcadas no TF, à tradução de colocações específicas de determinadas culturas ou ainda a tensões entre precisão e naturalidade?

8) As preferências linguísticas de Britto em relação a expressões convencionais podem ser verificadas em vários níveis diferentes, do morfema à oração?

9) As impressões de Britto sobre suas próprias escolhas linguísticas estão corretas?

10) É possível identificar, a partir do núcleo de uma colocação, um conjunto de colocados favoritos de Britto para aquele mesmo núcleo?

11) Quando o estilo do TF está distante do estilo de Britto como autor, ele encontra mais dificuldade para adaptar seu estilo pessoal ao estilo do TF?

12) Há um padrão de escolhas em relação a mudanças na tradução que seja indicativo do estilo de Britto como tradutor?

13) A criatividade e as preferências individuais de Britto interferem em graus variados na configuração do conjunto de escolhas linguísticas identificado em cada um de seus TTs? Se sim, há elementos linguísticos nos TFs que motivam as escolhas de Britto em relação à convencionalidade em língua portuguesa?

A partir dessas perguntas de pesquisa, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos desta tese:

1) Identificar um padrão de escolhas linguísticas, em relação à convencionalidade e a mudanças na tradução, indicativo do estilo de Paulo Henriques Britto, apontando diferenças, caso sejam verificadas, entre escolhas conscientes e subconscientes do tradutor.

2) Verificar se o emprego de expressões convencionais por Britto está relacionado à normalização ou à criatividade.

3) Verificar se há padronização da voz dos autores dos TFs.

4) Identificar as estratégias de tradução empregadas por Britto.

5) Comparar os textos traduzidos e os textos não traduzidos de Britto em relação ao emprego de expressões convencionais.

6) Apontar, caso haja, as dificuldades de Britto em relação à tradução de colocações marcadas no TF, à tradução de colocações específicas de determinadas culturas ou a tensões entre precisão e naturalidade.

7) Identificar, caso haja, a) preferências linguísticas de Britto em relação à convencionalidade nos níveis do morfema à oração e b) um padrão de escolhas também em relação a combinações lexicais frequentes.

8) Verificar se as impressões de Britto sobre o seu próprio trabalho são exatas.

9) Verificar se a criatividade e as preferências individuais de Britto interferem na configuração do conjunto de escolhas linguísticas identificado em cada um de seus TTs.

Considerando o arcabouço teórico adotado, os pressupostos reunidos a partir das pesquisas resenhadas e, em certa medida, as limitações enfrentadas por esses trabalhos, foram elaboradas algumas hipóteses para investigação deste *corpus* de estudo:

1) Britto tem um padrão de escolhas linguísticas como tradutor, relacionadas ao emprego de expressões convencionais e a mudanças na tradução que é, até certo ponto, independente das escolhas dos autores dos TFs (BAKER, 2000; WALDER, 2013; MUNDAY, 2008, PEKKANEN, 2010).

2) Em consonância com o que foi apontado por Walder (2013), há relação entre as escolhas linguísticas feitas por Britto nos TTs e nos seus textos não traduzidos. No entanto, de acordo com Baker (2007), o padrão de idiomaticidade verificado para os TTs é distinto do padrão verificado para os textos não traduzidos.

3) Britto faz uso de expressões convencionais relacionadas à criatividade nos TTs, uma vez que seu posicionamento teórico defende o uso criativo da linguagem e parece se alinhar mais com Munday (2008) que com Baker (1999, 2000).

4) Há padronização da voz dos autores dos TFs (MUNDAY, 2008).

5) Os padrões de escolha de Britto principalmente em relação a hábitos linguísticos fora do seu controle consciente são verificáveis (BAKER, 2000), sendo possível ainda fazer distinções entre escolhas conscientes e subconscientes (WALDER, 2013).

6) Três dos problemas descritos por Baker ([1992] 2011) em relação à tradução de colocações – manutenção no TT de colocações marcadas no TF, tradução de colocações específicas de determinadas culturas e dificuldade para encontrar equilíbrio entre precisão e naturalidade - ocorrem no *corpus* de estudo desta pesquisa, pois, duas das coletâneas de contos compiladas (*Goodbye, Columbus*, de Philip Roth, e *Interpreter of Maladies*, de Jhumpa Lahiri) apresentam temáticas bastante específicas (cultura judaica e cultura indiana).

7) Britto apresenta algum grau de dificuldade em adaptar seu estilo aos estilos dos TFs (PEKKANEN, 2010).

Esta tese apresenta, além desta Introdução, cinco capítulos. O primeiro capítulo versa sobre o referencial teórico em que se baseia esta pesquisa e discorre com mais detalhes sobre cada um dos pressupostos elencados nesta Introdução. O segundo capítulo apresenta o detalhamento da composição do *corpus* e da metodologia adotada. Esse capítulo traz informações sobre o tradutor/autor Paulo Henriques Britto e sobre os autores dos TFs a fim de fornecer subsídios para a discussão de resultados, tecendo considerações sobre o estilo de cada um. O terceiro capítulo traz uma análise quali-

quantitativa dos elementos de convencionalidade investigados no *corpus* de estudo. O quarto capítulo apresenta um estudo sobre mudanças na tradução (*shifts*) e sobre uso criativo da linguagem. O quinto capítulo encerra as considerações finais, apontando limitações e sugestões para futuras pesquisas. Por fim, são listadas as referências bibliográficas deste trabalho.

O capítulo a seguir apresenta a fundamentação teórica desta pesquisa de doutorado.

CAPÍTULO 1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo descreve o suporte teórico deste trabalho e está dividido em três seções. A primeira seção apresenta os estudos de estilo da tradução, especialmente na linha de pesquisa dos ETBC a que esta pesquisa se afilia. Essa seção se ocupa de questões pertinentes à definição do conceito de estilo tomado, primeiro, a partir das contribuições da Estilística e, em seguida, no contexto dos ETBC. Nessa seção, são apresentadas principalmente as pesquisas que investigaram o estilo do tradutor literário e cujos resultados forneceram subsídios para a elaboração de pressupostos e perguntas de pesquisa no presente trabalho. É pertinente lembrar que a menção ao estilo da tradução engloba nesse contexto tanto estilo como atributo textual, ou seja, estilo do texto traduzido, quanto estilo como atributo pessoal, ou seja, estilo do tradutor. A segunda seção deste capítulo traz pesquisas que se ocuparam do estudo da convencionalidade e do uso criativo da linguagem em textos traduzidos. Foram consideradas, nessa seção, pesquisas sobre idiomaticidade segundo a perspectiva específica dos estudos de estilo da tradução e, também, no âmbito dos ETBC. Essa seção forneceu as bases para as análises empreendidas nos Capítulos 3 e 4. A terceira seção reúne trabalhos sobre mudanças na tradução, especialmente aquelas que se propuseram a investigar o estilo da tradução. Essa última seção contribuiu, em particular, com subsídios para as análises apresentadas no Capítulo 4.

1.1. Estilo da tradução

Os estudos de estilo da tradução surgem a partir da interface dos ETBC e da Estilística, e importam da última o conceito de estilo na linguagem. É justamente esse conceito de estilo, conforme apresentado por Leech e Short ([1981] 2007) no âmbito da Estilística, que é tomado como base nos estudos que investigam o estilo nos ETBC. Leech e Short ([1981] 2007) investigam questões pertinentes ao estudo do estilo literário em textos não traduzidos e partem de uma interpretação geral em que estilo “se refere à forma como a língua é utilizada em determinado contexto, por determinada pessoa, para determinado propósito etc”⁵. Esses autores lembram também que estilo é uma palavra relacional, pois é possível falar sobre “o estilo de x” sendo que “x” pode ser, por exemplo, um autor, uma escola literária ou um período. Leech e Short ([1981] 2007) defendem que a estilística literária tem, de maneira mais ou menos explícita, o objetivo de explicar a relação entre língua e função artística, indo além da mera identificação de estruturas. As perguntas mais relevantes, para esses autores, não se referem tanto a “o que”, mas “por que” e “como”. Para eles, não teria propósito estudar o estilo de Henry James, por exemplo, a menos que se entendesse que isso pode trazer informações sobre o artista literário Henry James.

A contribuição de Leech e Short ([1981] 2007) pode ser adaptada ao estudo do estilo da tradução, como Saldanha (2011) sugere, não apenas para guiar a elaboração de uma metodologia de estudo mais precisa como também para corroborar a afirmação de Baker (2000) de que a tradução é uma atividade criativa. Para Baker (2000), se os teóricos dos Estudos da Tradução (ET) pretendem argumentar de forma convincente

⁵ Minha tradução para “(...) *it refers to the way in which language is used in a given context, by a given person, for a given purpose, and so on*”. LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction*. Harlow: Pearson, 2007. p. 9.

que a tradução é, de fato, uma atividade criativa, é fundamental que se estude a questão do estilo, principalmente da tradução literária, do ponto de vista do tradutor e não do autor. Leech e Short ([1981] 2007) completam suas considerações lembrando que a estilística pode ainda ter como objetivo estudos estatísticos de estilo com o propósito de averiguar a atribuição de uma obra. Segundo os autores, esse tipo de investigação tende a se concentrar em traços linguísticos não necessariamente relevantes do ponto de vista artístico, como variedade lexical, tamanho de sentenças e frequência de certas conjunções, considerando o princípio de que é mais provável encontrar a impressão digital de um autor em hábitos fora do seu controle artístico consciente. Essa mesma noção foi transposta para os ETBC dialogando em larga medida com os trabalhos de Baker (1999, 2000, 2007), pois a autora considera o conceito de estilo como tratado na Linguística Forense. Baker (2000) destaca que os ET herdaram da literatura a preocupação com o estilo das mentes criativas de escritores e da linguística a preocupação com o estilo de grupos sociais no uso da linguagem. A autora ressalta que a noção de estilo esteve historicamente ligada à concepção de escritos originais, sendo necessário agora aprimorar os meios metodológicos de investigação do estilo para textos traduzidos.

O trabalho de Simpson (1993) sobre ponto de vista narrativo também contribuiu para a elaboração de propostas de investigação do estilo do tradutor (*cf.* MUNDAY, 2008). De acordo com Simpson (1993), ao desenvolver um estilo em particular, o escritor privilegia leituras e formas de ver a realidade enquanto suprime ou apaga outras. Assim, segundo esse autor, o objetivo da noção de estilo quando transposta aos estudos de estilo da tradução é também ir além do superficial na linguagem, decodificando escolhas estilísticas que dão significado ao texto.

Essas contribuições da Estilística foram incorporadas pelos estudos de estilo da tradução a fim de aplicar o conceito de estilo ao estudo de textos traduzidos, permitindo a elaboração de metodologias de investigação do estilo da tradução (como atributo pessoal e como atributo textual). No contexto dos estudos de estilo da tradução, o estilo de um tradutor em particular está relacionado a determinado conjunto de escolhas linguísticas feitas por ele em um texto, a partir de um conjunto maior de opções oferecidas pelo sistema linguístico. Nesse ponto, é preciso também especificar que o termo “escolha” pode ser entendido de duas formas distintas: de acordo com a tradição da estilística forense – a investigação de hábitos linguísticos automáticos e não conscientes – ou de acordo com a tradição da estilística literária – a investigação de escolhas retóricas deliberadas. As pesquisas que investigam estilo no âmbito da estilística literária buscam analisar, *a priori*, as escolhas linguísticas conscientes de um escritor, pois pretendem compreender as relações entre características linguísticas e função artística. No âmbito dos ET, entretanto, Baker (2000) propõe o caminho da estilística forense, também defendido em certa medida por Leech e Short ([1981] 2007) para os textos monolíngues, a fim de investigar padrões de escolhas que estejam fora do controle consciente do tradutor e, assim, poder aferir traços linguísticos do texto ao estilo do tradutor.

No âmbito dos ETBC, várias pesquisas se propuseram a investigar a voz do tradutor no texto traduzido. Essas pesquisas se concentraram em rastrear padrões de escolhas que podiam ser atribuídos ao tradutor e, ao permitirem a elaboração do perfil de tradutores individuais, contribuíram para o desenvolvimento dos estudos de estilo da tradução. Embora o uso de ferramentas da LC em pesquisas dos ET tenha surgido no

início dos anos 1990, foi a posterior compilação de bancos de dados extensos que tornou possível testar teorias como, por exemplo, aquelas destinadas à descrição da tradução como evento comunicativo diferenciado (BAKER, 1993, 1995, 1996). Antes disso, as pesquisas de estilo se baseavam na análise de exemplos isolados. De forma mais abrangente, os ET sempre demonstraram preocupação com a presença do tradutor no texto traduzido. No entanto, apenas em 1995, com a publicação de *The Translator's Invisibility*, de Lawrence Venuti, o tema ganhou proporção no contexto dos ET e serviu de base para a discussão em torno da voz ou presença discursiva do tradutor no texto traduzido (cf. HERMANS, 1996; SCHIAVI, 1996). Munday (2008) ressalta que, na narratologia, “voz” normalmente se refere ao conceito de voz narrativa e está relacionada à voz ou presença do autor conforme é percebida através do ato de narração. De acordo com Munday (2008), no texto traduzido, além da voz do autor, há a “presença discursiva” do tradutor (cf. HERMANS, 1996) ou a “presença mediadora” do tradutor (cf. MALMKJAER, 2004). Ele distingue ainda a noção de voz – um conceito abstrato, relacionado à voz narratorial – de estilo – um conjunto de elementos concretos, recursos linguísticos empregados para expressar a voz. Trabalhos como o de Hermans (1996) e de Schiavi (1996), embora pertencentes a abordagens distintas dos ET (culturais/literárias), contribuíram para reformular a maneira como o texto traduzido é percebido e para incluir o tradutor no modelo narratológico do processo narrativo. A partir disso, a preocupação com a voz do tradutor nos ETBC passou a ir além da investigação de similaridades nos textos traduzidos, englobando as diferenças identificadas entre TF e TT que pudessem ser atribuídas especificamente ao tradutor. O primeiro trabalho a destacar isso é Baker (1999), ao investigar o tradutor profissional.

A representação das escolhas feitas pelo autor, no TF, pode se dar de maneiras diversas no TT. As pesquisas no âmbito dos ETBC se preocupam justamente com a identificação e a descrição dessas escolhas do tradutor nos TTs. Nesse ínterim, atualmente, vários *corpora* têm sido compilados a partir de propósitos específicos e pertinentes à área da tradução com o objetivo de fornecer suporte quantitativo a estudos antes feitos com base em exemplos isolados. Esses estudos podem focar o estilo do texto traduzido (atributo textual), o estilo do tradutor (atributo pessoal) ou ainda se valer de uma proposta combinada dos dois, conforme é sugerido por Saldanha (2011). Nos estudos de estilo do tradutor são usados *corpora* paralelos ou comparáveis de acordo com a abordagem de estudos pretendida. Os pesquisadores interessados em questões de estilo dentro dos ETBC podem trabalhar a partir de premissas distintas. Mona Baker (1999, 2000, 2004, 2007), por exemplo, considera TTs fora de sua relação com os seus respectivos TFs, valendo-se de *corpora* comparáveis; enquanto isso, Kenny (1998, 2001, 2005) e Saldanha (2011) trabalham com *corpora* paralelos estabelecendo uma relação entre TF e TT.

Baker (1999) recorre às “leis” de Toury (*cf.* TOURY, 1995) para discutir o papel do uso de *corpora* na investigação do comportamento linguístico de tradutores. A autora explica que há indícios de que os tradutores prefiram padrões típicos da língua para a qual traduzem e desconsiderem inovações. Para ela, é essencial que se estudem então as escolhas criativas de tradutores nos TTs. Para essa autora, as pesquisas que utilizam *corpora* parecem, em geral, se concentrar nas regularidades e ignorar os padrões atípicos. Baker (1999) afirma que essa percepção é errônea, pois, é justamente por conta da capacidade de estabelecer padrões regulares que se pode identificar o que é atípico e, portanto, criativo - indícios da voz do tradutor. A autora sugere possibilidades

de pesquisa a partir do *Translational English Corpus* (TEC) para investigar textos traduzidos, em larga escala, com o auxílio de ferramentas da LC. Para Baker (1999), ao assumir, por exemplo, que textos traduzidos são menos específicos que textos não traduzidos no que se refere a escolhas linguísticas (*cf.* PYM, 2001), é preciso definir o que se entende por “menos específico”. Para isso, ela aponta a necessidade de mais pesquisas com o uso de *corpora* a fim de determinar se isso significaria que o TT apresenta uma variedade lexical menor que o TF, ou se seria possível esperar padrões similares de simplificação em termos de estruturas sintáticas, ou ainda identificar um padrão quanto ao tamanho de sentenças. Baker (1999) recorre aos resultados de Kenny (1999) para destacar a importância de se investigar criatividade na tradução, atestando ser o caminho para verificar se, e em que medida, estaria correto assumir que o texto traduzido é mais conservador e apresenta padrões linguísticos típicos da língua-alvo.

Embora Baker (2000) reconheça a existência de uma tradição de pesquisa em associar o estudo do estilo a textos não traduzidos, a autora apresenta uma proposta metodológica para o estudo do estilo de tradutores, investigando marcas de sua presença discursiva no texto traduzido. Ela explica que a noção de estilo nos estudos linguísticos e literários foi tradicionalmente associada a três possibilidades: o estilo de um autor específico, um conjunto de traços linguísticos presentes em textos de determinado grupo social e existente em dado contexto institucional, e traços linguísticos próprios de textos de um determinado período histórico. A autora escolhe concentrar seu trabalho na investigação do estilo de tradutores específicos e, em seguida, elabora um conceito de estilo nos ET. Baker (2000) entende estilo como uma espécie de impressão digital deixada pelo tradutor no texto traduzido. Essa definição inclui a noção de voz como

expressa por Hermans (1996) e vai além ao considerar o uso consistente, pelo tradutor, de estratégias específicas.

Hermans (1996) enfoca a presença do tradutor nos paratextos e Baker (2000) argumenta que o tradutor estaria presente também nas escolhas linguísticas que ele faz ao traduzir os textos. O conceito de estilo, conforme Baker (2000), refere-se a padrões de escolhas linguísticas recorrentes ou preferidos de um tradutor, os quais podem ser conscientes ou subconscientes⁶. Nesse trabalho, a autora analisa um excerto do TEC com textos traduzidos por Peter Bush e Peter Clark. A metodologia empregada na sua pesquisa considera a razão forma/item padronizada como medida da variedade lexical dos textos e o tamanho médio das sentenças a partir das estatísticas obtidas com o uso do software *WordSmith Tools*©. Em seguida, a autora compara o número de ocorrências das diferentes formas do verbo de elocução “say” nos textos traduzidos. Os resultados apontaram que o tradutor Peter Clark, que traduz textos do árabe, tende a simplificar as sentenças tornando-as menores e usa o verbo de elocução “say”, principalmente sua forma no passado, com muito mais frequência do que Peter Bush, que traduz a partir do português e do espanhol.

A partir desses resultados, é possível elaborar-se dois pressupostos a respeito dos TTs: 1) é possível usar ferramentas da LC para investigar o perfil de tradutores individuais identificando padrões de escolhas indicativos de seu estilo individual e 2) alguns tradutores parecem optar pela fluência no TT, dando preferência a estruturas mais típicas da língua-alvo. Baker (2000) reconhece, entretanto, que o passo seguinte seria a comparação entre TF e TT para avaliar uma possível influência da língua de

⁶ O termo “subconsciente” é citado aqui conforme foi empregado por Baker (2000), ou seja, para se referir a hábitos linguísticos até certo ponto automáticos.

origem e do estilo do autor. Uma forma de aprofundar a análise do estilo, conforme proposto por Baker (2000), seria examinar padrões menos prováveis de serem reproduzidos conscientemente. Embora seja uma tarefa complexa, para a autora é possível identificar padrões de escolhas que juntos formem uma impressão digital ou estilo de um tradutor literário em particular. A descrição desses padrões associada ainda a considerações sobre o contexto em que os TTs são elaborados torna possível fazer constatações sobre o tipo de mundo que o tradutor escolheu recriar. A autora reconhece, em suas conclusões, que a metodologia deve ser aperfeiçoada encontrando-se maneiras para distinguir elementos de estilo que possam ser atribuídos unicamente ao tradutor.

Além da decisão de investigar um *corpus* paralelo, alguns pesquisadores adotaram uma abordagem híbrida do estudo do estilo, considerando elementos do estilo do texto traduzido e do estilo do tradutor, como, por exemplo, Munday (2008). O autor buscou elementos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) para discutir o estilo como marcas linguísticas de um tradutor, comparadas ao estilo do autor do TF e ao estilo de outros tradutores. Munday (2008) investiga padrões repetidos que poderiam ser representativos do estilo da tradução de tradutores individuais e como esses padrões poderiam afetar a voz do autor do TF. O autor considera, além do estilo da tradução, questões relativas à ideologia em traduções e apresenta, fundamentalmente, duas possibilidades para a investigação de TTs. Uma delas consiste na compilação de traduções feitas por tradutores diferentes a partir de um mesmo TF – como foi feito, no âmbito do *GRANT*, por Magalhães e Barcellos (2015), Magalhães, Castro e Montenegro (2013) e Magalhães e Blauth (2015). A outra consiste na compilação de textos traduzidos por um mesmo tradutor a partir de TFs de autores diferentes – como adotado na presente pesquisa. Ao apresentar os resultados obtidos na investigação do estilo do

tradutor Gregory Rabassa, a partir de suas traduções de dois autores diferentes, Munday (2008) faz algumas considerações que podem ser associadas à convencionalidade, principalmente quando apresenta exemplos em que o tradutor encontrou soluções criativas para recriar o significado veiculado no TF, valendo-se de expressões convencionais da língua para a qual estava traduzindo.

Munday (2008) foi capaz também de apontar algumas características principais do estilo do tradutor Rabassa como o uso frequente de coloquialismos tipicamente norte-americanos, amplificações sintáticas, atenção especial à sonoridade, resistência a empréstimos culturais do espanhol e preferências lexicais, sobretudo, no campo semântico da loucura. Esses resultados fornecem subsídios que possibilitam reformular, *a priori*, pelo menos um dos pressupostos elaborados a partir do trabalho de Baker (1999, 2000). Os resultados de Munday (2008) sobre a investigação do estilo de um tradutor literário experiente indicaram que esse tradutor se afastou do uso, até certo ponto esperado nos TTs de acordo com Baker (1999, 2000), de estruturas típicas da língua-alvo com caráter normalizador. Cabe lembrar que, em Baker (1999, 2000), a convencionalidade está relacionada à fluência e é considerada normalizadora. Dessa forma, pode-se considerar o uso criativo da linguagem pelo tradutor como um fator relevante para reformular o pressuposto original de que o tradutor, ao preferir estruturas típicas da língua-alvo, estaria produzindo um texto mais conservador. De acordo com Munday (2008), a criatividade do tradutor pode estar também relacionada a escolhas linguísticas típicas da língua-alvo com o propósito de construir nos TTs os significados dos TFs. Um pressuposto de pesquisa possível então, a partir de Munday (2008) – e considerando especificamente os resultados da investigação do estilo de Rabassa – é que a variedade nos autores da língua-fonte sofra uma espécie de padronização por causa

das preferências idioletais do tradutor por determinadas estruturas típicas ou expressões convencionais da língua.

Outra autora que adota uma abordagem híbrida é Gabriela Saldanha. Saldanha (2011) considera várias das pesquisas mencionadas até aqui a fim de propor objetivamente o estudo do estilo da tradução de uma forma combinada, unindo o estudo do estilo como atributo pessoal (estilo do tradutor) e como atributo textual (estilo do texto traduzido). A autora concentra sua atenção em questões metodológicas e tenta identificar componentes essenciais que precisam ser considerados antes que determinadas características de estilo possam ser atribuídas a um tradutor em específico. Em relação ao estilo do tradutor, é importante que os padrões de escolha sejam encontrados em vários textos traduzidos, de preferência escritos originalmente por diferentes autores. A partir dos trabalhos de Halliday (1971), Leech e Short (1981) e Short et al. (1996), Saldanha (2011) oferece uma definição revisada de estilo do tradutor, incorporando a necessidade da relevância literária. De acordo com essa definição, seria uma “forma de traduzir” que pode ser reconhecida: 1) em uma variedade de textos traduzidos por um mesmo tradutor, 2) que distingue o trabalho de um tradutor do trabalho de outros tradutores, 3) que consiste em um padrão coerente de escolhas e 4) que é motivado, apresentando uma função perceptível (SALDANHA, 2011, p.30). Saldanha (2011) complementa essa definição atestando que, para atribuir um padrão estilístico específico a um tradutor, esse padrão não pode ser explicado em função do estilo do autor ou do TF, tampouco como resultado de restrições linguísticas. A autora utiliza sua pesquisa sobre o uso de itálicos em *corpus* paralelo formado por textos traduzidos por Peter Bush e Margaret Jull Costa para demonstrar que, embora esses tradutores empreguem recursos estilísticos que não estejam necessariamente

associados a uma característica do TF, suas escolhas são, ainda assim e de certa forma, sensíveis ao TF. Esse resultado dialoga com Magalhães e Barcellos (2015), que encontraram diferenças entre os textos traduzidos por dois tradutores diferentes a partir de um mesmo TF, as quais não podiam ser explicadas pela influência da língua-fonte ou de características do TF, apontando a necessidade de investigar a influência do estilo do autor nas escolhas linguísticas feitas pelo tradutor.

Outro resultado da pesquisa de Saldanha (2011) apontou que os textos de Peter Bush apresentaram um total de empréstimos da cultura de origem significativamente maior que o encontrado nos textos de Margaret Jull Costa. Mesmo quando o empréstimo consistia em um termo específico que provavelmente não seria compreendido pelo leitor do texto traduzido, Peter Bush não o explicava através de notas do tradutor, ao passo que Jull Costa o fazia. Ao analisar o emprego do conectivo “*that*” após os verbos “*say*” e “*tell*”, os resultados atestaram que, enquanto Peter Bush preferia manter o conectivo “*that*” quando o conectivo “*que*” era usado no TF, Margaret Jull Costa com frequência omitia o conectivo na mesma situação. Para Saldanha (2011), esses resultados sugerem que Jull Costa prioriza a fluência do TT, facilitando a experiência de seu leitor, ao passo que Bush tende a deixar que seus leitores confrontem e negociem diferenças culturais. Essa afirmação de Saldanha (2011) em relação a Jull Costa se alinha com o pressuposto formulado a partir do trabalho de Baker (1999, 2000) sobre a possível preferência dos tradutores por estruturas linguísticas típicas e mais comuns da língua-alvo.

Mais recentemente, a pesquisa de Walder (2013) inclui um passo metodológico até então inédito nos estudos de estilo da tradução. A autora compila escritos originais

(conjunto de textos não traduzidos) de autoria do tradutor cujo estilo ela investiga. Walder (2013) considera, principalmente, os trabalhos de Baker (2000), Saldanha (2011) e Munday (2008) como base para analisar um *corpus* comparável formado por trechos de textos não traduzidos escritos por Donal McLaughlin e trechos de traduções feitas por ele, do alemão suíço para o inglês. A autora compara os dados obtidos nesse *corpus* com os dados identificados em um *corpus* de controle formado por textos traduzidos por dezenove tradutores diferentes. Walder (2013) toma como ponto de partida uma sugestão específica de Olohan (2004) de estudar também textos não traduzidos escritos por tradutores no papel de autores. Walder (2013) analisa a razão forma/item padronizada, o tamanho médio de sentenças e a pontuação (uso de travessão). Ao verificar a ocorrência de empréstimos de outras línguas em textos não traduzidos, a autora admite uma possível influência da atividade tradutória na “escrita original” e vice-versa, e esboça também um modelo inicial para o estudo da relação entre o estilo do tradutor do TT e o estilo do autor do TF. Esse modelo sugere que o estilo do tradutor pode ser identificado através da investigação tanto de suas escolhas conscientes quanto de suas escolhas subconscientes. De forma análoga, o estilo do autor poderia ser investigado também pela análise desses dois tipos de escolhas linguísticas. Os resultados obtidos por Walder (2013) apontaram similaridades no uso de elementos estilísticos usados de forma subconsciente e diferenças no uso de elementos estilísticos usados de forma consciente entre o *corpus* de textos traduzidos e o *corpus* de textos não traduzidos. Em suas conclusões, a autora reconhece que a divisão entre “subconsciente/similar” e “consciente/distinto” pode ser muito simplista (WALDER, 2013, p. 63), considerando, sobretudo, as limitações do seu *corpus* de estudo e recomenda o aprofundamento do seu modelo. Ainda assim, Walder (2013) ressalta que seus resultados concordam com Baker (2000) e com Leech e Short ([1981] 2007)

quanto à afirmação de que a “impressão digital” do tradutor é mais provável de ser encontrada em hábitos linguísticos fora do seu controle artístico consciente. A partir do trabalho de Walder (2013), é possível elaborar o pressuposto de que, em um *corpus* similar ao investigado por ela, como o *corpus* de estudo desta pesquisa, poderiam ser verificados padrões de escolhas linguísticas distintos por parte do tradutor – um para escolhas conscientes e outro para escolhas subconscientes.

De forma geral, os estudos de estilo da tradução têm avançado muito a fim de caracterizar a tradução como uma atividade criativa. Além disso, as pesquisas no âmbito dos ETBC permitiram identificar padrões consistentes de escolhas em textos traduzidos, contribuindo para aprofundar a investigação da presença discursiva do tradutor no texto traduzido. Os trabalhos apresentados nesta seção e tomados como base para a presente pesquisa foram, dessa maneira, capazes de identificar perfis de tradutores individuais e apontar tendências “esperadas” em termos de padrões de escolhas linguísticas por parte dos tradutores. Ainda assim, embora tenha sido sugerido por Baker (1999) e por Kenny (1999) como um caminho de pesquisa profícuo em relação ao estilo da tradução, o estudo da convencionalidade em textos traduzidos conta até o presente momento com poucos resultados. A investigação da convencionalidade pode fornecer mais informações sobre o estilo da tradução, principalmente valendo-se da comparação entre textos traduzidos e textos não traduzidos de um mesmo tradutor/autor.

A próxima seção apresenta pesquisas que enfocaram a convencionalidade e faz considerações sobre o uso criativo da linguagem. São apresentados trabalhos que tratam do estudo da convencionalidade especificamente em textos traduzidos.

1.2. Convencionalidade

Baker (2004) apresenta um objeto de interesse mais especificamente voltado para expressões convencionais e se ocupa de preferências estilísticas no trabalho de alguns tradutores em especial. A autora investiga padrões lexicais recorrentes em textos traduzidos e não traduzidos, em inglês, a fim de testar a hipótese de que os tradutores optam pela manutenção da fluência nos TTs. Um de seus resultados indicou alto número de repetição de expressões. Considerando o seu *corpus* de estudo, isso significa que alguns tradutores repetem as mesmas expressões a partir de TFs de autores distintos. Em suas conclusões, a autora aponta como características presentes em *corpora* de textos traduzidos, dentre outras, a preferência por fraseologias recorrentes e grupos lexicais específicos que realizam uma estratégia de tradução (como, por exemplo, a explicitação). Esse resultado confirma achados anteriores da autora (*cf.* BAKER 1999, 2000) e sugere que tradutores preferem, além do emprego de colocações mais comuns na língua-alvo, elementos linguísticos que realizam determinadas estratégias de tradução. Isso permite elaborar o pressuposto de que certas estratégias de tradução (identificadas pelas estruturas que as realizam) podem estar relacionadas ao estilo de tradutores individuais.

No contexto dos ETBC, Baker (2007) justifica seu interesse em estudar a convencionalidade a partir de sua análise sobre as características dos textos traduzidos. A autora reconhece que as fronteiras entre essas características têm se provado pouco objetivas e que padrões léxico-sintáticos identificados como fatores particularmente relevantes para o estilo da tradução nem sempre se enquadram nas características já delimitadas. Um desses fatores é o estudo da convencionalidade em textos traduzidos.

Baker (2007) aponta também que expressões convencionais convidam à manipulação e, enquanto colocações mais ou menos rígidas de uma língua, podem apresentar uma série de questões ao tradutor. O uso dessas expressões pode tornar o texto mais “natural” e aumentar sua fluência para o leitor. Por outro lado, se o tradutor optar pelo seu uso precisa fazer considerações sobre o nível de formalidade do texto traduzido. Ela ressalta que a normalização é uma das principais características atribuídas aos textos traduzidos, o que significa que os tradutores preferem, com mais frequência, padrões típicos da língua-alvo e se distanciam de usos criativos da linguagem. Esse resultado sobre o estudo da convencionalidade em textos traduzidos dialoga de maneira estreita com achados anteriores da autora (*cf.* BAKER 1999, 2000). Dessa forma, como expressões convencionais oferecem construções pré-fabricadas da língua, as quais acrescentariam naturalidade e fluência ao texto, seria plausível assumir que tradutores empregassem ativamente expressões convencionais. No entanto, características como sua estrutura fixa e restrições culturais podem aumentar a complexidade do seu uso.

Os resultados aferidos por Baker (2007) apontaram que os tradutores parecem preferir significados literais de expressões idiomáticas em geral e, em casos específicos, evitar o uso dessas expressões. A autora reconhece, entretanto, que sua pesquisa piloto representa apenas um primeiro passo na investigação de padrões de idiomatidade em textos traduzidos e que não seria possível ainda oferecer generalizações, sendo necessário avançar no estudo da convencionalidade em textos traduzidos. Diferentemente de trabalhos anteriores da autora (*cf.* BAKER, 1999, 2000), as considerações de Baker (2007) sobre expressões convencionais se aproximam um pouco mais do que foi apontado por Munday (2008), quando ele relaciona expertise e criatividade do tradutor ao uso de expressões típicas e convencionais. Os resultados de

Baker (2007) permitem elaborar dois pressupostos em relação ao *corpus* de estudo da presente pesquisa: 1) exemplos de expressões convencionais relacionados ao uso criativo da linguagem são menos prováveis de serem encontrados em TTs e 2) ao se comparar textos traduzidos e textos não traduzidos de um mesmo autor/tradutor, é possível identificar padrões de idiomaticidade distintos.

Baker ([1992] 2011) dedica um capítulo inteiro à concordância acima do nível da palavra. Nesse trabalho, a autora se propõe a analisar padrões lexicais considerando especificamente colocações, expressões idiomáticas e expressões fixas. Ao tratar das colocações, ela admite inicialmente dois significados básicos: 1) restrições semânticas impostas de maneira arbitrária e que não têm relação lógica com o significado das palavras, e 2) tendência de coocorrência das palavras em uma dada língua. Ao comparar padrões de colocação entre o inglês e outras línguas, ela acrescenta que esses padrões variam imensamente entre línguas diferentes, tornando mais complexo o trabalho do tradutor. Baker ([1992] 2011) lista cinco problemas (*pitfalls*) que o tradutor pode enfrentar ao traduzir colocações. O primeiro ocorre quando o tradutor, absorto pelo tema, não observa restrições da língua-alvo quando ela oferece colocações diferentes para expressar o mesmo significado veiculado no texto-fonte. A colocação “*break the law*”, traduzida literalmente, é inaceitável em árabe, que se vale da colocação “contradizer a lei” para a mesma situação. Isso pode produzir, por acidente, construções marcadas na língua-alvo. O segundo problema ocorre quando o tradutor não interpreta corretamente a colocação do TF devido à interferência de sua língua materna. Isso ocorre quando uma colocação na língua-fonte parece ser familiar porque se aproxima, em sua forma, de uma estrutura da língua-alvo. A colocação “*modest means*”, em inglês, é uma referência a recursos financeiros limitados. O equivalente de “*modest*”,

em árabe, é “*mutawaadi*” e pode sugerir um significado similar em apenas algumas colocações como, por exemplo, “*dakhl mutawaadi*” (renda pequena). Se associado a uma pessoa, entretanto, o adjetivo passa a significar que essa pessoa é despreziosa. O terceiro problema relaciona-se com ter de escolher entre precisão e naturalidade. O tradutor procura traduzir uma colocação, não marcada, do TF como uma colocação típica da língua-alvo, enquanto tenta também preservar o significado associado à colocação da língua-fonte. O grau de aceitabilidade de uma mudança de significado depende da relevância dessa mudança em dado contexto. Por exemplo, a colocação “*bad law*”, em inglês, é geralmente traduzida por “lei injusta”, em árabe, pois essa é a colocação mais próxima. A mudança de significado, nesse caso, pode ser relevante se o contexto de ocorrência não apresentar como foco o caráter justo (ou não) da lei. O quarto problema refere-se a colocações que refletem o ambiente sociocultural que lhes permite existência. Se elementos culturais forem significativamente distintos entre a língua-fonte e a língua-alvo, certas associações de ideias causarão estranhamento no leitor do TT. No contexto de escrita acadêmica em inglês, por exemplo, é possível fazer referência a “*lesser-known languages*”. No entanto, não há uma colocação equivalente que veicule o mesmo significado em russo e, além disso, por uma conjuntura político-social na Rússia, é ofensivo fazer distinção entre “*lesser-known languages*” e “*better-known languages*”. O quinto problema se refere a manter o caráter marcado de certas passagens. Combinações pouco comuns podem estar sendo usadas na língua-fonte para suscitar determinada imagem. Em uma situação ideal, uma colocação marcada será traduzida de forma a manter essa característica na língua-alvo. Exemplos mais comuns desse quinto problema podem ser encontrados quando uma palavra é utilizada entre aspas, dentro de uma colocação na língua-fonte, a fim de sugerir uma imagem menos

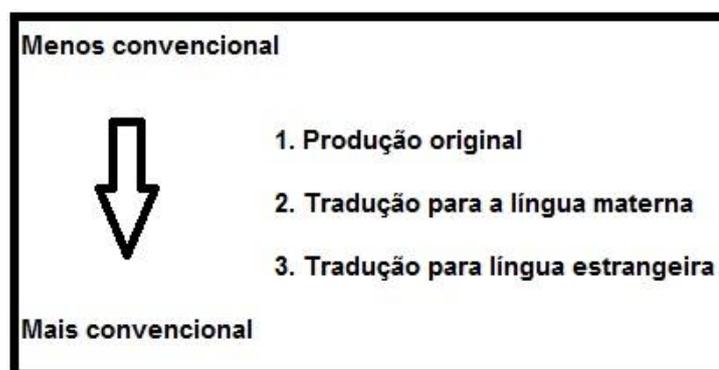
óbvia e o tradutor precisa se valer de outros recursos, na língua-alvo, para manter o caráter marcado dessa colocação.

Enquanto colocações são padrões flexíveis, permitindo variações como, por exemplo, “*deliver a letter*”, “*delivery of a letter*”, “*a letter has been delivered*”, expressões idiomáticas e expressões fixas se distanciam das colocações em dois quesitos: flexibilidade de construção e transparência de significado. Ainda de acordo com Baker ([1992] 2011), não é possível alterar uma expressão idiomática: 1) mudando a ordem das palavras, 2) omitindo uma palavra, 3) acrescentando uma palavra, 4) substituindo uma palavra ou 5) alterando a estrutura gramatical. Da mesma forma, expressões fixas (“*as a matter of fact*”, “*having said that*”) e provérbios (“*practise what you preach*”) admitem quase nenhuma variação. A primeira dificuldade enfrentada pelo tradutor em relação a expressões idiomáticas e expressões fixas é reconhecê-las. É possível que exista uma construção similar na língua-alvo ou ainda que essa construção similar se aplique a um contexto distinto. Em relação a expressões idiomáticas e expressões fixas que englobam elementos culturais específicos, Baker ([1992] 2011) lembra que não necessariamente sejam “intraduzíveis”. Por exemplo, “*to carry coals to Newcastle*”, embora seja uma expressão específica do inglês e traga uma referência a “*Newcastle coal*” como sinônimo de abundância, pode encontrar opções que se valem também de elementos culturais específicos em outras línguas como, nesse caso, no alemão “*Eulen nach Athen tragen*” (que literalmente, em inglês, se traduziria por “*to carry owls to Athens*”).

Stewart (2000) oferece uma revisão de literatura compreensiva para analisar a ideia – corroborada por resultados de pesquisas nos ETBC – de que padrões linguísticos

são hábitos e de que a produção da língua tende a padrões convencionais. De forma mais pontual, ela sugere que textos traduzidos são, sintático e lexicalmente, mais convencionais que textos não traduzidos. Kenny (1998) admite também essa tendência à convencionalidade na língua, mas adota uma postura diferente explicando que isso permite que usos criativos da linguagem sejam assim identificados. Stewart (2000) elabora uma “hipótese de graus de convencionalidade” e a ilustra conforme pode ser verificado na Figura 1, a seguir.

Figura 1: Declínio da Convencionalidade



Fonte: Stewart (2000, p. 80), figura traduzida.

Para a autora, à medida que se distancia da “produção original”, no sentido de texto não traduzido, a linguagem empregada se torna mais convencional. Essa afirmação de Stewart (2000) reforça o pressuposto, elaborado anteriormente a partir do trabalho de Baker (2004, 2007), de que é mais provável encontrar exemplos de uso criativo da linguagem em textos não traduzidos que em textos traduzidos.

Kenny (1998) recorre ao conceito de normalização (*cf.* BAKER, 1997), uma tendência a exagerar características da língua-alvo e obedecer a seus padrões típicos, para investigar padrões lexicais em TTs. Um conceito relevante cunhado nesse trabalho é o de sanitização (KENNY, 1998, p. 6-7). Para a autora, isso ocorre quando o leitor do

TT percebe uma passagem de forma mais suave (ou domesticada) que o leitor do TF. Nas ocorrências de sanitização, nem sempre é possível identificar de imediato as estruturas que podem ser responsáveis por causar essa “sensação” no leitor, mas um estudo do vocabulário do TF, sobretudo em relação à prosódia de certos itens lexicais pode evidenciar traços das palavras da língua-fonte que estão faltando no TT. Kenny (2000) se vale mais uma vez do conceito de normalização, embora se dedique especificamente à investigação da criatividade em um *corpus* paralelo de textos literários. A autora apresenta um estudo sobre *hapax legomena*, palavras que ocorrem uma única vez, considerando uma base quantitativa para medir a criatividade lexical e se preocupa *a priori* em testar meios (semi)automáticos de busca no *corpus*.

O estudo da convencionalidade tem relação direta com a investigação de colocações, expressões idiomáticas e expressões fixas na língua. Nesse sentido, as pesquisas empreendidas por John Sinclair, no contexto da LC, sobre colocações foram fundamentais e serviram de base para os estudos empreendidos no âmbito dos ETBC, fornecendo subsídios para grande parte das pesquisas já citadas neste capítulo. Sinclair (1991) aborda a análise de *corpora* com o uso de ferramentas computacionais para tecer considerações sobre o papel de destaque da fraseologia na língua em uso. O trabalho do autor é seminal e pioneiro na investigação de padrões linguísticos. O autor analisa a noção de palavra, seu estudo através da lematização, frequências de ocorrência, concordância e colocações. Uma das observações feitas por Sinclair (1991) é que o processamento computacional fornece resultados, muitas vezes, conflitantes com a intuição do falante. Além disso, o conceito de colocação revela-se na prática mais complexo que o esperado. Sinclair (1991) atesta ainda que o computador faz pouco mais que um trabalho mecânico de registros, mas desafia descrições linguísticas de maneira

fundamental. Para o autor, o progresso estaria justamente em concentrar a atenção nos pontos de conflito, relacionando categorias existentes com evidência de uso.

O estudo da convencionalidade proposto nesta pesquisa dialoga, de forma mais estreita, com a perspectiva defendida por Sinclair (2004) sobre uma metodologia de investigação do texto que seja flexível, a fim de acomodar as novas informações que poderão emergir durante a análise. O autor afirma que o ponto inicial da descrição de significado em uma língua é a palavra, unidade que alinha gramática e vocabulário. Embora a palavra mantenha o *status* de unidade primária de significado lexical, como pode ser verificado em dicionários, Sinclair (2004) chama a atenção para exemplos como as palavras compostas, em que cada uma das unidades possui significados independentes e, uma vez associadas, assumem um significado que é diferente do que se obteria através da simples combinação de seus significados individuais. O autor trata então das expressões idiomáticas e atesta que, da mesma forma, o seu significado não corresponde a simples concatenação dos significados de cada uma das unidades que as compõem. Sinclair (2004) menciona ainda expressões fixas, clichés, provérbios, termos técnicos e jargões como exemplos de padrões reconhecíveis em que a independência da palavra é de alguma forma comprometida. Para o autor, em descrições convencionais da língua, sejam lexicais ou gramaticais, esses exemplos são marginalizados, pois não se encaixam dentro de um padrão organizado. As palavras individuais em uma expressão podem apresentar todo o tipo de relação para a realização de significado. O autor identifica ainda as colocações, coocorrências frequentes de palavras, como um último tipo que não possui impacto tão forte sobre os significados individuais das palavras. Sinclair (2004) recupera dois princípios elaborados por ele (“*open-choice principle*” e

“*idiom principle*”⁷) e atesta que a preponderância do uso localiza-se entre os dois. Quando a tendência recai sobre a idiomaticidade, fala-se de “tendência fraseológica”, em que as palavras tendem a coocorrer e formar significados através de sua combinação, incluindo-se nesse contexto as colocações e outras formas de idiomaticidade. Assim, onde estaria o limite fronteiro entre um item relativamente independente e outro item em um contexto tão fortemente determinante que se sente a necessidade de aumentar esse limite e reconhecer uma construção maior? (SINCLAIR, 2004, p. 29). Uma hipótese é a noção de que um item linguístico possa ser estendido, de forma a ser possível percebê-lo como unidade de significado. O autor investiga construções como, por exemplo, “*naked eye*” e “*true feelings*” a fim de reunir evidências a favor dos itens lexicais compostos e atestar que a tendência à coocorrência de palavras é muito forte, sendo necessário alargar os horizontes de busca para investigar unidades de significado. Todas essas considerações servem de base para as discussões que o autor propõe sobre a organização do texto e a relação entre léxico e gramática. Nesse último contexto, especificamente em relação ao estabelecimento do item lexical como uma categoria abstrata e distinta da palavra, Sinclair (2004) enfatiza que é preciso para isso considerar o significado e não sobrecarregar a discussão com todos os problemas que o conceito de significado implica.

A partir de Sinclair (1991, 2004), é possível elaborar dois pressupostos: 1) se o conceito de colocação é mais complexo que o esperado e seu tamanho é flexível, as preferências linguísticas do tradutor em relação à convencionalidade podem ser verificadas em vários níveis diferentes, do morfema à oração, e 2) se os resultados

⁷ Sinclair (1991) faz distinção entre os princípios de “*open-choice principle*” e “*idiom principle*”. O primeiro, “*open-choice principle*”, ou “tendência terminológica”, identifica a linguagem como o resultado de um grande número de escolhas complexas. Já o segundo, “*idiom principle*”, ou “tendência fraseológica”, se refere ao grande número de frases pré-fabricadas disponíveis na língua ao falante.

obtidos com o auxílio do computador muitas vezes entram em conflito com a intuição do falante, é possível que algumas impressões do tradutor sobre suas escolhas linguísticas ao traduzir se provem inexatas.

Ainda no âmbito da LC, Michael Stubbs dá continuidade aos trabalhos de John Sinclair em vários aspectos e também fornece subsídios a pesquisas nos ETBC. Stubbs (1995a) analisa colocações e perfis semânticos para tratar de dificuldades específicas em estudos quantitativos. O autor explica que os trabalhos sobre colocações lexicais consideram duas premissas: 1) palavras possuem perfis semânticos distintos (prosódias) e 2) a força de associação entre palavras pode ser medida em termos quantitativos. Essas premissas podem ser combinadas na identificação de perfis semânticos comparativos de palavras que mostrem quais colocados de uma determinada palavra, tomada como núcleo, são frequentes e característicos. Analisando linhas de concordância e frequências de ocorrência, o autor começa sua pesquisa pelo verbo “*cause*” e seus colocados. Stubbs (1995a) constata que quase 80% desses colocados possuem prosódia negativa, o que por não ter sido sua hipótese inicial, corrobora as conclusões de Sinclair (1991). O autor finaliza suas observações com uma nota sobre a Estilística e o conceito de proeminência, esse último dependente de avanços na identificação de padrões. Stubbs (1995a) argumenta assim que a prosódia semântica é um tipo de mecanismo coesivo específico, que se estende por várias palavras e cria, no exemplo de “*cause*”, a expectativa de palavras negativas e provavelmente abstratas.

Stubbs (1995b) discute colocações e a conotação cultural de palavras comuns a partir dos processos de aprendizagem de uma língua, incluindo pedaços “congelados”

repetidos com frequência e nenhuma ou pouca variação (GEE, 1994⁸, *apud* STUBBS, 1995b). O autor enfatiza que para estudar empiricamente essas instâncias repetidas é necessária informação quantitativa sobre a distribuição de frases fixas e semifixas em grandes *corpora*. O autor apresenta então um estudo sobre algumas colocações, que ele define como combinações lexicais frequentes, em um *corpus* de 2,3 milhões de palavras e no Oxford English Dictionary, em formato CD-ROM. Um dos exemplos apresentados é a palavra “*coffee*”. O autor aponta que essa é uma palavra ambígua (ou indeterminada) quando fora de contexto, pois é a ocorrência de colocados que permite, por exemplo, identificá-la como bebida (“*coffee cup*”, “*poured coffee*” etc.) ou grão (“*tin of coffee*”, “*coffee beans*” etc.). Em algumas ocorrências, outras informações podem estar disponíveis a fim de ajudar a identificar o significado relevante, pois “*coffee*” ocorre em construções paralelas como, por exemplo, “*coffee shop*” e “*tea shop*”, ou “*she had ordered coffee*” e “*I had ordered beer*”. Estruturas sintáticas paralelas são outra característica de “*chunking*” ou agrupamentos (como discutido por MILLER, 1993⁹ *apud* STUBBS, 1995b). O ponto essencial defendido por Stubbs (1995b) é que todas as palavras possuem relações colocacionais e que unidades fixas e semifixas nem sempre correspondem exatamente a unidades sintáticas tradicionalmente reconhecidas. De acordo com o autor, frases fixas e semifixas são um princípio organizador central do uso da linguagem e têm recebido crescente atenção na literatura. A partir de Stubbs (1995a,b), pode-se elaborar o pressuposto de que é possível identificar uma “combinação lexical frequente” e, a partir de seu núcleo, identificar também se há e quais seriam outros colocados favoritos do tradutor para aquele mesmo núcleo.

⁸ GEE, J. First language acquisition as a guide for theories of learning and pedagogy. *Linguistics and Education*, v.6, 1994, p. 331-354.

⁹ MILLER, J. Spoken and written language: language acquisition and literacy. In: SCHOLLES, R. J. (ed.). *Literacy and language analysis*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993, p. 99 – 141.

Os trabalhos sobre convencionalidade apresentados nesta seção forneceram as bases teóricas para a investigação da convencionalidade e permitiram elaborar sete pressupostos para orientar o estudo do *corpus* da presente pesquisa. O primeiro pressuposto é que tradutores preferem significados literais de expressões idiomáticas (BAKER, 2007). Isso pode significar que o tradutor apaga usos criativos da linguagem do TF, optando por TTs com menos elementos de sentido conotativo e com instâncias de sanitização. Dessa forma, em consonância com Stewart (2000), exemplos de expressões convencionais relacionados ao uso criativo da linguagem são menos prováveis de serem encontrados nos TTs. Um segundo pressuposto, a partir de Baker (2007), é que, ao se compararem textos traduzidos e textos não traduzidos de um mesmo autor/tradutor, é possível identificar padrões de idiomatismo distintos. O terceiro pressuposto, a partir dos problemas que tradutores podem enfrentar de acordo com Baker ([1992] 2011), está relacionado com a manutenção no TT de colocações marcadas no TF, colocações específicas de determinadas culturas e tensões entre precisão e naturalidade que podem ser relevantes para o presente estudo. O quarto pressuposto, conforme Baker (2004), é que certas estratégias de tradução podem estar relacionadas ao estilo de tradutores individuais. Os três pressupostos, a seguir, foram elaborados a partir dos trabalhos de LC. O quinto e o sexto pressupostos, a partir de Sinclair (1991, 2004) consideram que: A) as preferências linguísticas do tradutor em relação à convencionalidade podem ser verificadas em níveis diferentes (do morfema à oração), e B) os resultados obtidos com auxílio de *corpora* eletrônicos podem fornecer informações que contradizem as impressões pessoais do tradutor sobre seu próprio trabalho. O sétimo pressuposto, a partir de Stubbs (1995a, b), refere-se a combinações

lexicais frequentes e como, a partir de seu núcleo, é possível rastrear outros colocados de preferência do tradutor para o mesmo núcleo.

A próxima seção é a última deste capítulo e reúne estudos sobre mudanças na tradução – primeiro, em uma proposta linguística de estudo da tradução e, em seguida, na sua reinterpretação pelos trabalhos de estilo da tradução.

1.3. Mudanças na tradução

Esta pesquisa considera uma relação estreita entre estilo e mudanças na tradução (*shifts*). De acordo com Catford ([1965] 1978, p. 49), itens da língua-fonte e da língua-alvo raramente têm “o mesmo significado linguístico”, mas podem funcionar na mesma situação. O trabalho de J. C. Catford é seminal para o estudo de mudanças na tradução e, apesar de o autor ter recebido críticas pela sua postura em relação aos ET, ainda é uma referência. Ele propôs um modelo de análise da tradução de base linguística a partir do conceito de escala de ordens hallidayano – cabe ainda lembrar neste ponto que, na época em que a proposta de Catford foi desenvolvida, a Linguística Sistêmico-Funcional ainda estava em seu início.

A definição de mudança na tradução de Catford ([1965] 1978) está baseada na distinção entre “equivalência textual” e “correspondência formal”. Um equivalente textual é uma porção de texto da língua-alvo identificado em um dado momento como equivalente de uma porção de texto da língua-fonte. Um correspondente formal é

qualquer categoria da língua-alvo que ocupe, tanto quanto possível, na língua-alvo o mesmo lugar que determinada categoria da língua-fonte ocupa na língua-fonte (CATFORD, [1965]1978, p. 27). As mudanças na tradução podem ser de nível (*level*), quando um item da língua-fonte de um nível linguístico é traduzido por um equivalente da língua-alvo de um nível diferente, ou de categoria (*category*), quando um item da língua-fonte é traduzido para a língua-alvo com um (maior ou menor grau de) afastamento da correspondência formal.

O presente trabalho emprega especificamente a escala de ordens proposta no modelo de Catford ([1965] 1978), em consonância também com os trabalhos de Pekkanen (2010) e Blauth (2015). Para Catford ([1965] 1978), unidades de gramática e de fonologia operam em hierarquias, em que unidades “maiores” são compostas de unidades “menores”. Essas unidades são organizadas hierarquicamente em uma escala de ordens. A escala de ordens gramatical considerada aqui engloba as unidades: sentença¹⁰, oração, grupo, palavra e morfema. O nível “mais alto” é o da sentença e o nível “mais baixo” é o morfema, entre os dois, em ordem descendente, estão a oração, o grupo/frase e a palavra.

Pekkanen (2010) revisa vários trabalhos de estilo dos ET para discutir diferentes perspectivas do conceito de equivalência e afirmar que, em síntese, trata-se de aferir se houve mudança na tradução ou não. Seu trabalho associa o estudo de estilo à investigação de mudanças na tradução, como proposto por Catford ([1965] 1978). A autora faz considerações sobre a categorização e o impacto de mudanças obrigatórias e de mudanças opcionais. No escopo da sua pesquisa, as mudanças obrigatórias são

¹⁰ A denominação da unidade “sentença”, conforme termo empregado aqui por Catford ([1965] 1978), já caiu em desuso no contexto atual.

descritas primordialmente a partir de diferenças sintáticas, semânticas e fonológicas entre duas línguas e ainda diferenças culturais relacionadas a elas. Enquanto isso, as mudanças na tradução consideradas opcionais não são impostas por necessidades linguísticas ou culturais. Pekkanen (2010), que não se afilia aos ETBC, concentra sua proposta metodológica no estudo de mudanças na tradução nessa categoria opcional e enfatiza que, ainda que uma mudança seja considerada obrigatória, se o tradutor dispuser de duas ou mais alternativas, essa mudança deve ser considerada opcional. Finalmente, ela apresenta categorias de classificação para a investigação de mudanças na tradução como marcadores de estilo no trabalho de quatro tradutores, em um *corpus* paralelo de textos literários, no par linguístico finlandês-inglês. Seus resultados apontam padrões de escolha distintos para cada tradutor do seu *corpus*. Pekkanen (2010) traça “perfis quantitativos” para cada um deles a partir da identificação das mudanças. A autora descobre que Pentti Saarikoski e Hugo Mäkinen apresentam perfis mais próximos ao operarem menos mudanças, ao passo que Alex Matson e Jouko Linturi apresentam tendência a executar um número maior de mudanças. Instâncias de acréscimo são mais frequentes nos textos traduzidos por Mäkinen, enquanto Saarikoski prefere operar instâncias de expansão, substituindo sistematicamente expressões do TF por explicitações do seu significado nos textos traduzidos. Os textos de Matson são considerados os textos traduzidos que mais se distanciam dos TFs, em um contínuo considerando os quatro tradutores, pois, além de empregar acréscimo com frequência, apresenta também um número significativo de omissões. As mudanças na tradução operadas por Matson e Linturi causam mudanças de ênfase e acrescentam “*emotive colouring*” ao significado do TF (PEKKANEN, 2010, p. 156), o que parece diminuir a distância entre o narrador e o objeto da descrição. Os textos traduzidos por Saarikoski, que também é autor de textos ficcionais e poeta, são considerados segundo uma

perspectiva muito próxima do que é proposto na presente pesquisa. A investigação de Pekkanen (2010) localiza seus textos traduzidos em um ponto (do contínuo de tradutores) mais próximo dos TFs, de acordo com o seu perfil quantitativo de mudanças na tradução. Entretanto, Saarikoski parece ser o tradutor que mais deliberadamente deixa transparecer sua presença no TT através do uso criativo da linguagem. De acordo com Pekkanen (2010), essa constatação é corroborada por um ensaio crítico sobre tradução publicado por esse tradutor, em que ele defende o uso da criatividade para evitar a produção de um texto, por exemplo, datado. Pekkanen (2010) explica que as escolhas semânticas de Saarikoski ao traduzir um texto clássico são mais problemáticas que ao traduzir literatura contemporânea, sobretudo quando é empregada uma linguagem moderna e informal no TF. Uma das sugestões de Pekkanen (2010) para futuras pesquisas é justamente a investigação dos TTs de Saarikoski, em contraste ao seu trabalho como autor, para identificar até que ponto o “poeta criativo” é capaz de adaptar seu estilo de tradutor a diferentes obras de ficção. Esse resultado de Pekkanen (2010) permite fazer considerações sobre a interferência do tipo de linguagem empregado no TF nas escolhas do tradutor no TT. Considerando o perfil de Saarikoski, principalmente como poeta criativo, pode-se elaborar o pressuposto de que alguns tradutores enfrentam certa dificuldade para adaptar seu estilo ao estilo de TFs diferentes, sobretudo quando seu estilo pessoal se distancia muito do estilo do TF.

No âmbito do GRANT, mas sem se afiliar aos ETBC, Blauth (2015) analisa, além das categorias linguísticas do modelo de Munday (2008), categorias de análise da tradução a partir de uma adaptação das categorias de Pekkanen (2010). Blauth (2015) traduz e adapta o quadro de categorias para a análise de mudanças na tradução apresentado por Pekkanen (2010), conforme pode ser verificado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Categorias de mudanças na tradução de acordo com Blauth (2015)

Categorias principais	Categorias secundárias
Amplificação	acréscimo
	expansão
Redução	omissão
	contração

A categoria principal de amplificação divide-se em acréscimo e expansão e a categoria principal de redução divide-se em omissão e contração. A expansão compreende instâncias de “palavra expandida para grupo” e “palavra/grupo expandido para oração” e a contração, instâncias de “grupo contraído em palavra” ou “oração contraída em grupo/palavra” (PEKKANEN, 2010). As subcategorias de acréscimo e omissão são entendidas como a inserção ou a eliminação de elementos não derivados do TF.

Blauth (2015) investiga um *corpus* paralelo, constituído por um TF e dois TTs de tradutores diferentes, com o objetivo de descrever diferenças estilísticas entre os TTs. Em sua análise de mudanças na tradução, Blauth (2015) identifica padrões de escolhas distintos para cada tradutor de seu *corpus*. O TT de Hamilton Trevisan apresentou mais ampliações que reduções e a subcategoria de amplificação mais frequente foi o acréscimo. O TT de José Roberto O’Shea, por outro lado, apresentou mais reduções e as ocorrências de amplificação se dividiram de maneira bastante aproximada entre acréscimos (49%) e expansões (51%). Seus resultados apontam também para a existência de um vocabulário mais variado no texto traduzido por Trevisan e menos

variado no texto traduzido por O'Shea. Blauth (2015) conclui seu trabalho apontando que a análise de mudanças é uma alternativa para a elaboração do perfil de tradutores individuais e destaca, ademais, que o uso de ferramentas de *corpus* é capaz de identificar padrões que escapariam ao analista humano, sendo útil na investigação do estilo da tradução.

Os trabalhos de Pekkanen (2010) e Blauth (2015) possuem um ponto comum relevante para a presente pesquisa. Eles empregaram a análise de mudanças na tradução para investigar estilo da tradução em *corpora* de textos traduzidos por mais de um tradutor. Os resultados alcançados apontaram, sem exceção, um perfil distinto para cada um dos tradutores que integram esses *corpora*. A partir disso, é possível considerar três pressupostos de pesquisa: 1) a análise de mudanças na tradução é eficaz para fornecer informações sobre o padrão de escolhas linguísticas do tradutor, permitindo a elaboração de perfis individuais (BLAUTH, 2015), 2) a criatividade e as preferências individuais dos tradutores interferem em graus variados na configuração do conjunto de escolhas linguísticas identificado nos TTs (PEKKANEN, 2010), e 3) o tradutor encontra mais dificuldade em adaptar seu estilo a TFs diferentes, sobretudo quando o seu estilo pessoal se distancia muito do estilo do TF (PEKKANEN, 2010).

O próximo capítulo apresenta o *corpus* de estudo desta pesquisa, o tradutor Paulo Henrique Britto, os autores dos TFs, os procedimentos de compilação, correção, alinhamento e etiquetagem desse *corpus*, e ainda a metodologia empreendida para a análise de dados.

CAPÍTULO 2

CORPUS DE ESTUDO E METODOLOGIA

2. *Corpus* de estudo e metodologia

Este capítulo se divide em três seções. A primeira descreve o *corpus* de estudo apresentando os textos a partir dos quais foram gerados dados para a análise, o tradutor e autor Paulo Henriques Britto e os autores Philip Roth, John Updike e Jhumpa Lahiri. As considerações sobre a obra de Britto e dos autores dos TFs visam elucidar principalmente questões relacionadas ao estilo de cada um, que serão retomadas na discussão dos resultados. As considerações acerca dos trabalhos de cunho ensaístico sobre tradução de Britto, por sua vez, visam fornecer subsídios para, como foi apontado nos objetivos, verificar em que medida suas impressões sobre o seu próprio trabalho como tradutor se confirmam. A segunda seção apresenta a explanação técnica da metodologia de *corpus* e compreende os procedimentos de compilação e preparação dos textos. A terceira seção traz os procedimentos de análise adotados para o *corpus* de estudo.

2.1. Descrição do *corpus* de estudo

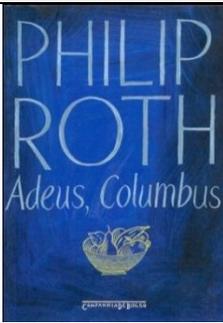
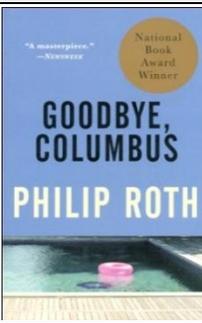
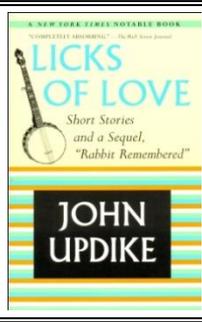
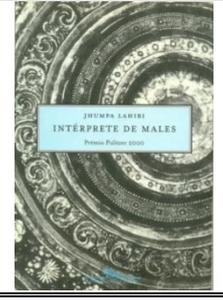
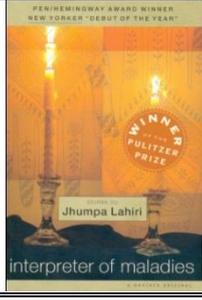
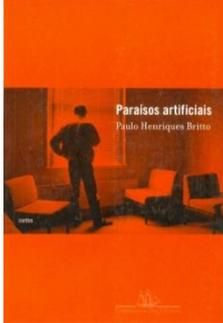
O ponto de partida adotado para a escolha do *corpus* de estudo desta pesquisa foi a proposta apresentada por Munday (2008) sobre investigar o trabalho de um tradutor a partir de suas traduções de autores diferentes. Assim, foi compilado o maior número de obras traduzidas por um mesmo tradutor em um período temporal predefinido, pertencentes a um mesmo gênero literário e escritas a partir das obras de autores distintos. O tradutor Paulo Henriques Britto foi escolhido pela sua experiência

em tradução, com diversas obras publicadas, e especialmente por seus trabalhos de cunho ensaístico que refletem sobre o fazer tradutório. Considerando que Britto teve uma coletânea de contos de sua autoria publicada em 2004 e que uma pesquisa com foco em estilo exige o recorte temporal das traduções analisadas, foram escolhidos três autores de contos que tiveram suas obras traduzidas por Britto a partir do ano 2000. Os escritores escolhidos foram Philip Roth, John Updike e Jhumpa Lahiri. Todos os textos não traduzidos escritos em inglês norte-americano foram traduzidos para o português brasileiro e publicados no Brasil por uma mesma editora, que não se impôs no processo de edição dos textos finais¹¹. A coletânea de contos de Paulo Henriques Britto, já citada, foi também compilada. Embora as coletâneas tenham sido consideradas na íntegra, após a preparação dos arquivos e o seu armazenamento no ESTRA, as novelas em *Goodbye, Columbus/Adeus, Columbus* e *Rabbit Remembered/Coelho se Cala*, que dão nome às coletâneas em que foram publicadas, foram excluídas do *corpus* de estudo. Essa decisão teve como objetivo aproximar os textos traduzidos em tamanho e manter apenas contos no *corpus* de estudo.

O Quadro 2, a seguir, apresenta as capas das obras compiladas para compor o *corpus* de estudo desta pesquisa.

¹¹ Comunicação pessoal do tradutor Paulo Henriques Britto, em entrevista por ocasião de sua visita à Faculdade de Letras da UFMG, em 2012.

Quadro 2: Capas das obras compiladas para formar o *corpus* de estudo

Capas das coletâneas de contos compiladas para formar o CP	
	
	
	
Capa da coletânea de contos compilada para formar o CTOB	
	

Os contos que compõem cada coletânea estão listados no Quadro 3, a seguir, acompanhados de informações sobre a editora, ano de publicação da primeira edição e ano de publicação da edição compilada.

Quadro 3: Lista de contos divididos por coletânea

TF/ TT	Coletânea	Autor/ Tradutor	Contos	Editora	Ano da publicação utilizada	Ano da 1ª edição
TT	Adeus, Columbus e cinco contos	Paulo Henriques Britto	A conversão dos judeus	Companhia das Letras	2011	2006
			Eli, o fanático			
			Epstein			
			Não se julga um homem pela canção que ele canta			
			O defensor da fé			
TF	<i>Goodbye, Columbus and five short stories</i>	Philip Roth	<i>The conversion of the jews</i>	Vintage International	1993	1959
			<i>Eli, the fanatic</i>			
			<i>Epstein</i>			
			<i>You can't tell a man by the song He sings</i>			
			<i>Defender of faith</i>			
TT	Coelho se cala e outras histórias	Paulo Henriques Britto	A evolução de Oliver	Companhia das Letras	2003	2003
			A hora do almoço			
			As mulheres que escaparam			
			Cenas dos anos 50			
			Como foi mesmo			
			Cor natural			
			Floreios de amor em plena guerra fria			
			Garota de Nova York			
			Metamorfose			
			Meu pai à beira da desonra			
			Os gatos			
			Uma obra			
TF	<i>Licks of Love Short Stories and a Sequel, "Rabbit Remembered"</i>	John Updike	<i>Oliver's evolution</i>	Ballantine Books	2001	2000
			<i>Lunch hour</i>			
			<i>The women who got away</i>			
			<i>Scenes from the Fifties</i>			
			<i>How was it, really</i>			
<i>Natural color</i>						

			<i>Licks of Love in the heart of the cold war</i>			
			<i>New York girl</i>			
			<i>Metamorphosis</i>			
			<i>My father on the verge of disgrace</i>			
			<i>The cats</i>			
			<i>His oeuvre</i>			
TT	Intérprete de Males	Paulo Henriques Britto	A casa da Sra. Sen	Companhia das Letras	2001	2001
			Esta casa abençoada			
			Intérprete de males			
			O terceiro e último continente			
			O tratamento de Bibi Haldar			
			Quando o Sr. Pizarda vinha jantar			
			Sexy			
			Um <i>durwan</i> de verdade			
			Uma situação temporária			
TF	<i>Interpreter of maladies</i>	Jhumpa Lahiri	<i>Mrs. Sen's</i>	Houghton Mifflin Company	1999	1999
			<i>This blessed house</i>			
			<i>Interpreter of maladies</i>			
			<i>The third and final continent</i>			
			<i>The treatment of Bibi Haldar</i>			
			<i>When Mr. Pizarda came to dine</i>			
			<i>Sexy</i>			
			<i>A real durwan</i>			
			<i>A temporary matter</i>			
	Paraísos artificiais	Paulo Henriques Britto	Coisas de família	Companhia das Letras	2010	2004
			O 921			
			O companheiro de quarto			
			O primo			
			Os paraísos artificiais			
			Os sonetos negros			
			Um criminoso			
			Uma doença			
			Uma visita			

As duas subseções seguintes apresentam informações sobre a obra e, quando pertinente, sobre a vida pessoal do tradutor/autor Paulo Henriques Britto e dos autores Philip Roth, Jhumpa Lahiri e John Updike. Essas informações foram colhidas de fontes

diversas incluindo entrevistas, teses, dissertações, ensaios, artigos, reportagens na mídia, prefácios, posfácios, orelhas dos livros compilados para o *corpus* de estudo e ainda algumas obras específicas publicadas sobre a literatura norte-americana contemporânea. Sempre que a especificidade da informação permitir, uma nota de rodapé identificará a fonte.

2.1.1. Tradutor e autor: Paulo Henriques Britto

Além de ser um dos principais tradutores da língua inglesa no contexto editorial brasileiro, Paulo Fernando Henriques Britto é poeta, contista, ensaísta e professor de tradução, criação literária e literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Britto nasceu na capital carioca em 1951, é formado em Letras com habilitação em português e em inglês e possui mestrado em língua portuguesa. Recebeu da PUC-Rio o título de Notório Saber em 2002. Morou nos Estados Unidos em dois períodos diferentes, tendo estudado cinema em São Francisco em um deles. Já traduziu mais de cem livros e também verteu algumas obras de autores brasileiros para o inglês. Como tradutor, recebeu o Prêmio Paulo Rónai de Tradução de Autores Estrangeiros para o Português da Fundação Biblioteca Nacional, em 1995, pelo livro *A mecânica das águas* de E. L. Doctorow¹² e foi classificado em segundo lugar no Prêmio Jabuti para tradução em 2013¹³. É autor de seis livros de poesias, um volume sobre a música de Sérgio Sampaio e um livro de contos. Como autor, recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira pelo livro *Trovar claro*, de 1997; o Prêmio Alphonsus de Guimarães da Fundação Biblioteca Nacional e o Prêmio Alceu Amoroso

¹² Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00061>. Acesso: 18/10/2014.

¹³ Disponível em: <http://premiojabuti.com.br/edicoes-anteriores/premio-2013/>. Acesso: 25/10/2014.

Lima de Poesia¹⁴, ambos pelo volume de poesias *Macau*, de 2004. Em entrevista, por ocasião de sua visita a Berlim como convidado do Instituto Ibero-Americano, Britto declarou a uma revista cultural berlinense que sua verdadeira paixão sempre foi a música; no entanto, devido à falta de talento musical, passou a se dedicar ao que considerou estar mais próximo da música: a poesia, trabalhando com muita atenção o ritmo e a métrica.¹⁵ Ao falar sobre sua poesia, Britto diz que seu objetivo é sempre fazer diferente; seu desafio é inventar novas formas e quebrar a rotina. Sua opinião sobre o trabalho de um tradutor inclui, até certo ponto, essa postura quando Britto afirma, em um posicionamento crítico e pessoal, em uma resenha publicada pelos *Cadernos de Tradução*: “[...] os tradutores são os culpados se não possuem o mesmo *status* dos autores, sua atitude autodepreciativa é parcialmente responsável pela mitificação do ‘original’”.¹⁶

Nessa mesma resenha, Britto questiona a recomendação dada pelo autor, Clifford Landers, para que tradutores tenham humildade e discorda da afirmação de que tradutores não possuem estilo próprio, desaparecendo no texto. Em entrevista a Mauri Furlan e Walter Carlos Costa, Britto fala também sobre a noção de transparência do tradutor:

Minha posição pessoal é moderada, um pouco mais para o conservador. Acho interessantes as questões que estão sendo levantadas pelos teóricos radicais, mas tendo a discordar das conclusões que eles tiram. Um bom exemplo disso é a questão da transparência do tradutor: tendo travado conhecimento com todos os questionamentos que estão sendo feitos ao conceito de transparência, concordo que, de fato, o tradutor jamais pode ser transparente,

¹⁴ Disponível em: <http://www.phbritto.org/p/biografia.html>. Acesso: 18/10/2014.

¹⁵ Disponível em: <http://www.berlinda.org/pt/reportagens/leituras/paulo-henriques-britto-a-criatividade-nao-se-ensina/>. Acesso: 18/10/2014.

¹⁶ Minha tradução para: “(...) *translators are themselves to blame if they are not given equal footing status with authors; their self-deprecating attitude is partly responsible for the mythification of the ‘original, (...)’*. LANDERS, C. E. *Literary Translation: a practical guide*. Clevedon, Inglaterra: Multilingual Matters, 2001. Resenha de: BRITTO, P. H. *Cadernos da Tradução*. Florianópolis: Editora da UFSC, V. 2, No. 8, 2001, p. 258-261.

que sua tradução sempre conterà marcas pessoais suas, que a postura de transparência pode até contribuir para a desvalorização do seu trabalho no mercado. No entanto, continuo achando que a minha meta, ao traduzir um texto literário, não pode ser outra que não tentar reproduzir no meu idioma, dentro das minhas possibilidades, os efeitos textuais do original. Ou seja: continuo querendo ser transparente, ainda que não tenha ilusões sobre a possibilidade de uma transparência absoluta.¹⁷

Sobre a influência da língua-fonte, no sentido de interferir, contribuir ou promover mudanças no português brasileiro, Britto acrescenta:

A tradução sempre amplia e renova a língua de chegada, introduzindo nela no mínimo um léxico novo, mas também inovações formais, prosódicas, até mesmo sintáticas. O ideal é que estas contribuições sejam oportunas e criativas, e não redundantes e ditadas pela mera preguiça do tradutor.¹⁸

Em seu livro *A tradução literária*, Britto aborda a tradução de ficção a partir do contraponto entre os conceitos de estrangeirização e domesticação. Para ele, o tradutor literário contemporâneo precisa se perguntar até que ponto seria possível reproduzir as características do texto-fonte na língua-alvo, considerando as especificidades e as limitações dessa língua. Nesse ponto, Britto destaca um princípio enunciado por Meschonnic sobre traduzir o marcado pelo marcado e o não marcado pelo não marcado. Os conceitos de marcado e não marcado para Britto, nesse contexto, vêm de Roman Jakobson e são redefinidos logo em seguida como “desviante” e “padrão”¹⁹. O que Britto defende com isso é que todos aqueles elementos que o leitor do texto-fonte consideraria típicos devem corresponder, no texto traduzido, a elementos vistos da

¹⁷ BRITTO, P. H. Depoimento [V. 1, No. 2, 1997, p. 467-495]. Florianópolis: *Cadernos da Tradução*. Entrevista concedida a Mauri Furlan e Walter Carlos Costa.

¹⁸ BRITTO, P. H. Depoimento [V. 1, No. 2, 1997, p. 467-495]. Florianópolis: *Cadernos da Tradução*. Entrevista concedida a Mauri Furlan e Walter Carlos Costa.

¹⁹ No território do estilo da tradução, Munday (2008), baseado em Hatim e Mason (1990, 1997), usa o conceito de marcado e de não marcado via Teoria Sistemico-Funcional. Na definição de Hatim e Mason (1997), o que Britto chama de padrão é o uso “estático” da linguagem, que corresponde às expectativas das normas linguísticas e das convenções culturais, sem desafiá-las. Da mesma forma, o que Britto chama de desviante, para Hatim e Mason (1997), é o uso “dinâmico” da linguagem, que rompe com as expectativas das normas e convenções, desafiando-as.

mesma forma pelos leitores da língua-alvo. De outra forma, quando o autor do texto-fonte emprega um recurso “desviante”, causador de algum tipo de estranheza em seu leitor, o tradutor precisa encontrar alguma maneira de suscitar no leitor nativo da língua de chegada o mesmo estranhamento, nem mais, nem menos. Britto finaliza sua explicação sobre esse tópico, antes de fornecer exemplos, com a seguinte afirmação: “Não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional”.²⁰

Britto demonstra em toda a sua obra, traduzida e não traduzida, profundo conhecimento das duas línguas com que trabalha e consciência sobre o ato de traduzir. A visão que ele tem do trabalho do tradutor, conforme se pode perceber nos excertos reproduzidos anteriormente, dialoga com diferentes percepções de equivalência. Além disso, ele admite a existência de criatividade por parte do tradutor, mas limita essa criatividade em função do impacto causado pelo texto-fonte no leitor da língua-fonte. É relevante ressaltar, entretanto, que as escolhas do tradutor podem ser conscientes ou subconscientes. Assim, a análise sistemática do *corpus* de estudo compilado para esta pesquisa de doutorado pode fornecer indícios que comprovem ou refutem as percepções de Britto em relação ao seu próprio trabalho.

2.1.2. Autores: Philip Roth, John Updike e Jhumpa Lahiri

Nesta subseção, são apresentados os autores de língua inglesa norte-americana cujas obras compõem o *corpus* paralelo desta pesquisa. A ordem de apresentação dos

²⁰ BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 66-67.

nomes é aleatória e a ênfase recai fundamentalmente sobre as características do trabalho de cada um. São fornecidas informações sobre a vida pessoal, principalmente em relação à Jhumpa Lahiri, quando consideradas relevantes para compreender o contexto específico de produção das narrativas inclusas no *corpus* paralelo. Já o contexto histórico de produção das obras dos três autores se alonga da segunda metade do século XX até o início do século XXI. O objetivo de delinear as características da escrita e do conjunto da obra de cada autor incluso no *corpus* paralelo é ressaltar as diferenças entre eles, que serão mais tarde retomadas nos capítulos de discussão dos resultados.

O primeiro autor apresentado é Philip Milton Roth, considerado um dos maiores escritores norte-americanos da segunda metade do século XX e representante da primeira geração de judeus americanos. Sua obra destaca a experiência judaica no mundo moderno. Ainda assim, polêmicas relacionadas à sua escrita e ao judaísmo marcaram sua carreira, tendo sido taxado de antissemita pela primeira vez em 1957, com a publicação de *Defender of the Faith (O Defensor da Fé)* na revista semanal *The New Yorker*.²¹ Roth foi acusado de ter “ódio a si mesmo” e de propagandear um lado negativo da religião e da cultura judaicas.²² O conteúdo de *Defender of the Faith* evidenciava ainda outro tópico polêmico: o menosprezo do autor ao ambiente militar, o que aprofundou as críticas ao seu trabalho. Seu primeiro livro, *Goodbye, Columbus (Adeus, Columbus)*, escolhido para compor o *corpus* de estudo desta pesquisa, recebeu o prêmio *National Book Award*, um prêmio especial do *National Institute of Arts and Letters*, o prêmio *Daroff* do *Jewish Book Council of America*, uma bolsa da Fundação

²¹ Disponível em: <http://www.biography.com/people/philip-roth-9465081#early-life>. Acesso: 20/09/2014.

²² QUADRADO, L. I. *A construção do sujeito contemporâneo: Philip Roth e Radiohead*. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura). Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011, p. 40.

Guggenheim²³, assim como consistente atenção da mídia e do meio literário. O tratamento satírico dispensado aos temas judaicos em *Goodbye, Columbus (Adeus, Columbus)* marca o conflito entre uma moral tradicional e outra contemporânea a partir do ponto de vista de um jovem em busca de sua identidade. A questão sexual viria a ocupar posição de destaque em sua obra como forma de ressaltar a impossibilidade de conciliação entre o instinto e as prescrições da moral judaica. Na década de 1970, criou o alter ego Nathan Zuckerman, um personagem presente em várias de suas obras e responsável por grande parte do material autobiográfico e de autorreferência que se tornou uma das características do trabalho de Roth como escritor.

Sua preocupação, desde o início do século XXI, com temas como a decadência na velhice e a mortalidade mudou a forma de tratamento dispensada a aspectos centrais em sua obra, como a sexualidade. Em entrevista de 2011, quando perguntado especificamente sobre os temas da moralidade e da mortalidade em sua obra, respondeu:

Em minhas histórias, a trama conduz a determinado tipo de problema moral. Os personagens caem sozinhos nas armadilhas de seus destinos. Não sou assombrado por dilemas morais nem temo a esperada vitória da morte. Mas o fato de ter perdido amigos aparece em meus livros. Há um ano morreu o mais brilhante de todos, John Updike. Perdi parentes, amores, amigos. A impressão é de que meu mundo está encolhendo. Não há como não se entristecer.²⁴

O amigo citado por Roth, John Updike, foi considerado por alguns críticos como sua antítese literária. As diferenças de estilo entre as obras desses autores foram destacadas, principalmente, a partir de um desentendimento público entre os dois,

²³ POZORSKI, A. *Critical Insights: Philip Roth*. Ipswich, MA: Salem Press, 2013. Disponível em: <http://www.philiprothsociety.org/#!biography/c1cm>. Acesso: 20/09/2014.

²⁴ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/09/philip-roth-cultura-literaria-vai-acabar-em-20-anos.html>. Acesso: 17/09/2014.

centrado na publicação, pelo *The New York Review of Books*, de um ensaio literário escrito por Updike sobre o livro *Leaving a Doll's House*, um coleção de memórias publicada, em 1996, por Claire Bloom, ex-mulher de Roth.²⁵ Esse fato tornou mais evidente a comparação entre os dois, contrapondo desde o ritmo de produção de cada um até a relevância de suas respectivas obras para a literatura norte-americana no período do pós-guerra.²⁶ George J. Searles compara a construção de seus personagens:

Mesmo leitores esporádicos não confundiriam um parágrafo de Philip Roth com um de John Updike. Os personagens de Roth berram, gritam, gesticulam; em contraste, os personagens de Updike são dados a lamentações sentimentais, geralmente sobre sexo ou teologia, ou ainda alguma combinação mística dos dois. Mais importante que isso, Philip Roth é definido pelos seus esforços em se livrar das restrições emasculantes do judaísmo americano ao passo que John Updike é obcecado por uma visão do protestantismo que se tornou decadente na alma.²⁷

Considerando essa relação entre os dois escritores, o segundo autor apresentado é John Hoyer Updike. Sua obra de mais de cinquenta livros inclui, além de trabalhos de ficção, ensaios e poesia. Foi reconhecido também como crítico literário e de arte. Durante sua carreira literária, recebeu mais de trinta prêmios. Updike se utilizava da farsa, do burlesco e da ironia para falar sobre a natureza contraditória da vida da classe média norte-americana dos subúrbios. O autor defendia ser possível

²⁵ Disponível em:

http://dangerousminds.net/comments/philip_roth_to_john_updike_ftfy_updike_to_roth_lol_stful.

Acesso: 21/09/2014.

²⁶ Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2009/feb/03/updike-roth-books>. Acesso: 21/09/2014.

²⁷ Minha tradução para “*Even casual readers would not confuse a paragraph by Roth with one by Updike. Roth's characters shout, they scream, they wave their hands; by contrast, Updike's characters are given to lyrical brooding, usually about sex or theology or some vaguely mystical combination of the two. More important, Philip Roth is defined by his efforts to wriggle free from the unmaning constraints of American Jewishness as John Updike is obsessed by a vision of Protestantism gone seedy in the soul.*” SEARLES, D. J. *The fiction of Philip Roth and John Updike*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984, p.197.

escrever com qualidade sobre o banal.²⁸ Na Pensilvânia da segunda metade do século XX, seus personagens amadureciam ou ganhavam a esfera ética de Kierkegaard ao cumprirem seus papéis sociais e as responsabilidades de sua geração.²⁹ Updike se aproxima de Roth quando rivaliza a liberdade individual com as expectativas de um determinado círculo social ou religioso. No mundo de Updike, entretanto, as exigências individuais do ego são sempre lastimadas frente à necessidade de estabilidade doméstica.³⁰ Um tema recorrente em seu trabalho é o adultério, empregado nas narrativas como crítica a uma sociedade que atravessava uma fase de mutação em seus valores morais e familiares e, mesmo assim, se recusava a reconhecer essa realidade optando por um subterfúgio. Peça central no seu trabalho é o conjunto de quatro romances e uma novela sobre a vida de Harry “Rabbit” Angstrom, um ex-jogador de basquete egoísta que de alguma forma se tornou um dos personagens mais complexos da ficção norte-americana e um exemplo da experiência dos americanos no pós-guerra. A vida de Rabbit foi considerada uma crônica avassaladora do comportamento humano na sociedade conservadora norte-americana.³¹

Catherine Morley, professora de literatura norte-americana da Universidade de Leicester que estuda as obras de John Updike, compara esse conjunto de narrativas com o trabalho de James Joyce, dizendo:

Certamente, há uma consistência entre o projeto literário de Joyce e a insistência de Updike em examinar a fundo a experiência de um herói comum e falho. Assim como James Joyce, que encontrou em Leopold Bloom um

²⁸ *Showing ordinary life as being worth writing about.* (Entrevista) *Academy of Achievement*: 12 de junho de 2004. (Disponível em: <http://www.achievement.org/autodoc/page/upd0int-1>. Acesso: 20/09/2014.)

²⁹ KEENER, B. *John Updike's Human Comedy: Comic Morality in The Centaur and the Rabbit Novels*. Nova York: Peter Lang Publishing, 2005, p. II.

³⁰ SHARP, M. D. *Popular Contemporary Writers*. Tarrytown, NY: Marshall Cavendish Corporation, 2006, p. 1351.

³¹ SHARP, M. D. *Popular Contemporary Writers*. Tarrytown, NY: Marshall Cavendish Corporation, 2006, p. 1348.

meio complexo para examinar a consciência moderna nacional, Updike usou Harry “Rabbit” Angstrom como uma visão representativa do país.³²

A terceira autora de língua inglesa incluída no *corpus* paralelo desta pesquisa é Jhumpa Lahiri. Ela nasceu em Londres, em uma família de imigrantes indianos. Aos dois anos, se mudou com a família para os Estados Unidos e cresceu em Rhode Island. A mãe de Lahiri tinha medo de que os filhos perdessem suas raízes indianas e os levava com frequência para visitar parentes em Calcutá. Essa sequência de acontecimentos criou um sentimento de inadequação cultural que definiu o estilo de toda a sua obra. Em entrevistas, a autora afirmou que, ao se declarar norte-americana, é sempre olhada com incredulidade.³³ A sua vida pessoal rendeu ao trabalho da autora um tema ao redor do qual tudo se desenvolve: a sensação constante de não pertencer ao lugar em que vive. Dos autores incluídos no *corpus* de estudo desta pesquisa, Lahiri é a mais jovem, com menos obras publicadas e a única que admite abertamente o uso de vários elementos de sua vida pessoal em seus livros, assim como a transposição de suas dificuldades de adequação para seus protagonistas. Em uma entrevista, em 2013, ao ser perguntada sobre a presença constante de suas experiências assim como das experiências de seus pais em seus livros, ela respondeu que, embora os personagens sejam inventados, as histórias vêm realmente de sua família e que, ao se inspirar no mundo ao seu redor, precisa falar sobre a bifurcação em que sempre se encontrou.³⁴

³² Minha tradução para “*Certainly there is a consistency between Joyce’s literary project and Updike’s insistence upon examining at length the experience of an ordinary and flawed hero. Like James Joyce, who found in Leopold Bloom a complex vehicle for the examination of a modern and national consciousness, Updike has used Harry “Rabbit” Angstrom as a representative eye upon the nation.*” MORLEY, C. *The Quest for Epic in Contemporary American Fiction: Philip Roth, John Updike and Don DeLillo*. Nova York: Routledge, 2009, p.57.

³³ Disponível em: <http://www.newsweek.com/my-two-lives-106355>. Acesso: 22/09/2014.

³⁴ Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/books/booknews/10289234/Booker-Prize-2013-Jhumpa-Lahiri-interview.html>. Acesso: 22/09/2014. Ver também: <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424127887324665604579081243986397888>. Acesso: 22/09/2014.

Sua coletânea de contos *Interpreter of Maladies (Intérprete de Males)*, incluída no *corpus* de estudo desta pesquisa, recebeu o prêmio Pulitzer em 2000, PEN/Hemingway e *The New Yorker Debut of the Year*.³⁵ Sua escrita é extremamente descritiva, os cenários recebem muita atenção e são filtrados emocionalmente pelo narrador. A sensibilidade parece ser a forma escolhida para descrever a necessidade de pertencimento dos personagens e acaba refletida em uma espécie de reverência à tradição. Todos os contos reunidos em *Interpreter of Maladies (Intérprete de Males)* trazem personagens que por algum motivo precisam conviver fora de seu contexto cultural e têm dificuldade em se adaptar às exigências do meio em que circulam. O deslocamento emocional dos personagens é ainda mais evidente na caracterização dos filhos nascidos no estrangeiro e nos conflitos que isso traz para a família. Quanto ao seu estilo, a autora declarou em entrevista ao *The New Yorker* que o seu objetivo é usar o menor número possível de palavras e manter a simplicidade na forma de se expressar.³⁶

Roth, Updike e Lahiri são considerados escritores realistas norte-americanos.³⁷ Para estabelecer um contraste inicial e bastante simplificado das obras desses três autores, pode-se considerar que as narrativas de Roth concentram ação, as narrativas de Updike concentram debates e opiniões e as narrativas de Lahiri concentram descrições de cenários detalhadas e frequentemente melancólicas. Essa percepção será retomada, de forma mais complexa, durante a discussão dos resultados, considerando os exemplos analisados.

³⁵ Disponível em: <http://www.randomhouse.com/kvpa/jhumpalahiri/bio.php>. Acesso: 22/09/2014.

³⁶ Disponível em: <http://www.newyorker.com/books/page-turner/video-jhumpa-lahiri-at-work>. Acesso: 22/09/2014.

³⁷ Disponível em: <http://lareviewofbooks.org/review/jhumpa-lahiris-real-america-on-the-lowland#>. Acesso: 22/09/2014.

Na seção seguinte são descritos os procedimentos de compilação e de preparação do *corpus* de estudo desta pesquisa, assim como os procedimentos empreendidos para a sua análise.

2.2. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, estão detalhados os procedimentos de preparação e geração de dados para a análise do *corpus* de estudo na ordem em que foram executados. Depois que os livros escolhidos para compor o *corpus* de estudo desta pesquisa foram adquiridos, os textos impressos passaram por um processo de digitalização, em que as páginas foram salvas e posteriormente reunidas em um único arquivo de imagem para cada coletânea de contos. Em seguida, foi feito o tratamento por reconhecimento ótico desses arquivos através do software *ABBY Fine Reader 10.0*®, a fim de convertê-los em arquivos de extensão *.pdf* e arquivos de extensão *.doc*, cujos itens pudessem ser rastreados eletronicamente. Depois, foi feita a correção (semi)automática e a conferência manual dos arquivos, comparando-os ao material impresso, com o objetivo de aferir possíveis falhas de digitalização e prepará-los para que fossem analisados com o auxílio do software *WordSmith Tools*© 6.0 sem que ocorressem erros quantitativos. Os textos em arquivo eletrônico receberam também etiquetas relativas ao uso de recursos tipográficos presentes no texto impresso como, por exemplo, o uso de itálico ou negrito. As capas das coletâneas foram também digitalizadas e salvas em uma pasta intitulada “Capas”.

Como o *corpus* de estudo desta pesquisa integra o ESTRÁ, a fase seguinte ocupou-se da catalogação dos textos de acordo com um determinado conjunto de normas padrão adotadas pelo grupo GRANT. Foram definidos os nomes de referência para os arquivos e inseridos cabeçalhos padronizados de acordo com o modelo adotado para o ESTRÁ. O modelo desse cabeçalho foi adaptado a partir do que é sugerido em Baker (2000). Um exemplo desse cabeçalho é apresentado no Quadro 4, a seguir, referente à obra *Adeus, Columbus*, do autor Philip Roth, traduzida por Paulo Henriques Britto.

Quadro 4: Exemplo de cabeçalho adotado no ESTRÁ

<p><cabeçalho></p> <p>Título da obra: Adeus, Columbus e cinco contos</p> <p>Subcorpus: paralelo inglês-português.</p> <p>TRADUTOR. Nome: Paulo Henriques Britto</p> <p>TRADUTOR. Sexo: Masculino</p> <p>TRADUTOR. Nacionalidade: brasileira</p> <p>Natureza: Tradutor literário.</p> <p>TRADUÇÃO. Modo: escrito.</p> <p>Editora: Companhia das Letras</p> <p>Lugar: São Paulo, SP</p> <p>Data de capturação/edição utilizada: 2011</p> <p>Data de publicação da 1ª edição: 2006</p> <p>Fonte: digitalizado a partir do material impresso.</p> <p>Direitos autorais: Editora Schwarcz LTDA</p> <p>Foto/Arte gráfica da capa: Jeff Fisher.</p> <p>PROCESSO TRADUTÓRIO. Direção: para língua materna.</p> <p>PROCESSO TRADUTÓRIO. Modo: escrito de texto de partida escrito.</p> <p>AUTOR. Nome: Philip Roth</p> <p>AUTOR. Sexo: Masculino</p> <p>AUTOR. Nacionalidade: norte-americana</p> <p>TEXTO DE PARTIDA. Idioma: inglês.</p> <p>TEXTO DE PARTIDA. Modo: escrito.</p> <p>Local de publicação da 1ª edição: Estados Unidos da América</p> <p>Data de publicação da 1ª edição: 1959</p> <p>Data da edição utilizada no <i>corpus</i>: 2011</p> <p>Categoria do texto: narrativa ficcional</p> <p>Responsável pela coleta: Lélia Chaves Mendes</p> <p></cabeçalho></p>

Os arquivos em extensão *.doc* resultantes dessa etapa foram então transformados em arquivos de extensão *.txt*, alterando a codificação padrão para Unicode. A alteração para Unicode é fundamental para que os arquivos possam ser lidos pelo software *WordSmith Tools*© 6.0. Nessa etapa, as novelas *Goodbye, Columbus/Adeus, Columbus* e *Rabbit Remembered/Coelho se Cala* foram retiradas da composição do *corpus* de estudo a fim de aproximar as coletâneas em tamanho e manter apenas textos de mesmo gênero nos *corpus* desta pesquisa. As novelas foram, entretanto, compiladas, corrigidas e armazenadas no ESTRA para futuras pesquisas. Essa etapa gerou uma pasta chamada “Arquivos completos” contendo arquivos em extensão *.doc* e *.txt* para cada uma das coletâneas compiladas, tanto de textos traduzidos como de textos-fonte, em inglês, e de textos não traduzidos, em português. Os arquivos foram nomeados conforme apresentado no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Lista de nomes dos arquivos eletrônicos para cada coletânea compilada

Nome da coletânea	Nome dos arquivos eletrônicos
<i>Goodbye, Columbus and five short stories</i>	GC_Roth
<i>Adeus, Columbus e cinco contos</i>	GC_Britto
<i>Licks of Love Short Stories and a Sequel, “Rabbit Remembered”</i>	LL_Updike
<i>Coelho se Cale e outras histórias</i>	LL_Britto
<i>Interpreter of de Maladies</i>	IM_Lahiri
<i>Intérprete de Males</i>	IM_Britto
<i>Paraísos Artificiais</i>	PA_Britto

Essa etapa permitiu a obtenção de dois *subcorpora*: um *corpus* de textos traduzidos por Britto (CTTB), formado pelos arquivos GC_Britto, LL_Britto e IM_Britto, e um *corpus* de textos não traduzidos de Britto (CTOB), formado pelo arquivo PA_Britto.

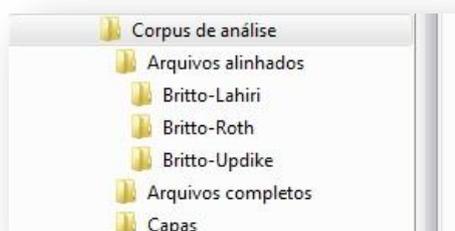
Em seguida, passou-se para a etapa de preparação do terceiro *subcorpus* considerado nesta pesquisa: o *corpus* paralelo (CP). Essa etapa envolveu o alinhamento, no nível da sentença, de cada texto traduzido com o seu respectivo texto-fonte, gerando arquivos separados para cada par de contos do *corpus* paralelo. Os quadros resultantes foram salvos em formato *.doc*. Esses arquivos alinhados foram identificados com o nome do conto traduzido e, depois, salvos em pastas identificadas com o nome do tradutor e de cada autor. Essa etapa gerou, ao final, uma pasta chamada “Arquivos alinhados” com três subpastas “Britto-Roth”, “Britto-Updike” e “Britto-Lahiri”. O processo de alinhamento foi feito, em larga medida, manualmente. O alinhamento manual se fez necessário devido 1) à dificuldade de incluir etiquetas através dos programas de alinhamento automático então disponíveis e 2) erros persistentes na identificação das sentenças. A Figura 2, a seguir, apresenta um exemplo de alinhamento do conto *The third and final continent*, de Jhumpa Lahiri e *O terceiro e último continente*, traduzido por Paulo Henriques Britto.

Figura 2: Exemplo de alinhamento em extensão .doc

O terceiro e último continente	The Third and Final Continent
Parti da Índia em 1964 com um certificado de curso de administração e uma quantia que correspondia, na época, a dez dólares.	I left India in 1964 with a certificate in commerce and the equivalent, in those days, of ten dollars to my name.
Foram três semanas de viagem no <itálico> Roma </itálico>, um cargueiro italiano, numa cabine ao lado da casa de máquinas, atravessando o mar de Omã, o mar Vermelho e o Mediterrâneo, até chegar à Inglaterra.	For three weeks I sailed on the SS <itálico> Roma, </itálico> an Italian cargo vessel, in a cabin next to the ship's engine, across the Arabian Sea, the Red Sea, the Mediterranean, and finally to England.
Fui morar no norte de Londres, em Finsbury Park, numa casa habitada exclusivamente por bengalis solteiros, todos sem dinheiro algum, todos tentando formar-se e começar a vida no estrangeiro.	I lived in North London, in Finsbury Park, in a house occupied entirely by penniless Bengali bachelors like myself, at least a dozen and sometimes more, all struggling to educate and establish ourselves abroad.
Eu assistia às aulas na London School of Economics e trabalhava na biblioteca da universidade para sobreviver.	I attended lectures at LSE and worked at the university library to get by.
Na casa éramos três em cada quarto,	We lived three or four to a room, shared

Ao final dessa fase de compilação e preparação, chegou-se à organização de arquivos ilustrada na Figura 3, a seguir.

Figura 3: Organização dos arquivos eletrônicos do *corpus* de estudo



A Figura 3 representa o final da fase de compilação e preparação do *corpus* de estudo. Nessa fase final, foi também organizado um *corpus* de consulta a partir de textos traduzidos já disponíveis no ESTRÁ. Foram escolhidos 11 textos (narrativas ficcionais) traduzidos do inglês para o português brasileiro por quatro tradutores diferentes. O segundo *corpus* de consulta, o COMPARA, encontra-se disponível on-

line³⁸. É relevante explicitar aqui que as ferramentas do COMPARA permitiram a delimitação de um *corpus* comparável, de narrativas ficcionais em língua portuguesa brasileira não traduzida e de narrativas ficcionais em língua portuguesa brasileira traduzida, produzidas a partir de 1980. Uma vez que todos os textos estavam prontos foi possível passar à quantificação e ao levantamento dos dados estatísticos.

2.3. Procedimentos de análise

Nesta seção, estão detalhados os procedimentos de análise empreendidos para obtenção de dados a partir do *corpus* de estudo.

2.3.1. Quantificação dos dados gerais

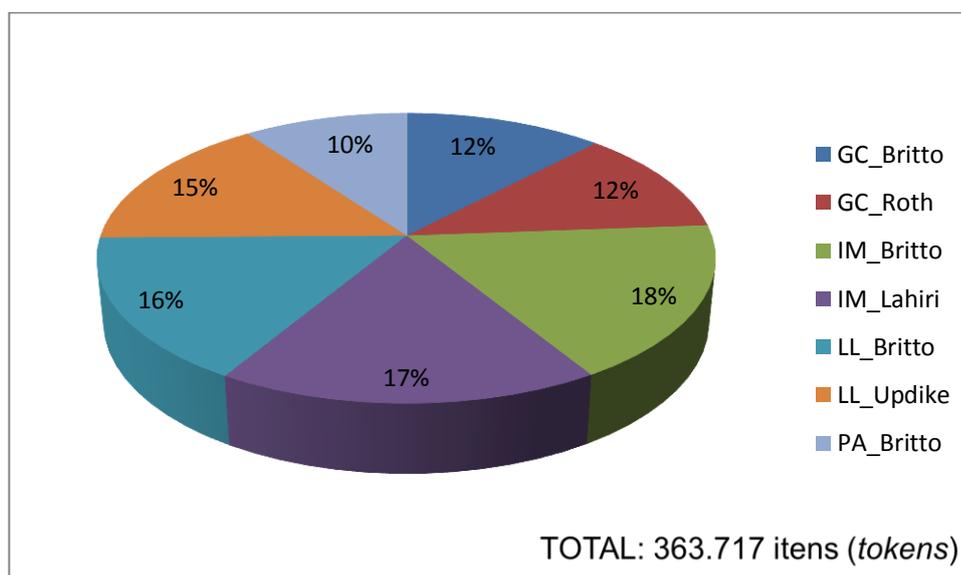
O primeiro passo nos procedimentos de análise, relacionados à convencionalidade e às mudanças na tradução adotados para o *corpus* de estudo, refere-se ao processo de quantificação dos dados. Todos os textos do *corpus* de estudo foram inseridos no *WordSmith Tools*© 6.0. Os dados quantitativos foram analisados a partir do uso desse programa e exportados como arquivos de extensão *.xls*, para futura referência. O *WordSmith Tools*© é um conjunto de programas integrados (suíte), desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela Oxford University Press desde 1996. É composto basicamente de três ferramentas e vários utilitários. Para esta pesquisa foram consideradas as ferramentas *WordList* e *Concord*. A ferramenta *WordList* fornece dados

³⁸ Disponível em: <http://www.linguateca.pt/COMPARA/>. Acesso: 16/10/2014.

estatísticos gerais como número de ocorrências de palavras, variedade lexical (dada pela razão forma/item e pela razão forma/item padronizada), tamanho do texto, número de sentenças e parágrafos, entre outros. A ferramenta *Concord* permite visualizar várias ocorrências de uma palavra ou frase, identificada como nóculo, acompanhadas do contexto em que ocorreram.

A obtenção dos primeiros dados estatísticos, fornecidos pela ferramenta *WordList*, permitiu elaborar através do programa *Microsoft Excel* um gráfico indicativo da composição do *corpus* de estudo desta pesquisa. O Gráfico 1, a seguir, ilustra essa composição.

Gráfico 1: Composição do *corpus* de estudo



Como é possível perceber no Gráfico 1, entre as coletâneas compiladas, *Interpreter of Maladies*, de Jhumpa Lahiri, e sua tradução *Intérprete de Males*, de Paulo Henriques Britto, são os textos mais extensos dentro do *corpus* de estudo compilado. Em contrapartida, a coletânea de contos de autoria de Paulo Henriques Britto, *Paraísos*

Artificiais, correspondeu a 10% do *corpus* de estudo compilado. Um dos fatores limitantes em uma pesquisa dos estudos de estilo é a disponibilidade de textos adequados ao seu escopo de investigação.

A decisão de excluir as novelas integrantes de duas das coletâneas compiladas permitiu aproximar, em tamanho, os textos do *corpus* de estudo. Essa decisão foi tomada para permitir uma comparação mais adequada dos dados estatísticos entre os textos traduzidos do CTTB, e ainda entre os textos do CTTB e os textos não traduzidos do CTOB. Em relação à comparação de ocorrências dos elementos de convencionalidade investigados foi necessário adotar a normalização de frequências como passo metodológico. O cálculo de frequência normalizada empregado nesta pesquisa considerou o número total de ocorrências de cada elemento investigado dividido pelo número total de palavras do texto (coletânea) em que esses elementos ocorriam, após, o resultado dessa divisão foi multiplicado por trinta mil. Essa fórmula permitiu comparar as ocorrências desses elementos por cada trecho de trinta mil palavras dos textos do *corpus* de estudo. A adoção da normalização por trechos de trinta mil palavras é empregada por Saldanha (2011) e foi escolhida por se adequar ao tamanho do *corpus* de estudo da presente pesquisa. O Quadro 6, a seguir, mostra um exemplo desse cálculo retirado da análise dos dados desta pesquisa.

Quadro 6: Exemplo do cálculo de frequência normalizada adotado

A - Número de ocorrências da palavra <i>cara</i> como referência a <i>rosto</i> em GC_Britto: 4
B - Total de itens (<i>tokens</i>) considerados pela <i>WordList</i> em GC_Britto: 43.889
C - Número de palavras tomado como referência para delimitação dos trechos de análise: 30.000
Fórmula: $A \div B \times C$
Então, $4 \div 43.889 \times 30.000 = 2,73$, ou seja, a palavra <i>cara</i> como referência a <i>rosto</i> ocorre 2,73 vezes a cada 30.000 palavras em GC_Britto.

Esse cálculo foi, entretanto, adaptado nas seções 3.4, ocorrência de dupla negativa para ênfase, e 3.5, ocorrência de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante. As construções investigadas nessas seções foram localizadas no nível na sentença e, por isso, tiveram sua frequência normalizada a partir do número total de sentenças, e não a partir do total de itens (*tokens*). O foco no estudo de expressões convencionais, conforme já foi apresentado, impôs a necessidade de considerar itens lexicais como unidades de tamanhos variados. O número de sentenças tomado como referência para delimitação dos trechos de análise nesse caso foi 1.000.³⁹

2.3.2. Investigação da convencionalidade

Durante as fases de compilação e preparação dos textos do *corpus* de estudo alguns elementos já haviam se destacado nos textos traduzidos. Mais tarde, foi feita uma pesquisa exploratória para a elaboração de uma análise inicial do *corpus* compilado. Foi escolhido o par de contos *A evolução de Oliver* (TT) e *Oliver's evolution* (TF), já alinhados no nível da sentença, para uma investigação minuciosa em relação a todas as ocorrências de expressões convencionais. Os resultados dessa pesquisa exploratória foram agrupados por nível (morfema, palavra, grupo, oração) e contrastados com uma lista de elementos de convencionalidade em língua portuguesa brasileira elencados por

³⁹ Mais detalhes sobre a normalização de frequências por segmentos de 1.000 sentenças podem ser encontrados em PÉREZ-GUERRA, J. Discourse Status and Syntax in the History of English: Some Explorations in Topicalization, Left-Dislocation, and *There*-Constructions. In: MEURMAN-SOLIN, A.; LÓPEZ-COUSO, M.J.; LOS, B. (Eds). *Information Structure and Syntactic Change in the History of English*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 121-138.; em CHEN, C. W. The use of conjunctive adverbials in the academic papers of advanced Taiwanese EFL learners. *International Journal of Corpus Linguistics*. V. 11, No. 1, 2006, p. 113-130; e em BOLTON, K., NELSON, G., HUNG, J. A corpus-based study of connectors in student writing: research from the International Corpus of English in Hong Kong ICE-HK. *International Journal of Corpus Linguistics*, V. 7, No. 2, 2002, p. 165-182.

Britto (cf. BRITTO, 2012). Esse procedimento resultou em um conjunto de itens lexicais de tamanhos diferentes, relacionados à convencionalidade em língua portuguesa brasileira, que foram considerados relevantes para a realização de significado no texto traduzido e para a investigação do estilo da tradução. Após a definição desse conjunto, cada um dos itens foi investigado, de forma sistemática, primeiro no CTTB e depois no CTOB, com a ajuda da ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools*© 6.0. A partir da verificação dos números de ocorrência, foram escolhidos quatro itens lexicais de análise específicos que ocorreram em todos os textos do *corpus* de estudo. Esses itens lexicais de tamanhos diferentes foram, do morfema à oração: 1) palavras criadas a partir de sufixação – sufixos aumentativos, superlativos e diminutivos – como, por exemplo, “grandalhão” ou “diferentona”, 2) itens lexicais compostos pela palavra “cara” – isolada ou integrando expressões convencionais da língua portuguesa como, por exemplo, em “cara amarrada” ou “(fazer) cara feia”, 3) a dupla negativa utilizada para ênfase como, por exemplo, em “Não quero, não”, e 4) a ocorrência de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante como, por exemplo, em “Quando é que ele vem?” ou em “Não sei como é que ele consegue”.

Esses itens lexicais foram identificados nos textos do CTTB e do CTOB. A investigação de seu cotexto foi feita com o auxílio de linhas de concordância através da ferramenta *Concord*, conforme é apresentado na Figura 4, a seguir.

Figura 4: Investigação do nódulo “cara” com a ferramenta *Concord* no CTTB

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Par:	Par:	Hea	Hea	Sec	Sec
1	o separado. Sam, embora com a cara mais vermelha do que nunca e os olhos			31.593	1.7	13%	0	25%			0	25%
2	dizem, é perigoso um branco mostrar a cara na rua de madrugada. Preto e branco, é			35.562	2.0	94%	0	28%			0	28%
3	De camisola, o cabelo penteado para trás, a cara lavada -- Bech pensou numa freira ou			45.787	2.4	28%	0	36%			0	36%
4	nunca sabia quando ela estava gozando a cara da gente." "É, tinha vez que nem eu			24.202	1.2	85%	0	19%			0	19%
5	Michael." "Não", retrucou Epstein, "ele é a cara do Sol." "Não, não, não negue...", e			57.838	5.0	80%	0	70%			0	70%
6	. Por quê? Ora, é claro -- o seu filho é a cara do leiteiro, era a velha piada. Ele sorriu,			57.896	5.0	65%	0	70%			0	70%
7	coisa." "Ela dizia que eles viravam a cara pra porco; eram gatos do Velho			24.182	1.2	53%	0	19%			0	19%
8	a garota de côcoras. Eu quero esfregar a cara dela na coisa. Quero fazer ela comer. O			80.418	4.2	67%	0	64%			0	64%
9	e cada vez que você olha pra ela você vê a cara dele olhando pra você. Certo?" "Você me			107.752	6.0	90%	0	86%			0	86%
10	dentro do porta-malas de um carro, com a cara encostada no macaco, e estou vendo o			113.479	6.4	23%	0	90%			0	90%
11	saiu de sua loja, impassível, porém com a cara vermelha. Ele nos mandou deixar de			51.741	3.5	94%	0	81%			0	81%
12	a filha da Ruth Leonard." "Pois é, e vi. É a cara dela, só que não é ruiva no cabelo. E			105.099	5.8	33%	0	84%			0	84%
13	havaiano sujo e com um degenerado com a cara cheia de rugas e enfeitada por três			84.042	4.5	34%	0	67%			0	67%
14	. Nelson odeia essas notas novas, com a cara de Andrew Jackson enorme e			89.540	4.9	60%	0	71%			0	71%
15	partida de TOMB RAIDERS e depois meter a cara no estudo pro teste de biologia. PHEB			92.978	5.1	77%	0	74%			0	74%
16	ou doze anos ele não via, tinha ficado com a cara dos Epstein, a cara que seu filho teria,			56.379	4.9	35%	0	68%			0	68%

Após a contabilização das ocorrências de todos os itens lexicais definidos para investigação, procedeu-se ao cálculo das frequências de ocorrência normalizadas. O passo seguinte foi contrastar esses achados com valores de referência, ou seja, recorreu-se, nesse ponto, ao *corpora* de consulta para avaliar se 1) as frequências encontradas no *corpus* de estudo desta pesquisa eram esperadas e 2) em que medida eram ou não esperadas em língua portuguesa brasileira traduzida e não traduzida. Os dados quantitativos das frequências de ocorrência dos itens lexicais investigados no CTTB e no CTOB foram, dessa forma, contrastados com as frequências de ocorrência dos mesmos itens lexicais obtidos em um *corpus* de consulta disponível on-line, o COMPARA, e em um *corpus* de consulta obtido no ESTRA. Esse procedimento permitiu fazer considerações sobre as escolhas de Paulo Henriques Britto no CTTB e no CTOB.

O passo seguinte foi a investigação desses itens lexicais no CP. Essas ocorrências foram localizadas e destacadas nos arquivos do CP que tinham sido

previamente alinhados⁴⁰. A identificação dos itens lexicais no CP resultou em novos quadros, também alinhados e criados em documentos de extensão *.doc*, apenas com os exemplos de ocorrência desses itens. O Quadro 7, a seguir, mostra um recorte dos quadros de exemplos confeccionados a partir dos arquivos alinhados a que se chegou ao final dessa etapa.

Quadro 7: Amostra de alinhamento dos exemplos destacados a partir do CP para a ocorrência da dupla negativa em LL_Britto

TT	TF
"Ela deu a impressão de se achar meio superior a todo mundo." "Era o jeito dela. <i>Mas no fundo ela não era, não.</i> "	"She seemed a bit above it all." "That was her approach. <i>But she wasn't, really.</i> "
" <i>Precisar, não precisava não</i> , David, mas eu <itálico> quero </itálico> dar. Ela era uma boa freguesa", disse Roy. "A gente vai sentir muita falta da sua mãe aqui por essas bandas. Ela era da velha escola."	" <i>I know I don't</i> <itálico> <i>have</i> </itálico> <i>to</i> , David, but I <itálico> want </itálico> to. She was a good customer," Roy said. "We'll miss your mother around these parts. She was of the old school."

Depois da confecção dos quadros de exemplos em extensão *.doc*, com os quatro itens lexicais investigados destacados, contabilizados e suas frequências de ocorrência devidamente normalizadas, passou-se à análise comparativa entre os pares de TT e TF (CP) a fim de verificar mudanças na tradução no contexto das expressões convencionais em língua portuguesa brasileira.

⁴⁰ Isso foi feito para facilitar a comparação entre TFs e TTs em relação às mudanças na tradução, na etapa seguinte.

2.3.3. Investigação das mudanças na tradução

Essa etapa envolveu a etiquetagem dos textos traduzidos, no contexto das ocorrências dos itens lexicais associados à convencionalidade e em comparação com seus respectivos textos-fonte, nos quadros em arquivos de extensão *.doc*. Isso foi feito para identificar mudanças na tradução e analisar as implicações das escolhas linguísticas de Britto para a realização de significado dos textos-fonte nos textos traduzidos.

Conforme mencionado no capítulo de Fundamentação Teórica, as mudanças na tradução foram analisadas de acordo com as categorias propostas por Blauth (2015), a partir de Pekkanen (2010), e a escala de ordens de Catford ([1965] 1978). As duas categorias principais (estratégias globais) foram chamadas de “amplificação” e “redução” e cada uma delas foi dividida em duas subcategorias (procedimentos locais): “acréscimo” e “expansão”, no caso de amplificação; e “omissão” e “contração”, no caso de redução. Essa primeira classe de subcategorias foi refinada, segundo a escala de ordens de Catford ([1965] 1978), para indicar com mais precisão os tipos de mudanças operadas pelo tradutor. Assim, as instâncias de acréscimo foram consideradas separadamente como “acréscimo de morfema”, “acréscimo de palavra” e “acréscimo de grupo/oração”. A expansão compreendeu instâncias de “palavra expandida para grupo/oração” e “grupo expandido para oração” e a contração compreendeu instâncias de “grupo contraído para palavra”, “oração contraída para grupo” e “oração contraída para palavra”. As subcategorias de “acréscimo” e de “omissão” foram entendidas como a inserção ou a eliminação injustificada de elementos. O Quadro 8 apresenta de forma sintética as categorias e etiquetas utilizadas na identificação das mudanças na tradução investigadas nos quadros de exemplos confeccionados na etapa anterior desta pesquisa.

Quadro 8: Categorias de mudança na tradução acompanhadas de suas respectivas etiquetas

Categoria principal	Subcategorias 1	Subcategorias 2	Etiqueta
Amplificação	acréscimo	de morfema	< A_M >
		de palavra	< A_P >
		de grupo/oração	< A_GO >
	expansão	palavra para grupo/oração	< E_P/GO >
		grupo para oração	< E_G/O >
Redução	omissão	de palavra	< O_P >
		de grupo/oração	< O_GO >
	contração	grupo para palavra	< C_G/P >
		oração para grupo	< C_O/G >
		oração para palavra	<C_O/P>

As mudanças na tradução foram consideradas, a partir do Quadro 8, apenas quando eram opcionais, ou seja, quando o tradutor dispunha de outras opções possíveis dentro do sistema linguístico do português brasileiro.

O Quadro 9 apresenta um exemplo de etiquetagem conforme foi empregada nesta pesquisa para a análise de mudanças na tradução.

Quadro 9: Exemplo de etiquetagem de mudança na tradução

TT	TF
Duchamp era um homem < A_M > <i>bonitão</i> , de uma magreza ascética, com uma cabeça em forma de bigorna.	Duchamp was a <i>handsome</i> man, ascetically slender, with an anvil- shaped head.

O adjetivo “*handsome*” foi traduzido aqui por “bonitão”. Nesse exemplo, foi verificada uma ocorrência do tipo *amplificação* > *acrécimo* > *de morfema*, ou seja, foi verificada uma ocorrência da estratégia global de amplificação, uma ocorrência do procedimento local de acréscimo e, segundo a escala de ordens, uma ocorrência de acréscimo de morfema. Trata-se de uma mudança opcional no sistema linguístico do português brasileiro e, por isso, recebeu essas etiquetas e foi contabilizada na análise das mudanças na tradução proposta nesta pesquisa.

Depois que todas as mudanças foram devidamente identificadas, procedeu-se à sua contabilização. As análises das mudanças na tradução geraram também considerações sobre a ocorrência de sanitização e de instâncias de uso criativo da linguagem pelo tradutor. Essas ocorrências também foram identificadas nos quadros de exemplos e contabilizadas ao final dessa etapa.

No próximo capítulo, são apresentados e discutidos dados quantitativos e exemplos do *corpus* de estudo desta pesquisa obtidos a partir da investigação dos elementos de convencionalidade já mencionados.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ESTILO DA TRADUÇÃO E CONVENCIONALIDADE

3. Apresentação e discussão dos resultados: estilo da tradução e convencionalidade

Este capítulo apresenta e discute os resultados da análise dos dados quantitativos gerais do *corpus* de estudo desta pesquisa obtidos com o auxílio do programa *WordSmith Tools*© 6.0. Apresenta e discute, ainda, os resultados da análise do emprego da convencionalidade nos TTs, baseados na ocorrência dos itens lexicais de tamanhos variados especificados no capítulo anterior. Serão discutidos, primeiro, os resultados da análise dos dados quantitativos e, em seguida, os resultados da análise dos itens lexicais relacionados aos hábitos linguísticos do tradutor e à convencionalidade enfocados neste estudo.

3.1. Dados estatísticos gerais do *corpus* de estudo

A geração de dados por meio da ferramenta *WordList* do *WordSmith Tools*© 6.0 permitiu comparar algumas características dos textos compilados. Retomando o referencial teórico já apresentado, Baker (2000) aponta que alguns padrões de escolha seguidos pelos tradutores podem ser verificados pela quantificação de elementos do *corpus* por meio do programa *WordSmith Tools*©. Essa abordagem considera medidas como a relação forma/item, o comprimento médio de sentenças, a variação de tamanho entre os textos e a representatividade da frequência de determinado item lexical. A relação forma/item fornece a variedade lexical de um texto, representando o quanto o autor/tradutor utilizou-se de vocábulos diferentes em comparação com o número total

de vocábulos empregados no texto. Quanto maior for o valor encontrado, maior é a variedade lexical. O comprimento médio das sentenças, por sua vez, é considerado como uma forma de analisar a complexidade linguística. Sentenças menores no TT em comparação ao TF podem significar uma tendência do tradutor à simplificação enquanto o contrário, ou seja, sentenças mais longas no TT, representariam uma tendência do tradutor à explicitação.

Uma consideração importante a ser feita aqui quanto à apresentação dos dados estatísticos é a constatação de que, embora tenham sido subtraídas as novelas de duas das coletâneas compiladas a fim de aproximar os textos do *corpus* de estudo em tamanho, ainda assim esses textos permaneceram com tamanhos diferentes. Como já foi mencionado, no escopo de uma pesquisa de estilo, a situação mais próxima do ideal envolve a investigação de textos compilados integralmente. É relevante ressaltar que esse fator limita de certa maneira a comparação geral dos dados entre CTTB e CTOB. As diferenças entre os sistemas das línguas do par linguístico considerado nesta pesquisa também influenciam possíveis discrepâncias entre cada TT e seu respectivo TF. Mesmo considerando essas limitações, a apresentação desses resultados da análise dos dados estatísticos gerais do *corpus* de estudo constitui o primeiro passo para direcionamento das análises empreendidas nas seções seguintes deste capítulo.

O primeiro pressuposto de pesquisa, elaborado a partir do arcabouço teórico resenhado, fazia referência à possibilidade de investigar o perfil de tradutores individuais identificando padrões de escolhas indicativos de seu estilo individual. A partir dele foi elaborada a pergunta de pesquisa sobre se seria possível identificar especificamente um padrão de escolhas indicativo do estilo individual de Paulo

Henriques Britto. Para começar a discussão dos resultados que visam responder a essa pergunta, apresenta-se a Tabela 1. Essa tabela traz os dados estatísticos do CTOB, do CTTB e de cada um dos textos que compõem o CP para permitir a comparação entre TTs e TFs.

Tabela 1: Dados quantitativos gerais do *corpus* de estudo

Texto	<i>Corpus</i> /Coletânea	Itens (<i>tokens</i>)	Tamanho da coletânea em relação ao <i>corpus</i> de análise	Razão Forma/Item padronizada	Número de sentenças	Tamanho médio das sentenças
TnTs	CTOB	36.233	10%	45,60	2.090	17,34
TTs	CTTB	166.069	45%	49,14	11.236	14,78
TT	GC_Britto	43.889	12%	44,56	3.978	11,03
TF	GC_Roth	42.531	12%	40,64	3.916	10,86
TT	IM_Britto	63.471	18%	49,43	4.392	15,38
TF	IM_Lahiri	63.599	17%	45,83	4.271	15,44
TT	LL_Britto	58.709	16%	52,21	2.866	20,48
TF	LL_Updike	55.285	15%	49,35	2.817	19,63

A Tabela 1 permite fazer algumas considerações iniciais em diferentes instâncias de comparação. A primeira constatação que pode ser feita em relação aos resultados apresentados nessa tabela, considerando CTOB e CTTB, é a diferença do tamanho dos textos do *corpus*, o que reforça a necessidade de utilização da frequência normalizada de ocorrências para a investigação de itens lexicais associados à convencionalidade. A medida da razão forma/item padronizada, calculada para segmentos contínuos de mil palavras, é indicativa da variedade lexical e pode ser usada para comparar esses dois *corpora*. Verifica-se que há maior variedade lexical nos textos

traduzidos (49,14) que o verificado nos textos não traduzidos de Britto (45,60). Há diferença também no tamanho médio das sentenças. O tamanho médio de sentenças foi de 17,34 palavras no CTOB e de 14,78 palavras no CTTB. Esses dados indicam que os textos não traduzidos de Britto apresentam menor variedade lexical e sentenças maiores que os textos traduzidos por Britto.

Os dados da Tabela 1 permitem ainda a comparação dos TTs do CTTB entre si. Em relação ao tamanho (em itens) e à medida da variedade lexical, verifica-se que GC_Britto é o menor TT do CTTB e apresenta a menor variedade lexical, IM_Britto é o maior TT do CTTB e apresenta variedade lexical intermediária, e LL_Britto é o TT de tamanho intermediário no CTTB e apresenta a maior variedade lexical. Embora o tamanho do texto possa interferir na medida da variedade lexical, esse fator não parece ser determinante nas variações verificadas entre os TTs do CTTB.

Considerando-se os TTs e TFs do CP, verifica-se que há uma quebra de expectativa em relação ao tamanho dos textos traduzidos. Estudos sobre a explicitação em tradução têm apresentado resultados que apontam para textos traduzidos com um maior número de itens que seus respectivos TFs como um possível resultado da ocorrência de explicitação no texto traduzido. A explicitação é tida como um dos universais da tradução, ou nos termos de Baker, uma das características do texto traduzido (BAKER, 1996). No caso dos TTs da presente pesquisa, constata-se que dois deles corroboram o pressuposto, nomeadamente GC_Britto e LL_Britto, enquanto que um deles, IM_Britto, é ligeiramente menor que o seu TF. Esse fato endossa, *a priori*, a hipótese de que tenha ocorrido explicitação em GC_Britto e LL_Britto, mas não em IM_Britto. Ao calcular-se as diferenças entre os pares de TTs e TFs, pode-se aferir que

houve aumento em GC_Britto em relação a GC_Roth de 3,2%, aumento em LL_Britto em relação a LL_Updike de 6,2% e em IM_Britto foi registrado decréscimo de 0,2% em relação a IM_Lahiri. Como o CP conta com textos exclusivamente no par linguístico português brasileiro e inglês americano, esses dados sugerem que as diferenças entre esses dois sistemas linguísticos dificilmente seriam capazes de responder por si só pelas variações entre cada um dos pares de TT e TF.

A partir da análise inicial desses dados estatísticos fornecidos pela *WordList*, seria possível sugerir que as escolhas do tradutor Paulo Henrique Britto são influenciadas em graus variados pelos TFs, pois não parece haver um padrão do tradutor em relação a todos os TFs. Além disso, os dados estatísticos gerais do *corpus* de estudo não parecem indicar a existência de um padrão no CTTB que possa ser estatisticamente verificado no CTOB. Esse resultado dialoga com Baker (2007) e aponta para um resultado similar ao obtido por essa autora. Baker (2007) também verificou padrões distintos para os textos traduzidos e para os textos não traduzidos de seu *corpus*. Os dados apresentados sugerem também a ocorrência de explicitação, mas não de maneira uniforme em todos os TTs. Dessa forma, em relação ao pressuposto inicial, é possível dizer que parece haver um padrão de Britto para GC_Britto e para LL_Britto, mas não para IM_Britto. Esse resultado parece dialogar ainda com o pressuposto n° 13, sobre a interferência de preferências individuais do tradutor em graus variados nos TTs, conforme Pekkanen (2010).

As próximas seções aprofundam a investigação das escolhas linguísticas de Britto apresentando os resultados das análises dos itens lexicais relacionados à convencionalidade. A ordem de apresentação desses itens obedecerá ao mesmo critério

empregado na investigação: morfema, palavra, grupo e oração. A próxima seção traz, portanto, uma análise de itens lexicais, criados a partir de processos de sufixação típicos da língua portuguesa brasileira, que se destacaram no *corpus* de estudo.

3.2. Ocorrência de palavras criadas por sufixação: aumentativo, diminutivo e superlativo

O uso, pelo tradutor, de palavras com determinados recursos morfológicos de formação por sufixação em língua portuguesa se destacou durante os procedimentos de compilação e correção do *corpus* de estudo. De acordo com as etapas mencionadas na descrição dos passos metodológicos desta pesquisa, foram selecionados os sufixos aumentativos -ão e -ona, diminutivos -inho e -inha, e superlativos -íssimo e -íssima para investigação. O grupo de itens lexicais formados a partir dos sufixos aumentativos considerados nesta pesquisa incluiu ainda ocorrências do sufixo -alhão e -alhona, pelo fato de terem ocorrido apenas nos itens lexicais “grandalhão” e “grandalhona”. É pertinente ressaltar que os aumentativos foram considerados também pela sua função de intensificação. Além disso, foram contabilizadas todas as ocorrências desses itens lexicais tanto no singular quanto no plural.

A Tabela 2, a seguir, apresenta as frequências normalizadas de ocorrência de itens lexicais formados a partir desses sufixos no CTTB e no CTOB.

Tabela 2: Frequência de ocorrência de itens lexicais formados a partir de sufixos no CTTB e no CTOB

	-ão	-ona	-inho	-inha	-íssimo	-íssima
CTTB	5,24	1,81	25,83	14,27	1,26	0,72
CTOB	4,96	2,48	21,52	14,07	4,96	5,79

Os dados da Tabela 2 mostram que o CTTB emprega o aumentativo –ão (5,24) e o diminutivo –inho (25,83) com mais frequência que o CTOB (-ão, 4,96; –inho, 21,52), o aumentativo –ona (1,81) e os superlativos –íssimo (1,26) e –íssima (0,72) com menos frequência que o CTOB (-ona, 2,48; –íssimo, 4,96; –íssima, 5,79) e o aumentativo -inha (14,27) com frequência bastante similar, embora ligeiramente maior, ao que foi verificado no CTOB (14,07). O emprego de sufixos de gênero masculino, como esperado, é mais frequente que o uso de sufixos de gênero feminino. Entretanto, há uma quebra de expectativa em relação ao uso de sufixo superlativo no CTOB, pois –íssima ocorre 5,79 vezes enquanto –íssimo ocorre 4,96 vezes. De forma geral, não há um padrão de ocorrências que se repita no CTTB e no CTOB para todos os sufixos analisados, embora o emprego de palavras formadas a partir dos sufixos diminutivos –inho e –inha contabilize o maior número de ocorrências tanto no CTTB quanto no CTOB. Pode-se destacar ainda que há um número significativamente maior de ocorrências dos sufixos superlativos –íssimo e -íssima no CTOB quando comparado ao CTTB.

A Tabela 3 apresenta as frequências normalizadas de ocorrência de itens lexicais formados a partir desses sufixos nos TTs e no *corpus* de consulta de textos traduzidos por diferentes tradutores do ESTRA. O COMPARA não foi incluído nesta

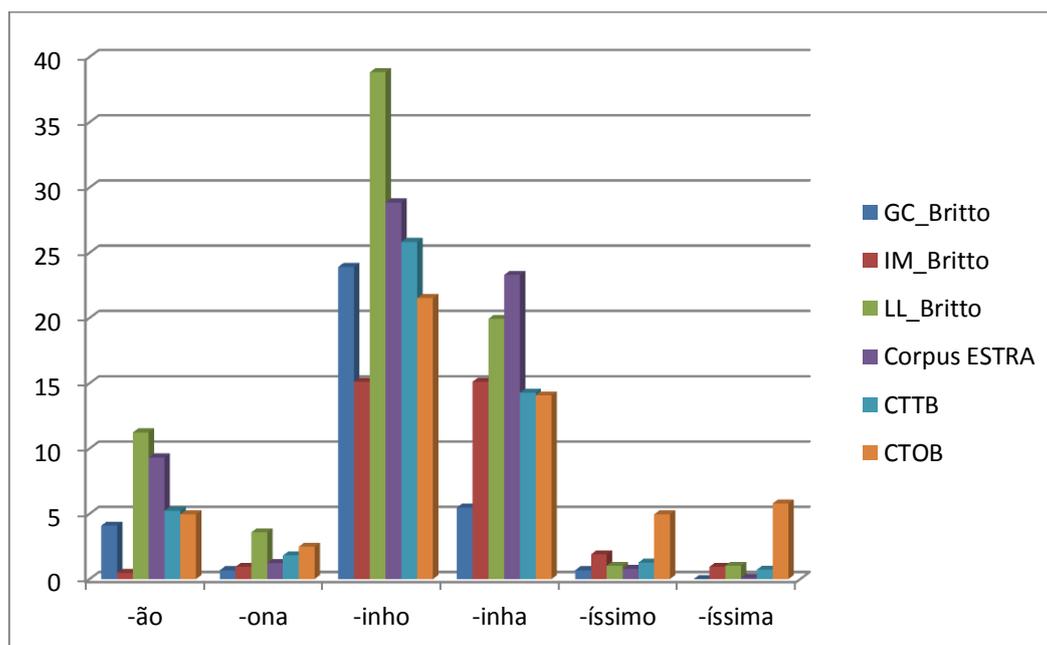
instância de investigação, porque não permite buscas por sufixos ou de itens lematizados. A unidade mínima de busca no COMPARA é a palavra.

Tabela 3: Frequência de ocorrência de itens lexicais formados a partir de sufixos por TT do CTTB e no ESTRA

	<i>-ão</i>	<i>-ona</i>	<i>-inho</i>	<i>-inha</i>	<i>-íssimo</i>	<i>-íssima</i>
GC_Britto	4,10	0,68	23,92	5,47	0,68	0,0
IM_Britto	0,47	0,94	15,12	15,12	1,89	0,94
LL_Britto	11,24	3,58	38,83	19,93	1,02	1,02
ESTRA	9,32	1,22	28,85	23,30	0,77	0,10

O Gráfico 2, a seguir, ilustra os dados apresentados nas Tabelas 2 e 3 para facilitar a sua visualização e comparação.

Gráfico 2: Comparação das frequências de ocorrência de palavras formadas por sufixação



Os dados apresentados na Tabela 3 e no Gráfico 2 permitem fazer algumas considerações sobre o emprego de palavras formadas por sufixação no *corpus* de estudo. O emprego de palavras formadas a partir dos sufixos diminutivos –inho e –inha apresentaram, em geral, maior frequência de ocorrência entre os sufixos analisados, tanto nos TTs do CTTB quanto no ESTRA. Entretanto, houve variação da frequência de ocorrência de palavras formadas a partir desses sufixos entre os TTs. O TT LL_Britto apresentou a maior frequência de ocorrência de palavras formadas a partir do sufixo –inho (38,83) e a segunda maior frequência de ocorrência de palavras formadas a partir do sufixo –inha (19,93). Esse TT também apresentou a maior frequência de ocorrência de palavras formadas a partir dos sufixos –ão (11,24) e –ona (3,58), configurando-se no TT que mais fez uso do recurso da sufixação.

Em relação às palavras formadas a partir do sufixo –inha, a maior frequência de ocorrência foi registrada no *corpus* de consulta do ESTRA (23,3), ao passo que todos os textos traduzidos de Britto e os textos não traduzidos de Britto registraram frequências menores que aquela verificada no ESTRA. Em relação às palavras formadas a partir dos sufixos –íssimo e –íssima, parece haver uma preferência de Britto pelo emprego dessas estruturas principalmente em seus textos não traduzidos. Além disso, dois dos TTs, IM_Britto e LL_Britto, apresentaram maior frequência de ocorrência dessas estruturas que o verificado no *corpus* de consulta do ESTRA. Quanto ao uso de palavras formadas a partir dos sufixos –íssimo e –íssima, IM_Britto apresentou frequências de ocorrência de 1,89 e 0,94, respectivamente, LL_Britto apresentou frequências de 1,02 e 1,02, e o *corpus* do ESTRA apresentou frequências de 0,77 e 0,10.

A comparação entre CTTB e CTOB permitiu apontar uma possível preferência de Britto pelo emprego de palavras formadas a partir dos sufixos superlativos –íssimo e –íssima. Já a comparação do CTTB com o *corpus* de consulta do ESTRA permitiu verificar que Britto emprega essas estruturas com uma frequência maior que a esperada em língua portuguesa traduzida. É necessário, neste ponto, fazer uma observação sobre os três tipos de ocorrências de palavras formadas por sufixação (-ona, -íssimo e –íssima) menos frequentes no ESTRA e os três tipos de ocorrências de palavras formadas por sufixação (-ão, -inho e –inha) mais frequentes no ESTRA. A frequência de ocorrência de palavras formadas a partir dos sufixos -ona, -íssimo e –íssima no CTOB (2,48; 4,96; 5,79, respectivamente) foi superior à frequência de ocorrência de palavras formadas a partir desses mesmos sufixos no CTTB (1,81; 1,26; 0,72, respectivamente) que, por sua vez, foi superior à frequência de ocorrência de palavras formadas a partir desses mesmos sufixos no ESTRA (1,22; 0,77; 0,10, respectivamente). Esses dados indicam que Britto emprega palavras formadas a partir dos sufixos -ona, -íssimo e –íssima, menos recorrentes em língua portuguesa traduzida de acordo com o *corpus* de consulta, com uma frequência maior que a esperada nos seus TTs e maior ainda em seus textos não traduzidos.

Em relação aos tipos de ocorrência de sufixos (ão, -inho e –inha) mais frequentes no ESTRA, ocorre um movimento exatamente inverso. Esses tipos de ocorrências são menos frequentes no CTTB que no ESTRA e menos frequentes no CTOB que no CTTB. A frequência de ocorrência observada para as palavras formadas a partir do sufixo –ão foi de 9,32 no ESTRA, 5,24 no CTTB e 4,96 no CTOB. A frequência de ocorrência observada para as palavras formadas a partir do sufixo –inho foi de 28,85 no ESTRA, 25,83 no CTTB e 21,52 no CTOB. A frequência de ocorrência

observada para as palavras formadas a partir do sufixo –inha foi de 23,30 no ESTRA, 14,27 no CTTB e 14,07 no CTOB.

A investigação da convencionalidade a partir do nível do morfema foi baseada em Sinclair (1991, 2004), que aponta a possibilidade de identificar preferências linguísticas em relação a expressões convencionais em vários níveis. Os resultados quantitativos apresentados nessa seção corroboram essa afirmação de Sinclair (1991, 2004) à medida que permitem identificar escolhas nos TT que não parecem ser, *a priori*, típicas da língua portuguesa brasileira traduzida. Isso pode indicar que o tradutor Britto utiliza o recurso de formação de palavras por sufixação de acordo com suas preferências linguísticas pessoais. Em relação aos TTs, LL_Britto foi o TT que mais se aproximou dos resultados obtidos no *corpus* de consulta do ESTRA, mas ainda assim foram registradas diferenças entre os dois. Ademais, há um padrão de escolhas para cada TT e as ocorrências de –íssimo e –íssima se destacaram, no CTOB, indicando uma preferência do autor Britto e, ainda que em frequências mais baixas, no CTTB, indicando uma preferência do tradutor Britto. Outro indício de preferência linguística, associada à formação de palavras por sufixação, está no fato de que os três tipos de sufixos mais frequentes no *corpus* de consulta foram menos frequentes no CTTB e menos frequentes ainda no CTOB, ao passo que os três tipos de sufixos menos frequentes no *corpus* de consulta foram mais frequentes no CTTB e mais frequentes ainda no CTOB. Esses resultados concordam também com Baker (2007), já que há um padrão verificável para os TTs e outro para os textos não traduzidos.

Para ilustrar ocorrências dos itens lexicais formados a partir de sufixação considerados nesta seção, alinhados e acompanhados de seu cotexto, são apresentados

os quadros de 10 a 15. O Quadro 10, a seguir, traz exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo *-ão*.

Quadro 10: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com *-ão*

	TT	TF
(1)	[...] o rabino Marvin Binder, homem de trinta anos, alto, <i>bonitão</i> , de ombros largos e cabelos pretos, com fios fortes e grossos, tirou o relógio do bolso e viu que eram quatro horas.	[...] Rabbi Marvin Binder, a tall, <i>handsome</i> , broad-shouldered man of thirty with thick strong-fibered black hair, removed his watch from his pocket and saw that it was four o'clock.
(2)	O sári, cada dia um padrão diferente, agitava-se ao vento abaixo do <i>casacão</i> xadrez.	Her sari, a different pattern each day, fluttered below the hem of a checkered <i>all-weather coat</i> .
(3)	-- lábios sem batom, <i>narigão</i> comprido e branco como se de cera, cabelo cortado curto ficando grisalho não em fios isolados, mas em mechas.	-- no lipstick, long white waxy <i>nose</i> , and a feathery short haircut with gray coming in not in strands but in patches.
(4)	Atrás de um <i>janelão</i> sujo, num cubículo com paredes recobertas de calendários, vi dois velhos sentados um de cada lado de uma mesa gasta, sobre a qual havia um telefone e um rádio.	Behind a dirty <i>picture window</i> , in a little room papered with calendars, two old men sat on opposite sides of a worn desk that held a telephone and a radio.

O exemplo (1) traduz “*handsome*”, palavra sem afixo no inglês, por “bonitão”, palavra com sufixo aumentativo. Além disso, altera a ordem dos elementos do grupo nominal do inglês “*a tall, handsome, broad-shouldered man of thirty with thick strong-fibered black hair*” para “homem de trinta anos, alto, bonitão, de ombros largos e cabelos pretos, com fios fortes e grossos”. No exemplo (2), a palavra “casacão” é escolhida para traduzir “*all-weather coat*”. Trata-se, no inglês, de um grupo nominal

componente do grupo preposicional “*below the hem of a checkered all-weather coat*”. A escolha realizada por Britto traduz esse grupo nominal com uma palavra composta com a função de adjetivo, por “casacão”, palavra com sufixo aumentativo no português brasileiro. No COMPARA, foram registradas apenas duas ocorrências para “casacão” em língua portuguesa brasileira traduzida e apenas uma ocorrência em língua portuguesa brasileira não traduzida. No exemplo (3), o grupo nominal “*long white waxy nose*” é traduzido também por um grupo nominal, com alterações da estrutura gramatical do grupo para o português brasileiro, “*narigão comprido e branco como se de cera*” e com a introdução de um sufixo aumentativo no substantivo núcleo do grupo. No exemplo (4), um grupo nominal no inglês “*picture window*” é traduzido como uma palavra com sufixo aumentativo em português, “janelão” – embora a opção dicionarizada mais próxima em língua portuguesa fosse “janela panorâmica”. O COMPARA registra uma ocorrência para “janela panorâmica” em língua portuguesa brasileira traduzida, sendo que o trecho correspondente no TF apresentava “*picture window*”. Também no COMPARA, “janelão” ocorre apenas uma vez em língua portuguesa brasileira não traduzida (em um romance de Chico Buarque) e é traduzido para o inglês como “*window*”. As ocorrências de palavras com o sufixo –ão mais frequentes registradas no CTTB foram “bonitão”, “barrigão”, “grandalhão” e “narigão”, o que contribuiu também para uma maior coloquialidade nos TTs que o verificado nos TFs. No CTOB, a ocorrência mais frequente de itens lexicais formados com –ão foi “tempão”. Além disso, 50% das ocorrências desses itens lexicais no CTOB estavam associadas à conotação, principalmente em ocorrências da palavra “amarradão”.

Em geral, esses exemplos mostram duas tendências distintas por parte de Britto, de acréscimo da unidade morfema e de contração de adjetivo e substantivo

(núcleo do grupo nominal) em substantivo com acréscimo de morfema. Essas escolhas estão relacionadas a uma preferência do tradutor por expressões convencionais e por um registro de linguagem mais coloquial.

O Quadro 11 apresenta exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo *-ona*.

Quadro 11: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com *-ona*

	TT	TF
(1)	Depois de algum tempo, quando o menino dormiu, ela voltou para mim e, sem pressa, com a graça desajeitada e <i>grandalhona</i> de uma corça, despiu-se.	After a while, the boy asleep, she came back to me, and unhurriedly, moving about with the <i>high-haunched</i> ungainly grace of a deer, she took off her clothes.
(2)	Além disso, Gretchen era <i>grandalhona</i> , e não mignon e flexível como ele gostava; [...]	Also, she was <i>large</i> , not lithe and little as he liked women; [...]
(3)	Tive vários intérpretes viajando comigo, mas normalmente quem vinha era Nadia, uma senhora magra, de lábios finos, <i>quarentona</i> que tinha aprendido inglês durante a guerra, no Exército.	The translator who travelled with me varied but usually it was Nadia, a lean thin-lipped lady <i>over forty</i> who had learned her English during the war, in the military.

No exemplo (1), o grupo nominal complexo “*the high-haunched ungainly grace of a deer*” que compõe o grupo preposicional “*with the high-haunched ungainly grace of a deer*” tem, além das alterações necessárias da ordem da estrutura, uma palavra composta que é um adjetivo, “*high-haunched*”, traduzida por “*grandalhona*”,

palavra com sufixo aumentativo, em “com a graça desajeitada e grandalhona de uma corça”. No exemplo (2), o adjetivo “*large*” é traduzido por “grandalhona”, em uma instância de acréscimo da unidade morfema como já havia sido visto no Quadro 10. Já no exemplo (3), um grupo adverbial, “*over forty*”, parte de um grupo nominal complexo e com a função de qualificador, é traduzido por “quarentona”, uma palavra com sufixo aumentativo. O emprego de itens lexicais formados com –ona não apresentou um padrão claro de ocorrência, embora tenha sido ligeiramente mais frequente como uso criativo da linguagem no CTTB. No CTOB, esses itens lexicais colaboraram para um grau menor de formalidade dos textos ocorrendo, por exemplo, nas formas “diferentona”, “lindonas” e “afinzona”.

Em relação ao uso de palavras formadas com o sufixo –ona, há um padrão próximo do que foi verificado quanto ao emprego do sufixo –ão. Britto opta pelo acréscimo da unidade morfema, ainda que não haja motivação para isso no TF, e pela contração de grupos nominais em substantivos com acréscimo de morfema. Essas escolhas, em geral, sugerem TTs mais coloquiais que seus respectivos TFs.

O Quadro 12, a seguir, apresenta exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo –inho.

Quadro 12: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com -inho

	TT	TF
(1)	Eli, você está tendo outro colapso nervoso. Jimmy, o Eli está tendo outro colapso nervoso. Eli, é o Jimmy, eu soube que você está tendo um	Eli, you're having a nervous breakdown again. Jimmy, Eli's having a nervous breakdown again. Eli, this is Jimmy, hear

	<i>colapsozinho</i> , posso te ajudar em alguma coisa, rapaz?	you're having a <i>little breakdown</i> , anything I can do, boy?
(2)	A sra Katz dava <i>pulinhos</i> . "Quem é?"	Mrs Katz jumped <i>up and down</i> . "Who <i>is</i> it?"
(3)	Tudo mundo já está <i>crescidinho</i> , meu Deus.	We're all <i>adults</i> , God knows.
(4)	Ele acabou gritando que eu estava bancando o bobo e o <i>espertinho</i> , e que minha mãe tinha que ir falar com ele, e que essa era a última vez.	Finally he starts screaming that I was deliberately simple-minded and a <i>wise guy</i> , and that my mother had to come, and this was the last time.
(5)	Era mais louro do que Jane, parecia um <i>inglesinho</i> , de queixo pontudo, pele alva e faces rosadas; [...]	He was blonder than she, <i>English-looking</i> , with a pointed chin and pale skin and rosy cheeks; [...]

Os exemplos do Quadro 12 ilustram uma tendência de emprego de palavras formadas a partir do sufixo diminutivo –inho. O exemplo (1) traduz um grupo nominal do inglês, “*little breakdown*”, por um substantivo com sufixo diminutivo, “colapsozinho”. De forma geral, ocorrências com “*little*” no TF, como nessa instância, foram escassas no CP. No exemplo (2), “*jumped up and down*” é traduzido como “dava pulinhos”. Nos exemplos (3), (4) e (5), “crescidinho”, “espertinho” e “inglesinho” possuem conotação negativa. Esse tipo de ocorrência com conotação negativa, verificado principalmente em ocorrências de *homenzinho*, *sujeitinho* e *lugarzinho*, foi identificado em GC_Britto e em LL_Britto, mas não em IM_Britto. As ocorrências em IM_Britto pareceram dialogar com o tom melancólico de suas descrições de cenários, tendo sido mais frequentes em ocorrências como “banquinho”, “cachorrinho”, “barquinhos”, “saquinho(s)” e “laguinho”.

Essas ocorrências do *corpus* estão relacionadas com a proposta de estudo de Saldanha (2011) e são exemplos de estilo como atributo textual, ou seja, se referem à função intratextual das escolhas de Britto. As palavras com o sufixo *-inho*, considerando o grupo de sufixos analisados nesta seção, foram as mais frequentes do *corpus* em geral, sendo mais frequentes no CTTB que no CTOB. Em relação aos TTs, LL_Britto foi o único a apresentar frequência superior ao registrado no *corpus* de consulta. As ocorrências registradas para esse tipo de sufixo reforçam a tendência, já verificada anteriormente, de que Britto opta pelo acréscimo da unidade morfema independente da existência de elementos no TF que motivem esse acréscimo. Outras duas tendências se referem à contração de um adjetivo e um substantivo do inglês em um substantivo com sufixo diminutivo no português e o uso do diminutivo com conotação negativa.

O Quadro 13, a seguir, apresenta exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo *-inha*.

Quadro 13: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com *-inha*

	TT	TF
(1)	Eu havia preparado uma <i>falazinha</i> , deixando um tempo para a tradução simultânea. Começava dizendo que o banjo era um instrumento africano, chamado [...]	I had worked up a <i>little talk</i> , allowing time for the translation. I would begin with the banjo as an African instrument, called [...]
(2)	Os arbustos que disfarçavam as fundações, recém-plantados quando se mudaram, agora pareciam grandes demais, invadindo a <i>escadinha</i> da entrada e as janelas da frente.	The foundation-masking shrubs newly planted when they moved in now looked overgrown, crowding the <i>brick steps</i> and front windows.

(3)	À <i>noitinha</i> caminhávamos até o Charles River para ver os barcos à vela, ou tomávamos sorvetes no Harvard Yard.	In the <i>evenings</i> we walked to the Charles River to watch sailboats drift across the water, or had ice cream cones in Harvard Yard.
(4)	Era minha terceira mentira, se bem que uma <i>mentirinha</i> bem-intencionada, que continha um pouco de verdade.	This was my third lie, but a <i>white one</i> , and with some truth still in it.
(5)	[...], foram casar-se na Índia, cercados por uma multidão de pessoas das quais ele só tinha uma vaga lembrança dos tempos da infância, sob as chuvas incessantes de agosto, numa tenda vermelha e laranja enfeitada com <i>lampadazinhas</i> de Natal, na Mandeville Road.	[...], they married in India, amid hundreds of well-wishers whom he barely remembered from his childhood, in incessant August rains, under a red and orange tent strung with Christmas tree <i>lights</i> on Mandeville Road.

O exemplo (1) apresenta, assim como foi apontado no Quadro 12, uma ocorrência em que se verifica o emprego de “*little*” no TF. Isso ocorreu muito pouco (16%) no CP em relação a trechos do TT que apresentavam ocorrências de palavras formadas a partir dos sufixos diminutivos analisados. Além disso, os exemplos (2), (3) e (4) parecem negociar o significado de “*steps*”, que seria menos que uma “escada”, de “*white lie*”, que seria menos que uma “mentira”, e de “*evening*”, que seria menos que “noite”. Nesses exemplos, “*white lie*” é uma colocação típica do inglês e “*steps*” e “*evening*” são escolhas na ordem da palavra para as quais não há um equivalente óbvio no português. O exemplo (5), por sua vez, apresenta uma ocorrência em que *Christmas tree lights* foi traduzido por *lampadazinhas de Natal*. Em geral, a ocorrência de itens lexicais formados com –inha mostrou estreita relação com as descrições de cenários em IM_Britto (*lojinha, latinha, mesinha, pedrinhas, manchinha*), com a nomeação de

peças em GC_Britto (*mãezinha, vozinha, gatinhas, moreninha, velhinhas*) e com trechos de ironia e depreciação em LL_Britto (*gracinha, baixinha, bolsinha, risadinhas, merdinhas*).

É relevante destacar que esses exemplos têm em comum o fato de não apresentarem, nos respectivos TFs, elementos que determinam as escolhas de Britto nos TTs. Um pressuposto formulado a partir do trabalho de Baker (1999, 2000), é que tradutores optam pela fluência nos TTs preferindo empregar estruturas típicas da língua para a qual traduzem. Britto parece optar pela fluência aqui, mas seu uso de estruturas típicas da língua não está associado à normalização como propôs Baker (1999, 2000) e sim à criatividade como sugeriu Munday (2008). Outro ponto que deve ser destacado é o fato de que todos os exemplos do Quadro 13 foram retirados de trechos de narração. De acordo com Britto (2012), trechos de diálogo em uma narrativa ficcional ofereceriam maior liberdade ao tradutor, podendo verificar-se nesses trechos o emprego de convencionalidade a fim de evitar estranhamento no leitor da língua-alvo. Isso não se verifica no *corpus* de estudo desta pesquisa, pois foram registrados diversos exemplos de convencionalidade também fora dos diálogos.

O Quadro 14, a seguir, apresenta exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo *-íssimo*.

Quadro 14: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com *-íssimo*

	TT	TF
(1)	Antes de começar o filme, um dos favoritos dela, uma fita falada em alemão que ele achou <i>muitíssimo</i> deprimente, [...]	Before the film, one of her favorites, something in German that he found <i>extremely</i> depressing, [...]

(2)	"É um rapaz muito bonzinho, <i>educadíssimo</i> ", disse ela.	"He's a very nice boy, <i>extremely polite</i> ," she said.
(3)	Meu filho sempre se espanta, não com a idade da sra Croft, mas com o aluguel <i>baixíssimo</i> que eu pagava, [...]	My son always expresses his astonishment, not at Mrs Croft's age, but at <i>how little</i> I paid in rent, [...]
(4)	"Ou que o pneu da caminhonete de Carole furou, ou que fulano tomou um porre no jantar <i>chatíssimo</i> na casa de beltrano."	"Or how Carole's station wagon had a flat tire doing the car pool, or how drunk so-and-so got at so-and-so's <i>rather dreadful</i> dinner party."
(5)	"Estou totalmente aberta e totalmente SUA, meu <i>QUERIDÍSSIMO</i> Eddie", escrevia ela, [...]	"I am altogether open and YOURS, my <i>dearest DEAREST</i> Eddie," she wrote, [...]
(6)	Meus pais eram <i>amicíssimos</i> dos pais dele, e nós todos morávamos na mesma cidade.	Our parents were <i>best friends</i> who lived in the same town.

O Quadro 14 ilustra diferentes estruturas que corresponderam no TF a ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo –íssimo nos TTs. Em geral, as ocorrências desse tipo de sufixação nos TTs corresponderam a ocorrências de formas superlativas e advérbios nos TFs (“*best friends*”, “*my dearest Eddie*” ou “*extremely depressing/polite*”, “*how little I paid*”, “*rather dreadful*”). Os dados quantitativos, apresentados no início desta seção, apontaram que a frequência de uso registrada para os itens lexicais formados com –íssimo no CTTB (1,26) foi maior que a frequência registrada no *corpus* de consulta (de TTs) do ESTRA (0,77), o que pode ser entendido como um indício da preferência de Britto por essas estruturas. Já nos textos não traduzidos, a frequência registrada para os itens lexicais formados com –íssimo no CTOB (4,96) foi consideravelmente maior que o verificado nos *corpora* de textos

traduzidos. Em relação aos TTs, IM_Britto apresentou maior frequência de ocorrência, sendo responsável por 57,14% do total de ocorrências de itens lexicais formados com –íssimo no CTTB. Cabe ressaltar ainda que o único tipo de sufixação mais frequente no TT IM_Britto, em relação aos outros TTs do CTTB, foi o emprego de superlativo. O TT IM_Britto apresentou padrões de escolhas, por parte do tradutor, mais distantes do que foi verificado nos outros TTs e no *corpus* de consulta. Esse resultado pode estar relacionado ao estilo do TF IM_Lahiri e será considerado novamente no capítulo 4, sobre mudanças na tradução.

O Quadro 15, a seguir, apresenta exemplos retirados do CP de ocorrências de palavras formadas a partir do sufixo –íssima.

Quadro 15: Exemplos de ocorrências de itens lexicais formados com –íssima

	TT	TF
(1)	Naturalmente, Bibi ficou <i>satisfeitíssima</i> com aquele diagnóstico, e começou na mesma hora a preparar-se para a vida conjugal.	Needless to say, Bibi was <i>delighted</i> by the diagnosis, and began at once to prepare for conjugal life.
(2)	[...] ela partira deste mundo por fim, <i>antiqüíssima</i> e solitária, para nunca mais voltar.	[...] she had left this world at last, <i>ancient</i> and alone, never to return.
(3)	"Ah, <i>simpaticíssima</i> . Sempre gostei dela, até você se meter entre nós. E ela de mim também, não é?"	"Oh, <i>effusive</i> . I always liked her, until you came between us. And she me, no?"
(4)	"Publiquei, numa edição de autor", respondeu ela. [...] "Uma edição <i>lindíssima</i> . O Bob adorou."	"Privately printed," she answered. [...] " <i>Beautifully</i> printed. Bob loves them."

As ocorrências de itens lexicais formados a partir do sufixo –íssima nos TTs corresponderam, em larga medida, a ocorrências de adjetivos nos seus trechos correspondentes nos TFs. O exemplo (4) é uma exceção, pois apresenta no TF um advérbio e o uso de itálico para destacar apenas parte dele, *beau* – bonito, em francês, configurando uso criativo da linguagem na língua-fonte, o itálico com a função de ênfase da linguagem oral e, simultaneamente, remetendo a uma palavra estrangeira. Complementando o que foi apontado a respeito do Quadro 14, Britto parece ter preferência por itens lexicais formados a partir dos sufixos –íssimo e –íssima nos seus TTs e, de forma mais clara, nos seus textos não traduzidos. Ademais, ao se considerar os TTs do CTTB separadamente, foi possível verificar que IM_Britto apresentou 50% do total de ocorrências dos itens lexicais formados a partir do sufixo –íssima no CTTB. Esse resultado reforça certo distanciamento de IM_Britto dos padrões de escolhas linguísticas verificados nos outros TTs.

De maneira geral, o uso da derivação sufixal por Britto está relacionado ainda com o uso criativo da linguagem e com uma aparente tendência à produção de TTs mais coloquiais que seus TFs. Os resultados discutidos nesta seção parecem concordar com os resultados de Munday (2008) sobre a criatividade do tradutor e contradizer Baker (2007) sobre uma aparente preferência dos tradutores pelo significado literal de expressões idiomáticas, evitando usos criativos.

Retomando o que foi discutido no capítulo sobre o *corpus* de estudo e a metodologia adotada, cabe lembrar que, em uma de suas obras de cunho ensaístico, Britto destacou um princípio enunciado por Meschonnic sobre traduzir “o marcado pelo marcado e o não marcado pelo não marcado”. Ao empregar o recurso de sufixação em

língua portuguesa nos TTs, pode-se verificar que Britto nem sempre segue a premissa que defende. Esse resultado está relacionado a dois pressupostos elaborados para esta pesquisa. Baker ([1992] 2011) defende que o tradutor enfrenta dificuldades em relação à manutenção no TT de colocações marcadas no TF. Essa dificuldade reside em encontrar soluções adequadas na língua-alvo que recriem o caráter marcado de trechos do TF. Os resultados discutidos nesta seção apontam que Britto faz o caminho inverso, produzindo trechos marcados no TT quando não eram marcados no TF. Isso pode estar relacionado à sua criatividade ao tentar manter a fluência dos TTs. Outro pressuposto a ser retomado aqui se refere à afirmação feita por Sinclair (1991, 2004) sobre utilizar ferramentas da LC para aferir se as impressões do falante sobre suas próprias escolhas linguísticas estão corretas. No caso de Britto, parece haver discrepância entre o que ele defende e o que é verificado nos seus TTs.

A próxima seção apresenta uma análise dos usos da palavra “cara”, como unidade ou como parte de itens lexicais de tamanhos diferentes, no CTTB e no CTOB.

3.3. Ocorrência de itens lexicais com a palavra “cara”

As referências à ocorrência desse conjunto de itens lexicais incluem a investigação tanto das ocorrências de “cara”, no singular, quanto de “caras”, no plural, como nóculo de busca. Foram identificados três tipos principais de ocorrência desses itens lexicais no CTTB. O primeiro tipo de ocorrência foi “cara” como parte de expressões convencionais compostas por mais de uma palavra e os outros dois tipos como unidade/palavra, com dois significados distintos “rosto” e “homem”. Na análise

do CTOB, logo em seguida, foi encontrada ainda uma nova situação de ocorrência, como adjetivo, especificamente na construção “Cara Ercila”. Essa última ocorrência, registrada apenas no CTOB, foi descartada na análise dos dados.

O Quadro 16 apresenta um exemplo de cada um dos três tipos de ocorrência verificados no *corpus* de estudo.

Quadro 16: Tipos de ocorrências da palavra “cara” no *corpus* de estudo

Tipo de ocorrência	Exemplo de ocorrência no CTTB	Segmento correspondente no TF
como parte de uma expressão convencional	[...] creio que imaginou ser a intenção de Russo <i>esfregar</i> a Justiça <i>na sua cara</i> .	[...] rather I think he felt Russo had tried <i>to rub his nose in</i> it.
como referência a “rosto”	"O.K., bichanos", eu disse enquanto eles miavam olhando para a minha <i>cara</i> .	"OK, kitties," I told them as they mewed up at my <i>face</i> .
como referência a “homem”	"Não é isso, sargento. O problema são os outros <i>caras</i> do alojamento."	"That isn't it, Sergeant. It's the other <i>guys</i> in the barracks."

As ocorrências identificadas como exemplos de convencionalidade foram depois agrupadas por tipos diferentes de expressão convencional. No caso do primeiro exemplo fornecido no Quadro 16, foi considerada a expressão convencional “esfregar

na cara”. Essa expressão fez parte de uma fórmula identificada como “(verbo de ação) na cara” para abrigar também outras construções como, por exemplo, “vomitar na cara”. Esses itens lexicais foram investigados primeiro no CTTB e, em seguida, no CTOB. A sua investigação no CP configurou-se a última etapa. As ocorrências desses itens lexicais foram então contabilizadas e comparadas aos resultados quantitativos obtidos em dois *corpora* de consulta. O primeiro foi o COMPARA, que permitiu um recorte em narrativas ficcionais a partir de 1980 em língua portuguesa brasileira não traduzida e também um recorte em narrativas ficcionais a partir de 1980 em língua portuguesa brasileira traduzida. O segundo *corpus* de consulta tomado como referência foi constituído por coletâneas de contos já compiladas para compor o ESTRA, traduzidas por tradutores diferentes no par linguístico português brasileiro-inglês.

A Tabela 4, a seguir, apresenta as ocorrências da palavra “cara”, como unidade ou parte integrante de itens lexicais de tamanhos variados, no CTTB e no CTOB.

Tabela 4: Ocorrência da palavra “cara” no CTTB e no CTOB

<i>Corpus</i>	Ocorrência de “cara”	Itens (<i>tokens</i>)	Frequência normalizada (30.000)
CTTB	61	166.069	11,02
CTOB	24	36.233	19,87

Os dados apresentados na Tabela 4 indicam que a palavra *cara*, como nóculo de busca investigado, é mais frequente nos textos não traduzidos de Britto, ocorrendo 19,87 vezes a cada trinta mil palavras, que nos textos traduzidos de Britto, em que ocorre 11,02 vezes a cada trinta mil palavras. A Tabela 5, a seguir, amplia essa comparação e apresenta as ocorrências da palavra “cara”, como unidade ou parte

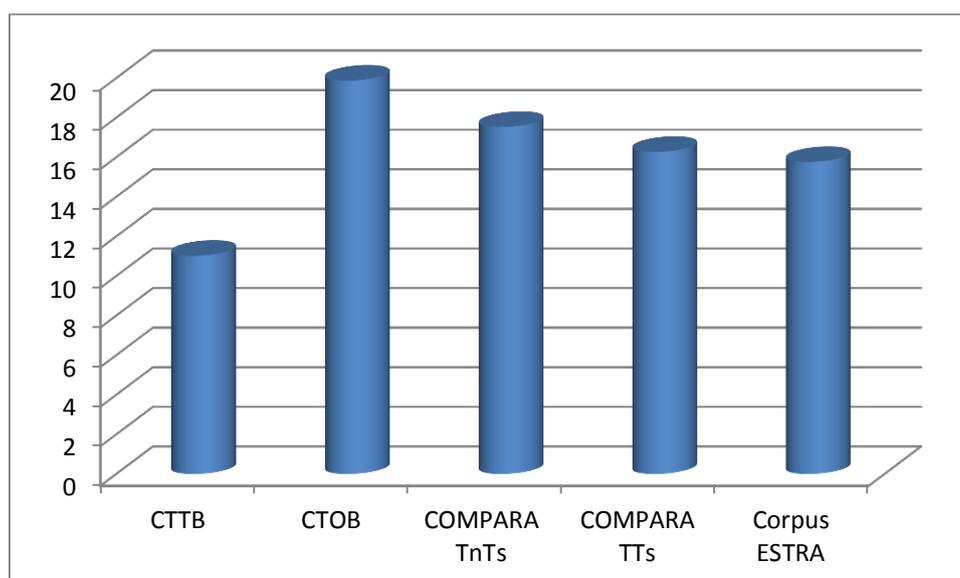
integrante de itens lexicais de tamanhos variados, no CTTB, no CTOB e nos *corpora* de consulta.

Tabela 5: Ocorrência da palavra “cara” no CTTB, no CTOB e nos *corpora* de consulta

<i>Corpus</i>	Ocorrência de “cara”	Itens (<i>tokens</i>)	Frequência normalizada (por 30.000)
CTOB	24	36.233	19,87
COMPARA TnTs ⁴¹	124	141.985	17,53
CTTB	61	166.069	11,02
COMPARA TTs	45	82.934	16,27
ESTRA	142	270.343	15,76

O Gráfico 3, a seguir, ilustra os dados apresentados na Tabela 5 a fim de facilitar a sua visualização e comparação.

Gráfico 3: Frequência normalizada dos itens lexicais com a palavra “cara”



⁴¹ A sigla TnTs refere-se a “textos não traduzidos” e foi adotada em tabelas e gráficos.

Os dados apresentados na Tabela 5 e no Gráfico 3 permitem comparar as frequências de ocorrência dos itens lexicais investigados nesta seção com as frequências de ocorrência desses mesmos itens em *corpora* de consulta de textos traduzidos e de textos não traduzidos em língua portuguesa brasileira. Foram desconsiderados nos *corpora* de consulta tipos de ocorrências distintos dos três tipos de itens lexicais especificamente listados nesta seção. De acordo com os dados apresentados na Tabela 5 e no Gráfico 3, pode-se verificar que a frequência de ocorrência dos itens lexicais com a palavra “cara” no CTOB (19,87) é maior que o verificado nos textos não traduzidos do COMPARA (17,53), sendo superior ainda às frequências de ocorrência de todos os outros *corpora* considerados. Em relação à língua portuguesa brasileira traduzida, verifica-se que a frequência de ocorrência dos itens lexicais com a palavra “cara” no CTTB (11,02) é inferior ao registrado nos textos traduzidos do COMPARA (16,27) e no *corpus* de consulta de TTs do ESTRA (15,76). Cabe ressaltar ainda que esses dois *corpora* de consulta, compostos por textos em língua portuguesa brasileira traduzida, apresentaram frequências bastante similares entre si. Esses resultados indicam que as escolhas de Britto não são esperadas em termos de língua portuguesa traduzida nem em termos de língua portuguesa não traduzida.

A Tabela 6, a seguir, apresenta então as frequências de ocorrência dos itens lexicais com a palavra “cara” para cada um dos TTs que compõem o CTTB.

Tabela 6: Ocorrência dos itens lexicais com a palavra “cara” por TT do CTTB

Coletânea	Ocorrência de “cara”	Itens (<i>tokens</i>)	Frequência normalizada (30.000)
GC_Britto	31	43.889	21,19
LL_Britto	25	58.709	12,77
IM_Britto	5	63.471	2,36

Pode-se verificar, de acordo com a Tabela 6, que as escolhas linguísticas do tradutor Britto variaram consideravelmente entre os TTs. A maior frequência de ocorrência foi identificada em GC_Britto (21,19), enquanto que a menor frequência de ocorrência foi identificada em IM_Britto (2,36). Ao considerar os textos do CTTB, separando-os por autor, pode-se perceber que as escolhas linguísticas de Britto para cada um desses TTs diferem também do que foi verificado nos *corpora* de consulta. Conforme apresentado na Tabela 5, os itens lexicais com a palavra “cara” ocorreram 16,27 vezes por trecho de trinta mil palavras nos textos traduzidos do COMPARA e 15,76 vezes por trecho de trinta mil palavras nos textos traduzidos do ESTRA.

De forma geral, a primeira comparação entre CTTB e CTOB mostrou que o emprego de itens lexicais com a palavra “cara” é mais recorrente nos textos não traduzidos de Britto (CTOB) que em seus TTs (CTTB). A comparação entre os dados do CTTB, do CTOB e dos dados encontrados nos *corpora* de consulta teve como objetivo então verificar se as escolhas de Britto em relação a esses itens lexicais seriam esperadas e em que medida isso se daria. Em relação aos textos não traduzidos, pode-se observar que Britto emprega esses itens lexicais com maior frequência que o verificado no COMPARA. Foi verificada a frequência de ocorrência de 19,87 no CTOB, enquanto que no COMPARA foi verificada uma frequência de 17,53. Em relação aos textos traduzidos, pode-se observar que, enquanto COMPARA (16,27) e ESTRA (15,76) apresentam frequências de ocorrência próximas, a frequência identificada no CTTB (11,02) é inferior ao registrado nesses *corpora*. Quando os TTs do CTTB são considerados separadamente, verifica-se que variam bastante entre si e que nenhum desses TTs apresentou frequência próxima ao verificado nos *corpora* de consulta.

Retomando-se os pressupostos desta pesquisa sobre ser menos provável encontrar exemplos de expressões convencionais nos TTs (*cf.* BAKER, 2007) e sobre uma possível relação entre convencionalidade e criatividade (*cf.* MUNDAY, 2008), pode-se apontar que Britto faz uso de expressões convencionais nos TTs – contrariando novamente Baker (2007) –, mas sua criatividade e seu estilo como autor interferem nas suas escolhas sugerindo um padrão distinto de escolhas para cada TT. Conforme foi destacado a respeito de IM_Britto na seção anterior, sobre o uso de sufixação, o estilo do TF pode estar relacionado com esses padrões de escolhas distintos identificados para cada TT. Os resultados sobre itens lexicais com a palavra “cara” reforçam, entretanto, o pressuposto de que há um padrão diferente de escolhas verificável nos TTs e nos textos não traduzidos.

O passo seguinte consistiu na investigação de cada tipo de item lexical com a palavra “cara”. A Tabela 7, a seguir, apresenta a distribuição das ocorrências desses tipos, em porcentagem, no CTTB e no CTOB.

Tabela 7: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” no CTTB e no CTOB

<i>Corpus</i>	“Cara” em expressões convencionais	“Cara” como referência a “rosto”	“Cara” como referência a “homem”
CTTB	44,3%	24,6%	31,1%
CTOB	36,4%	13,6%	50%

Os dados da Tabela 7 apontam que o maior número de ocorrências dos itens lexicais com a palavra “cara” no CTTB foi como expressões convencionais (44,3% do

total de ocorrências). O segundo tipo mais frequente foi a ocorrência da palavra “cara”, como unidade, em referência a “homem” (31,1%) e, por último, como referência a “rosto” (24,6%). Essa distribuição de ocorrências entre os tipos de itens lexicais não se repetiu no CTOB. No *corpus* de textos não traduzidos de Britto, o maior número de ocorrências foi registrado para o emprego da palavra “cara” como referência a “homem” (50% do total de ocorrências) e o segundo maior número de ocorrências foi registrado para itens lexicais com a palavra “cara” como expressões convencionais (36,4%). Nos dois *corpora*, CTTB e CTOB, o emprego da palavra “cara” como referência a “rosto” foi o uso menos frequente.

A expressão convencional com a palavra “cara” mais frequente identificada no CTTB foi “fazer cara de”, contabilizando 20% do total de ocorrências de expressões convencionais com a(s) palavra(s) “cara(s)”. Em segundo lugar, com frequência de 7,5%, foram identificadas “cara de pau”, “cara amarrada”, “estar na cara”, “ter cara de” e “ser (a/uma) cara (de)”. No CTOB, as duas expressões convencionais com a palavra “cara” mais frequentes foram “estar na cara” e “(verbo de ação) na cara”. De acordo com o *Corpus* do Português, as colocações mais comuns em língua portuguesa com as palavras “cara” ou “caras” seriam “fazer cara de” e “cara de pau”.

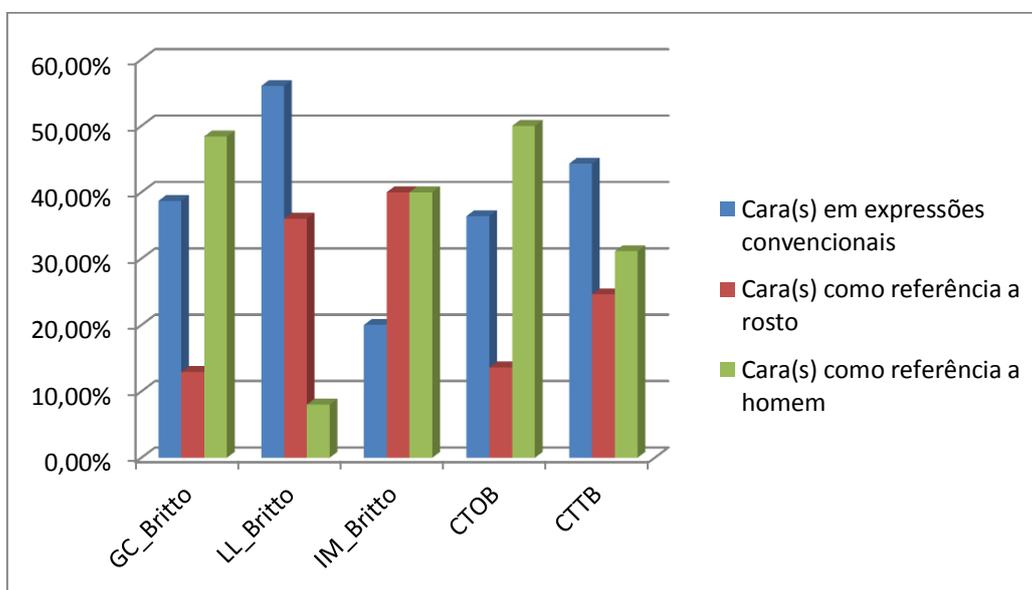
A Tabela 8, a seguir, apresenta a distribuição de ocorrência dos tipos de item lexical investigados nesta seção, em porcentagem, por TT do CTTB.

Tabela 8: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” por TT do CTTB

Coletânea	“Cara” em expressões convencionais	“Cara” como referência a “rosto”	“Cara” como referência a “homem”
GC_Britto	38,7%	12,9%	48,4%
LL_Britto	56%	36%	8%
IM_Britto	20%	40%	40%

O Gráfico 4, a seguir, ilustra os dados apresentados nas Tabelas 7 e 8 a fim de facilitar a sua visualização e comparação.

Gráfico 4: Ocorrências dos tipos de item lexical com a palavra “cara” no CTTB e no CTOB



De acordo com as Tabelas 7 e 8 e com o Gráfico 4, pode-se verificar que a distribuição das ocorrências dos tipos de itens lexicais com a palavra “cara” investigados varia entre CTTB e CTOB, assim como entre os TTs do CTTB. Não há um

padrão de distribuição de ocorrências do item lexical com a palavra “cara” comum a todos os TTs. Considerando os TTs separadamente, pode-se verificar que a distribuição de ocorrências identificada em GC_Britto é a que mais se aproxima da distribuição encontrada no CTOB, pois apresenta maior número de ocorrências da palavra “cara” como referência a “homem” e, em segundo lugar, como parte de expressões convencionais.

Retomando-se o que foi estabelecido por Saldanha (2011), sobre a possível interferência de elementos do TF no TT e a necessidade da análise de um *corpus* paralelo para esclarecer questões relacionadas a essa interferência, as ocorrências dos itens lexicais com a palavra “cara” foram investigadas através de linhas de concordância e subsequente alinhamento do CP.

Considerando o par GC_Britto e GC_Roth especificamente, uma das características da escrita de Philip Roth é a constante luta interna entre o respeito aos preceitos do judaísmo e a vontade de explorar os próprios instintos em uma sociedade liberal. A investigação do TF de Roth apontou que o autor emprega como ferramenta a separação do outro através de constantes referências a “*other guys*”, “*that guy*”, “*these fellas*” – que podem ser consideradas formas de marcar alteridade. Em GC_Britto, 46,7% das ocorrências do item lexical “cara” são acompanhadas dos colocados “esse(s)” e “outro(s)”. Retomando-se o que foi apontado no capítulo sobre o *corpus* de estudo, Spector (2011) analisa o conto *Eli, the Fanatic*, que integra o TF GC_Roth, apoiando-se no conceito de alteridade (*otherness*), para fazer considerações sobre uma espécie de sentimento de estrangeiro em Roth. Para Spector (2011), quando Eli se sente um estrangeiro, isso passa a fazer parte de sua existência e ele, da mesma forma, passa a

ver os outros também como estrangeiros. O Quadro 17 traz exemplos de ocorrências desses itens lexicais em GC_Britto. Esse quadro apresenta exemplos do uso da palavra “cara”, no CTTB, no texto em que houve maior número de ocorrências desta palavra:

Quadro 17: Exemplos da palavra “cara” como referência a “homem” em GC_Britto

	GC_Britto	GC_Roth
(1)	Vamos ensinar <i>esses caras</i> a atirar direito.	Let's us train <i>these fellas</i> to shoot straight.
(2)	"Mas os <i>outros caras</i> , ficam acusando a gente. Eles não têm o direito."	"But the <i>other guys</i> make accusations. They have no right."
(3)	Agora é <i>um cara</i> de chapéu.	Now it's <i>the guy</i> with the hat.
(4)	<i>Esse cara</i> é um herói, e ele come o que a gente dá pra ele comer.	<i>He's</i> a goddam hero, and he eats what we give him.

De acordo com o Quadro 17, pode-se perceber que a palavra “cara” é empregada por Britto a partir de construções distintas do TF. Os substantivos “*fellas*” e “*guy(s)*” são classificados pelo Longman Dictionary of Contemporary English como sinônimos de “*man*” e pertencentes à linguagem informal. No caso específico de “*fellas*”, uma forma reduzida de “*fellow*”, o substantivo é ainda considerado um vocábulo típico da modalidade oral da língua. Em língua portuguesa, o substantivo “cara” também é considerado informal. Além disso, de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “cara” pode ser definido como “pessoa de quem se omite ou desconhece o nome”. O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa oferece ainda outra definição relacionada a esse uso de “cara”, como um substantivo de dois gêneros, informal, constituindo uma forma de tratamento usada como vocativo ou como incitamento (“Vamos lá, cara?”).

O exemplo (1) traz a resposta dada por um capitão do exército ao seu sargento, que acabara de revelar uma preocupação com rixas internas, pois um soldado judeu gostaria de ser liberado para frequentar a sinagoga. A disputa entre os soldados, por não poder se fixar em motivos religiosos, se concentrou nos erros que o soldado judeu cometia em exercícios como o de tiro. A fala de resposta do capitão começa, então, com “Marx, eu sou capaz de lutar ao lado de um crioulo se ele me provar que é um homem”, destacando a um só tempo o preconceito do capitão e a necessidade de reconhecer o outro como alguém capaz de executar suas tarefas com diligência. O exemplo (1) marca assim a alteridade a que Spector (2011) se refere na obra de Roth através da construção “*Let’s us train*”, que enfatiza uma dicotomia entre “*us*” (nós) e eles. No TT, o emprego de “Vamos ensinar” inclui o sargento na ação, na forma do verbo “ir”, que é um recurso próprio do português brasileiro. Já a escolha lexical do tradutor para “*train*” [treinar] em língua portuguesa recai em “ensinar”. De acordo com o Longman Dictionary of Contemporary English, “*train*” pode ser definido como “*to teach someone the skills of a particular job or activity*”, o que sugere uma atividade um pouco mais específica e mais mecânica que ensinar.

O exemplo (2) altera a construção “*make accusations*”, na escolha do verbo e na mudança de aspecto que torna mais próxima a atemporalidade em língua portuguesa, além de explicitar o objeto, “a gente”. Essas mudanças possuem impacto no grau de formalidade do texto, que é reduzido. Já o exemplo (3) ilustra uma situação recorrente em GC_Roth, quando alguns recursos são empregados para evitar a nomeação de personagens (“*the guy with the hat*”, “*the guy in a suit*”, “*the guy who cleans the pool*” etc.). Nesse caso específico, o artigo definido no TF foi substituído pelo artigo indefinido no TT. O exemplo (4) permite, além disso, mostrar uma situação em que a

palavra “cara” foi empregada no TT quando não havia uma motivação no TF para isso. Nesse exemplo, o expletivo usado como intensificador “*goddam*” no TF foi suprimido e a singularização do herói se deu através da tradução de “*he*” por um grupo nominal, “esse cara”, como sujeito no TT. Ao omitir “*goddam*”, a informalidade foi transferida ao traduzir um grupo nominal com um núcleo, pronome, para um grupo nominal com a palavra “cara” como núcleo.

Para contrastar essas ocorrências com o que foi verificado no CTOB, o Quadro 18 traz exemplos de ocorrências do item lexical em que “cara” significa “homem” no CTOB.

Quadro 18: Exemplos de emprego da palavra “cara” como referência a “homem” no CTOB

	CTOB
(1)	"O senhor não acabou de dizer que nunca viu o <i>cara</i> antes?"
(2)	"Só sei que esse <i>cara</i> vai embora agora", o outro interrompeu.
(3)	Eu disse que a planta não era minha não, era do <i>cara</i> que eu rachava o apartamento.

A frequência de ocorrência desses itens lexicais no CTOB se aproxima da frequência registrada em GC_Britto, mas não reproduz o padrão desse TT em relação a seus colocados. Enquanto em GC_Britto as colocações mais frequentes foram “esse(s)”, “outro(s)” e “aquele(s) cara(s)”, no CTOB a construção “esse cara” foi identificada apenas uma vez e as outras não ocorreram. Esse dado sugere que a aparente preferência de Britto pelo emprego da palavra “cara” dialoga com o estilo do TF GC_Roth. Ademais, é possível perceber ainda que o grau de coloquialidade presente no CTOB está próximo do que pode ser verificado em GC_Britto.

Considerando ainda as observações sobre a possível interferência do TF no TT, o alinhamento do par LL_Britto e LL_Updike permitiu apontar algumas particularidades em relação à ocorrência de itens lexicais com a palavra “cara” identificadas como expressões convencionais. Dentre os TTs do CTTB, a ocorrência de expressões convencionais com a palavra “cara” foi mais expressiva em LL_Britto, totalizando 56% do total de ocorrências do item lexical “cara” nesse TT. O Quadro 19 apresenta exemplos desses itens lexicais retirados de LL_Britto.

Quadro 19: Exemplos de itens lexicais com a palavra “cara” em expressões convencionais em LL_Britto.

	LL_Britto	LL_Updike	Expressão convencional
(1)	[...] leu uma história que <i>estava</i> <itálico> <i>na cara</i> </itálico> que era baseada numa separação dolorosa que ela tinha acabado de viver, [...]	[...] read a story that <i>must have been</i> <itálico> <i>very</i> </itálico> <i>closely</i> based on a painful breakup she had just gone through, [...]	estar na cara
(2)	Ela dizia que eles <i>viravam a cara</i> pra porco; eram gatos do Velho Testamento.	She used to say they <i>turned up their noses</i> at pork; they were Old Testament cats.	virar a cara
(3)	Washington, D.C., para mim <i>tem cara de</i> cidade grande [...]	Washington, D.C., to me <i>spells</i> Big City, [...]	ter cara de
(4)	[...] a vaga sensação de que deviam me conhecer melhor, de que eu <i>era uma cara familiar</i> .	[...] a suspicion that they should know me, that I was <i>familiar</i> .	ter/ser (a/uma) cara (de)

O exemplo (1) apresenta a expressão convencional “estar na cara” no TT. De acordo com o Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, “estar na cara” é uma expressão que significa estar claríssimo, evidente, óbvio. Enquanto isso, a sua estrutura correspondente no TF é “*must have been very closely*”, um grupo verbal com a função de intensificação do verbo “*based*”. A mudança se dá em vários níveis: “*must*” modaliza o verbo “*based*” que parece ter seu significado intensificado por “*very closely*”, enquanto isso “estava na cara”, no TT, é uma afirmativa categórica. O uso de itálico no TT para destacar “na cara” enfatiza a obviedade da informação. É possível interpretar ainda o uso de itálico aqui como uma estratégia de Britto para importar o itálico do TF, ao se considerar que o itálico, como marca de prosódia da fala, é típico de textos originalmente escritos em inglês e pode ser levado para os textos traduzidos para o português brasileiro (cf. SALDANHA, 2011; MAGALHÃES; BLAUTH, 2015). Dessa forma, enquanto no TT há uma certeza, no TF, há uma suposição.

No exemplo (2), o significado veiculado por “*used to*” é expresso pelo tempo verbal, pretérito imperfeito do indicativo, em “dizia”. A expressão “virar a cara” é definida pelo Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa como “aborrecer-se, desgostar de algo, ignorar (alguém) ou não dar confiança a (alguém)”. No TF, a estrutura correspondente é “*turn up one’s nose*”, classificada como uma expressão idiomática pelo Webster’s New World American Idioms Handbook, que significa “*to reject or show dislike, to consider something inferior*”. Nesse exemplo, a criatividade do tradutor permitiu substituir uma expressão por outra, mantendo a referência a uma parte do rosto. No TT, há ainda a reprodução de uma marca da oralidade em língua portuguesa quando, em vez da preposição “para”, se observa “pra”.

No exemplo (3), é empregada a expressão “ter cara de” que significa, segundo o Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, “parecer com, apresentar certo aspecto na expressão facial, na atitude ou no comportamento”. Esse mesmo dicionário acrescenta ainda que a expressão pode ser empregada como uma simples qualificação ou como uma comparação jocosa. A estrutura correspondente no TF, “*spells Big City*”, embora tenha sido encontrada em artigos de dois jornais, um norte-americano e outro britânico, não se encontra dicionarizada como uma expressão idiomática ou como uma colocação típica da língua inglesa. Essa estrutura poderia ser considerada um uso criativo da linguagem já que D.C. é uma referência a “*Washington, District of Columbia*” e, portanto, “*Big City*”, com iniciais maiúsculas.

Por fim, o exemplo (4) apresenta “vaga sensação” como colocação correspondente a “*suspicion*”, “*deviam*” em vez de “*deveriam*”, o acréscimo de “melhor” e uma variação da expressão dicionarizada “ser a cara de”, que significa “parecer-se muito com outra pessoa”. O tradutor preferiu incluir aqui “cara”, optando por “eu era uma cara familiar”, quando teria sido possível a construção “eu era familiar”.

Uma das possíveis explicações para uma frequência maior de ocorrência de expressões convencionais em LL_Britto é o fato de que LL_Updike apresenta um número expressivo de expressões idiomáticas. 42,8% das ocorrências de expressões convencionais com a palavra “cara” em LL_Britto apresentaram expressões idiomáticas em seus trechos correspondentes em LL_Updike.

De forma geral, embora o tradutor seja sensível à influência individual de cada TF, um padrão de escolha se destacou nos TTs em relação ao emprego de expressões convencionais com a palavra “cara”: o uso dessas expressões convencionais nos TTs, quando o verbo “*look*”, muitas vezes na colocação verbal “*look like*”, era empregado no trecho correspondente nos TFs. 26% das ocorrências de expressões convencionais com o item lexical com a palavra “cara” registradas nos TTs apresentaram o verbo “*look*” nos seus trechos correspondentes nos TFs. O Quadro 20, a seguir, apresenta exemplos dessas ocorrências nos TTs.

Quadro 20: Exemplos de expressões convencionais com a palavra “cara” nos TTs que corresponderam a ocorrências do verbo “*look*” nos TFs

	TT	TF
(1)	Ele <i>fez uma cara</i> assustada [...]	He <i>looked</i> alarmed [...]
(2)	Frank, não <i>faz essa cara de</i> tragédia.	Frank, don't <i>look</i> so sick.
(3)	Eu lhe trago esse presentinho e você <i>faz uma cara de</i> dor de barriga.	I bring you this goodie, and you <i>look</i> constipated.
(4)	Você não <i>está com cara de</i> quem está morrendo de fome.	You don't <i>look</i> to me <i>like</i> you're falling to pieces.
(5)	[...] o seu filho <i>é a cara do</i> leiteiro, era a velha piada.	[...] your little boy <i>looks like</i> the iceman, she'd made that joke.
(6)	Sua mulher estava sentada na ponta do sofá <i>com uma cara de</i> balão cativo.	His wife sat on the end of the sofa, <i>looking like</i> an anchored balloon.

Os exemplos (1), (2) e (3) apresentam variações da expressão convencional “fazer cara de”. Essa expressão não foi incluída no Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, embora conste como a colocação mais frequente em língua portuguesa com a palavra “cara” de acordo com o *Corpus* do Português. A

expressão dicionarizada mais próxima é “fazer cara feia”, que significa “manifestar desagrado por meio de caretas, demonstrar insatisfação”. No entanto, “fazer cara feia” foi identificada apenas uma vez no CTTB, em IM_Britto, enquanto seu trecho correspondente em IM_Lahiri apresentava uma expressão idiomática. Ainda em relação a esses três exemplos, cabe ressaltar que as estruturas que complementam o sentido das expressões convencionais representam escolhas nem sempre óbvias – “*alarmed/assustada*”, “*sick/tragédia*” e “*constipated/dor de barriga*”. Essas escolhas sugerem ainda maior coloquialidade nesses TTs que o apresentado nos TFs. O exemplo (4) contém a expressão “estar com cara de”. Essa expressão também não foi incluída pelo Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, que apresenta, para o mesmo contexto, apenas “ficar com cara de”. O exemplo (5) ilustra o emprego da expressão “ser a cara de”. Além disso, apresenta a escolha lexical “*iceman*” por “leiteiro” e altera a oração final de forma a apagar o sujeito. O exemplo (6) traz uma construção um pouco diferente, com o verbo “estar”, que comporia a expressão convencional “estar com cara de”. Além disso, uma comparação explícita no TF, “*looking like*”, foi apagada no TT.

O tipo de ocorrência do item lexical com a palavra “cara” menos frequente no CTTB foi como referência a rosto. Em 80% dessas ocorrências nos TTs, seu trecho correspondente nos TFs apresentava a palavra “*face*”. A colocação mais frequente foi “cara vermelha”, identificada em todos os TTs e que correspondeu a 33,3% de todas as ocorrências desse item lexical no CTTB.

IM_Britto foi o TT com o menor número de ocorrências de itens lexicais com a palavra “cara”. Alguns traços de estilo do TF oferecem uma explicação para isso. A

presença consistente de uma temática da cultura indiana, em que a tradição e o respeito são valorizados, originou narrativas, de forma geral, com pouca coloquialidade. Três traços estilísticos atribuídos à obra da autora Jhumpa Lahiri também parecem ter contribuído para isso. Lahiri costuma privilegiar o menor número possível de palavras para transmitir uma informação e não demonstra preferência pelo emprego de palavras no sentido figurado. A autora também dá voz aos narradores, diminuindo a quantidade de falas diretas dos personagens. As falas são uma situação em que é possível verificar o uso de uma linguagem mais coloquial. Por fim, Lahiri tende a descrever cenários, pois eles costumam exercer influência sobre seus personagens afetando o seu estado de espírito. Em IM_Britto, parece haver mais formalidade mesmo nos diálogos. Enquanto a frequência normalizada de “cara(s)” foi aferida em 2,36 nesse TT, a frequência normalizada de “senhor(a)(s)”, por exemplo, foi aferida em 76,57, a maior entre os TTs. Durante a investigação do item lexical com a palavra “cara” como referência a “homem”, percebeu-se ainda que “*fellow*” e “*guy*”, além das instâncias nos TTs com o item lexical “cara”, também foram traduzidos por “sujeito”. A frequência (normalizada) de ocorrência da palavra “sujeito” nesses casos foi de 9,57 em GC_Britto e 7,15 em LL_Britto. Entretanto, não foi identificada nenhuma ocorrência da palavra “sujeito”, nesse mesmo caso, em IM_Britto. Esses dados reforçam a hipótese de que IM_Lahiri seria o TF menos coloquial do CP e isso tenha interferido nas escolhas linguísticas feitas por Britto no TT IM_Britto.

A análise do item lexical com a palavra “cara” no CTTB sugeriu padrões de escolhas distintos para cada TT por parte do tradutor, indicando que suas escolhas são sensíveis a diferentes aspectos. No TT GC_Britto, a preferência pelo item lexical com a palavra “cara” parece ter sido pautada pelo estilo do TF, tendo sido mais frequente

como referência a homem e apresentando colocados distintos daqueles identificados no CTOB. Em LL_Britto, identificou-se maior frequência de ocorrências do item lexical com a palavra “cara” como parte integrante de expressões convencionais da língua portuguesa. Os segmentos correspondentes a essas ocorrências no TF revelaram a presença de muitas expressões idiomáticas da língua inglesa. Em IM_Britto, identificou-se menor frequência do item lexical com a palavra “cara” em todos os tipos de ocorrência investigado. O estilo do TF IM_Lahiri, que marcou o deslocamento dos personagens com um apego à tradição, e o estilo da autora, com frequentes descrições de cenários, parecem ter inibido o emprego do item lexical com a palavra “cara” devido à dificuldade de acomodar a coloquialidade resultante dessas escolhas. No CTOB, foram identificadas quatro tipos de ocorrência desse item lexical, uma a mais que no CTTB. Além disso, os itens lexicais com a palavra “cara” como referência a “homem” foram mais frequentes no CTTB, seguidas da constituição de expressões convencionais. O grau de coloquialidade dos textos do CTOB pareceu se aproximar do que foi registrado para GC_Britto e LL_Britto e se distanciar do que foi verificado em IM_Britto.

A seção seguinte apresenta uma análise da dupla negativa utilizada para ênfase. Essa estrutura foi nomeada nesta pesquisa exatamente como Britto a classifica (*cf.* BRITTO, 2012).

3.4. Ocorrência de dupla negativa utilizada para ênfase

A dupla negativa considerada nesta pesquisa foi uma construção específica do tipo “(sujeito) + não + verbo + (objeto) + não” como, por exemplo, “Eu não vi, não” ou “Não tem problema, não”. A escolha dessa estrutura para investigação partiu principalmente das considerações que o próprio Paulo Henriques Britto faz, em seu livro *A Tradução Literária*, ao discutir aspectos pertinentes à reprodução do que ele chamou de marcas de oralidade. De acordo com Britto, quando a partícula negativa “não” ocupa uma posição anteposta ao verbo, o acento tende a recair no próprio verbo. Na modalidade oral da língua, a negativa pode ser então enfatizada acrescentando-se outra partícula negativa em posição final (BRITTO, 2012, p. 103). Essa estrutura seria uma estratégia de negação sentencial bastante frequente no português. A sua utilização pode ser, inclusive, dividida em negação pré-verbal (“Eu não quero”), dupla negação (“Eu não quero não”) e negação final (“Quero não”).

A Tabela 9, a seguir, apresenta a frequência de ocorrência da dupla negativa para ênfase no CTTB e no CTOB, normalizada por trechos de 1.000 sentenças.

Tabela 9: Frequência de ocorrência da dupla negativa para ênfase no CTTB e no CTOB

Texto	Frequência normalizada
CTTB	5,78
CTOB	10,53

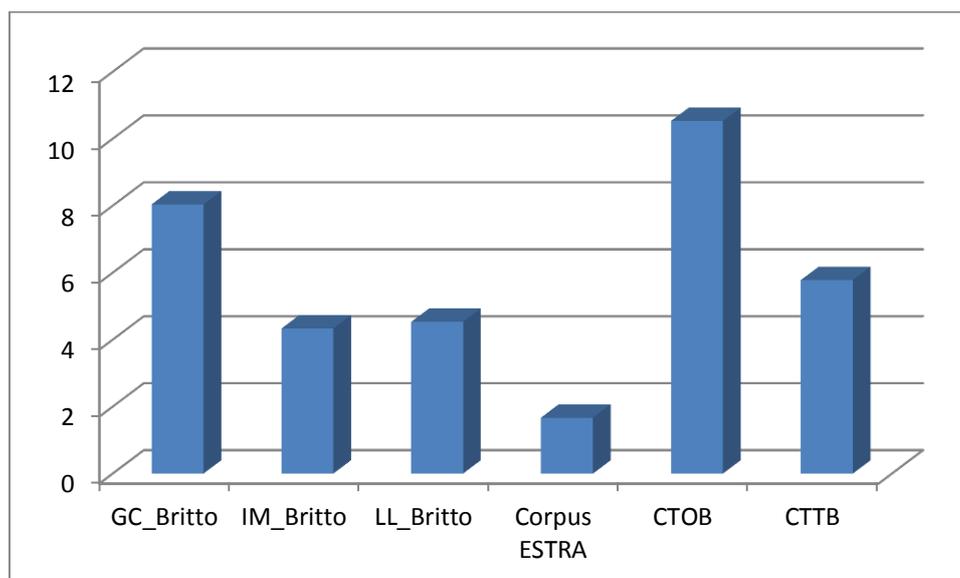
Os dados da Tabela 9 indicam que Britto faz uso da dupla negativa para ênfase com maior frequência nos seus textos não traduzidos que nos seus TTs. A frequência de ocorrência identificada no CTTB foi de 5,78 enquanto que no CTOB foi de 10,53.

A Tabela 10 apresenta a frequência de ocorrência da dupla negativa nos TTs e no *corpus* de consulta do ESTRA, normalizada considerando trechos de 1.000 sentenças. A consulta ao COMPARA foi excluída dessa instância de investigação pois, como a fórmula para a busca de coocorrência de pelo menos duas partículas negativas não é muito específica, o volume de resultados foi expressivo. Dessa forma, por questões de direitos autorais, o COMPARA não permitiu acesso a todas as ocorrências, impossibilitando a eliminação de falsos positivos.

Tabela 10: Frequência de ocorrência de dupla negativa por TT do CTTB e no ESTRA

Texto	Frequência normalizada
GC_Britto	8,04
IM_Britto	4,33
LL_Britto	4,53
ESTRA	1,67

O Gráfico 5, a seguir, ilustra os dados das Tabelas 9 e 10 a fim de facilitar a sua visualização e a comparação entre eles.

Gráfico 5: Comparação das frequências de ocorrência de dupla negativa

Britto emprega a dupla negativa no CTTB (5,78) com frequência consideravelmente maior que o registrado no *corpus* de consulta do ESTRA (1,67). Esses dados parecem indicar que Britto tem preferência por essa estrutura, já que a frequência registrada no CTTB é bastante superior à frequência esperada na língua, de acordo com o *corpus* de consulta. Quando os TTs são considerados separadamente, pode-se perceber que apresentam comportamentos um pouco distintos. IM_Britto (4,33) e LL_Britto (4,53) apresentaram frequências de ocorrência próximas, enquanto que GC_Britto (8,04) apresentou frequência superior ao que foi registrado nos outros dois TTs. Ademais, todos os TTs registraram frequências de ocorrência superiores ao que foi registrado no ESTRA. Esses resultados reforçam algumas tendências de Britto identificadas anteriormente. Ele demonstra preferência por determinada estrutura; neste caso, a dupla negativa, apresenta padrões de escolhas distintos para seus TTs e seus textos não traduzidos, faz escolhas independentes do TF e com foco na fluência dos TTs e parece enfrentar dificuldade para adaptar seu estilo pessoal aos estilos dos TFs.

O Quadro 21 apresenta exemplos da dupla negativa para ênfase alinhados e retirados do CP.

Quadro 21: Exemplos de ocorrências de dupla negativa para ênfase

	TT	TF
(1)	"VOCÊ NÃO CONSEGUE ficar de boca fechada, hein?", disse Itzie. "Por que é que você tem que abrir a boca o tempo todo?" <i>Não</i> fui eu que puxei o assunto, <i>não</i> , Itz, [...]	"YOU'RE a real one for opening your mouth in the first place," Itzie said. "What do you open your mouth all the time for?" I <i>didn't</i> bring it up, Itz, [...]
(2)	"Bobby, fique de olho no seu irmão para ele não fazer nenhuma bobagem." " <i>Não</i> estou a fim, <i>não</i> ", respondeu Bobby, [...]	"Bobby, make sure that your brother doesn't do anything stupid." "I <i>don't</i> feel like it," Bobby said, [...]
(3)	"Seu mentiroso de merda!", exclamei. Ele se virou o mais rápido de que um boi é capaz. "Você <i>não</i> tem que aturar <i>ninguém</i> ." [...] <i>Não</i> tem, <i>não</i> , seu metido!	"You goddamn liar!" I said. He spun around as fast as an ox can. "You <i>ain't</i> stuck with <i>nobody</i> ." [...] <i>No</i> you <i>ain't</i> , you snot-ass!
(4)	"Eli, você está aborrecido. Eu compreendo." <i>Não</i> , você <i>não</i> compreende, <i>não</i> .	"Eli, you're upset. I understand." You <i>don't</i> understand.
(5)	Olhou para sua filha e ouviu a mulher falando, falando. <i>Não</i> , a Ruthie <i>não</i> comia muito, <i>não</i> .	He looked at his own daughter and heard his wife go on, and on. <i>No</i> , Ruthie <i>wasn't</i> such a good eater.
(6)	"O senhor é médico?" " <i>Não</i> , <i>não</i> sou, <i>não</i> . [...]"	"You're a doctor?" "I am <i>not</i> a doctor. [...]"

Os exemplos do Quadro 21 indicam que o tradutor parece optar pela fluência nos TTs e se utiliza do emprego de marcas de oralidade típicas da língua portuguesa brasileira para fazer isso. Embora os exemplos (3) e (5) apresentem, nos seus respectivos TFs, construções levemente distintas do padrão de negação dos TFs (verbo auxiliar + partícula negativa), isso não afeta a fórmula da construção empregada por Britto nos TTs. Os exemplos (4), (5) e (6) apresentam, nos TTs, três partículas negativas. Esse tipo de ocorrência correspondeu a 9,37% do total de ocorrências verificadas no CTTB.

Britto defende, em especial para o tradutor literário, a importância da utilização de marcas de oralidade típicas do português – sobretudo, na reprodução de diálogos. No caso da dupla negativa, Britto justifica sua escolha ao considerar que a primeira partícula negativa passa despercebida quando ocupa uma posição de atonia e, então, na língua falada, é comum outra partícula negativa ser acrescentada no final, posição em que pode receber o acento primário. Os resultados da análise do cotexto de ocorrência da dupla negativa no CP sugerem que essa construção é empregada em situações diversas e, por vezes, menos óbvias em relação ao uso de formas não canônicas de negação sentencial. Uma observação a ser feita considerando-se os resultados de ocorrência da dupla negativa é o fato de que, embora Britto a classifique como destinada à ênfase e discuta o seu uso principalmente como resposta a perguntas, a fórmula da dupla negativa empregada como resposta a perguntas no CTTB correspondeu a apenas 32,81% do total das ocorrências registradas.

A próxima seção discute os achados referentes à investigação de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante.

3.5. Ocorrência de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante

Segundo Britto, o emprego de “que”, como item lexical sintático e semanticamente redundante, depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante é outra marca de oralidade da língua portuguesa brasileira (BRITTO, 2012, p. 103-104). É o caso de exemplos como “Quando que ele vem?” ou “Como que ele faz isso?”. É comum também a inserção das expressões “é que” e “foi que” nessa posição como, por exemplo, em “Quando é que ele vem?” ou “Como é que ele faz isso?”. Perini (2010) distingue construções interrogativas em fechadas (sim / não) e abertas (interrogativas-Q), acrescentando que as abertas permitem a inclusão de “é que” e “foi que” como estratégia de constituição de clivagem. O autor defende que há casos em que essas inclusões são obrigatórias como em “O que é que você arrumou?”, quando “é que” pode ser reduzido a apenas “que” (“O que que você arrumou?”).

Depois que o estudo inicial, já mencionado na descrição dos passos metodológicos, apontou a rara ocorrência no *corpus* de estudo desta pesquisa de construções dessa natureza sem a presença de “é que” e “foi que” – apenas 9 em todo o CTTB e CTOB – foram definidas para investigação e análise de exemplos as construções com “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante.

A Tabela 11 apresenta a frequência normalizada de ocorrência, calculada também conforme estabelecido nos passos metodológicos, considerando trechos de 1.000 sentenças no CTTB e no CTOB.

Tabela 11: Frequência de ocorrência de “é que” e “foi que” no CTTB e no CTOB

	“é que”	“foi que”
CTTB	11,48	1,60
CTOB	3,35	0,48

Os dados da Tabela 11 apontam que a frequência de ocorrência das construções com “é que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante é de 11,48 no CTTB e de 3,35 no CTOB. Isso indica que essa construção é muito mais frequente nos TTs de Britto que em seus textos não traduzidos. Além disso, a construção com “foi que” também ocorre com mais frequência no CTTB (1,60) que no CTOB (0,48).

A Tabela 12 apresenta a frequência normalizada de ocorrência das construções com “é que” e “foi que”, considerando trechos de 1.000 sentenças no CTTB, por TT do CTTB e em dois *corpora* de consulta.

Tabela 12: Frequência de ocorrência de construções com “é que” e “foi que” por TT do CTTB, no COMPARA e no ESTRA

	“é que”	“foi que”
GC_Britto	17,60	3,02
IM_Britto	8,65	1,14
LL_Britto	7,33	0,35
ESTRA	3,81	0,70
COMPARA TTs	3,90	0,0
CTTB	11,48	1,60

A comparação entre as frequências de ocorrência do CTTB, do ESTRA e do COMPARA indica que os TTs de Britto empregam as construções analisadas nesta seção com mais frequência do que seria esperado em língua portuguesa brasileira traduzida. A frequência de ocorrência das construções com “é que” foi de 11,48 no CTTB, de 3,90 no COMPARA e de 3,81 no ESTRA. Cabe ressaltar que as frequências identificadas nos dois *corpora* de consulta são aproximadas. Já em relação aos TTs, quando analisados individualmente, percebe-se que as construções com “é que” foram mais frequentes que as construções com “foi que”. Além disso, GC_Britto foi o TT que registrou mais ocorrências de construções com “é que” (17,60), seguido de IM_Britto (8,65) e de LL_Britto (7,33).

A Tabela 13, a seguir, apresenta a frequência normalizada de ocorrência de construções com “é que” e “foi que”, considerando trechos de 1.000 sentenças no CTOB e no COMPARA (TnTs).

Tabela 13: Frequência de ocorrência de construções com “é que” e “foi que” no CTOB e no COMPARA

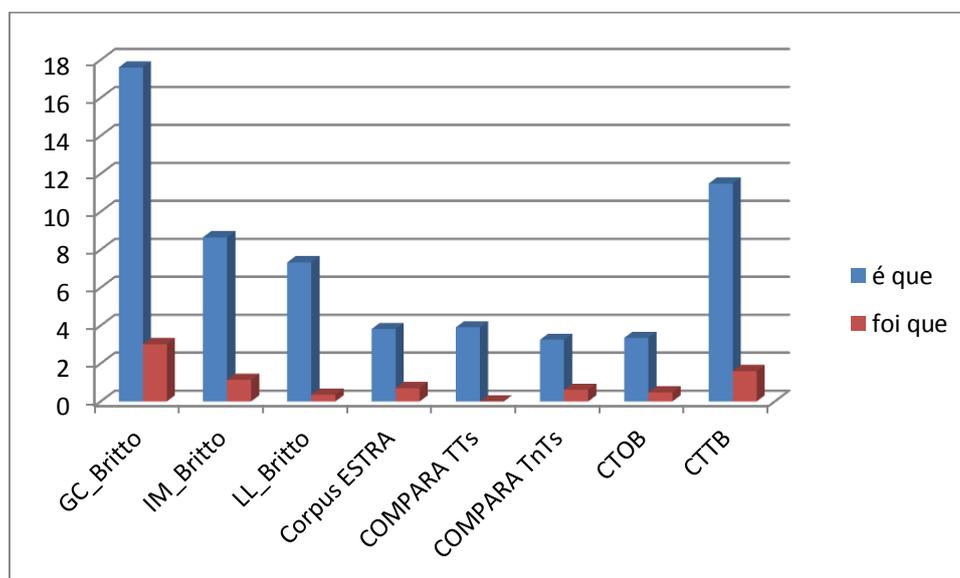
	“é que”	“foi que”
CTOB	3,35	0,48
COMPARA TnTs	3,25	0,61

Em relação aos textos em língua portuguesa não traduzida, percebe-se que as frequências de ocorrência das construções com “é que” (3,35) e “foi que” (0,48) no CTOB são bastante similares às frequências verificadas no COMPARA (3,25 e 0,61,

respectivamente). Esse dado pode ser considerado um indício de que as escolhas de Britto em relação a essas construções nos seus textos não traduzidos seriam esperadas em língua portuguesa brasileira não traduzida.

O Gráfico 6, a seguir, ilustra os dados das Tabelas 12 e 13 a fim de facilitar a sua visualização e a comparação entre eles.

Gráfico 6: Comparação das frequências de ocorrência de construções com “é que” e “foi que”



O Gráfico 6 permite comparar as frequências de ocorrência de construções com *é que* e *foi que* em vários *corpora*. De forma geral, as construções com “é que” são muito mais frequentes que as construções com “foi que”. As frequências de ocorrência dessas construções no CTTB superam o que foi verificado nos *corpora* de referência consultados. Enquanto isso, as frequências de ocorrência dessas construções no CTOB e no COMPARA (TnTs) são similares. Em relação aos TTs, as frequências de ocorrência das construções com “é que” e “foi que” indicam que IM_Britto e LL_Britto estão mais

próximos, ao passo que GC_Britto apresenta frequências bastante superiores ao que foi verificado nos outros dois TTs. O Quadro 22 apresenta exemplos alinhados, retirados do CP.

Quadro 22: Exemplos de ocorrências de construções com “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante

	TT	TF
(1)	“Então <i>o que é que tem</i> no saco?” “Um peixe”, respondeu a sra Sen.	"Then <i>what</i> 's in the bag?" "A fish," Mrs Sen replied.
(2)	“ <i>O que é que</i> eu faço com esses gatos todos?”	" <i>What</i> shall I do about all the cats?"
(3)	" <i>Por que é que</i> ninguém diminui a velocidade?"	" <i>Why</i> will not anybody slow down?"
(4)	Mas <i>como é que</i> vocês dormiam?	But <i>what</i> did you do about sleep?
(5)	" <i>Quando foi que</i> eu já usei este? E este? E este?"	" <i>When</i> have I ever worn this one? And this? And this?"
(6)	“ <i>Quem foi que</i> disse isso a ela?”	" <i>Who</i> told her that?"

Os exemplos do Quadro 22 indicam, assim como foi apontado para o caso da dupla negativa, que o uso de construções com “é que” e “foi que” nos TTs parece estar relacionado com a fluência e a convencionalidade em língua portuguesa brasileira e não constituir exatamente uma resposta a um padrão de interferência dos TFs.

A partir da análise dos elementos de convencionalidade, do morfema à oração, apresentada neste capítulo, é possível retomar algumas das perguntas de pesquisa

apresentadas na Introdução. A primeira pergunta se referia à possibilidade de identificar um padrão de escolhas indicativo do estilo individual de Paulo Henriques Britto. Essa pergunta já havia sido parcialmente respondida durante a discussão dos dados estatísticos gerais do *corpus* de estudo que apresentaram um padrão distinto para um dos TTs (IM_Britto) em relação aos outros dois TTs (GC_Britto e LL_Britto). Os resultados relativos à convencionalidade confirmaram padrões distintos para os TTs, sendo que IM_Britto foi o TT que mais se distanciou do padrão de escolhas apresentado nos outros dois. Foi possível também apontar um conjunto de tendências por parte do tradutor em relação a suas escolhas linguísticas.

A segunda pergunta questionava se os elementos de convencionalidade nos TTs de Britto estariam associados a instâncias de normalização ou ao uso criativo da linguagem. Os resultados apontaram que Britto faz uso criativo da linguagem com objetivo de dar fluência aos seus TTs. Os resultados relativos ao emprego de sufixação e de itens lexicais com a palavra “cara” ilustraram, em particular, esses usos criativos. Os resultados relativos à dupla negativa e ao emprego de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante destacaram, principalmente, a tendência de Britto para incluir elementos nos TTs sem que houvesse motivação para isso nos TFs. Isso indica que Britto tem determinadas preferências linguísticas e, ao realizá-las nos TTs, opera de forma relativamente independente dos TFs. A terceira pergunta de pesquisa questionava se haveria padronização da voz dos autores. Britto impõe suas preferências pessoais em graus variados para cada TT, sendo influenciado pelo estilo de cada um desses TFs. Dessa forma, pode-se concluir que há uma relação entre as escolhas de Britto nos seus textos não traduzidos e nos seus TTs, mas não há padronização da voz dos autores dos TFs.

A quarta pergunta de pesquisa se referia à diferenciação entre escolhas linguísticas conscientes e subconscientes e questionava se os indícios da presença de Britto estariam em hábitos linguísticos fora do seu controle consciente. Os dados estatísticos gerais não foram capazes de fornecer indícios suficientes que confirmassem um padrão de Britto em relação a seus hábitos linguísticos fora de seu controle consciente. Em contrapartida, a discussão dos resultados relacionados à convencionalidade forneceu inúmeros exemplos em que a presença do tradutor se faz sentir através de suas escolhas retóricas conscientes. A quinta pergunta se refere a estratégias de tradução e será retomada no próximo capítulo. A sexta pergunta de pesquisa, na verdade, se subdividia em três e questionava: 1) se haveria menos exemplos de expressões convencionais nos TTs de Britto que nos seus textos não traduzidos; 2) em caso afirmativo, se o tradutor teria apagado usos criativos da linguagem dos TFs e 3) se haveria um padrão distinto de idiomaticidade para os TTs de Britto e para os seus textos não traduzidos. Britto usa convencionalidade em seus textos não traduzidos e em seus textos traduzidos. No entanto, há mais ocorrências no CTOB que no CTTB para os itens lexicais com a palavra “cara”, o emprego de dupla negativa e de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante. Em relação ao uso de sufixação, três sufixos registraram menor frequência no CTOB que no CTTB (-ão, -inho e -inha). Conforme foi apontado na seção deste capítulo que tratou do emprego de sufixação, esses três sufixos foram exatamente os três tipos que seriam mais esperados em língua portuguesa traduzida de acordo com o *corpus* de consulta. A análise pormenorizada de *shifts* do CP no próximo capítulo será capaz de responder o questionamento sobre os usos criativos do TF. Por fim, é possível aferir um padrão de idiomaticidade distinto para os TTs e para os textos não traduzidos de Britto.

A sétima pergunta se referia, entre outras dificuldades, à manutenção de trechos marcados do TF no TT. Nesse caso, Britto demonstrou uma tendência inversa. Ao encontrar soluções criativas para dar fluência aos TTs, foram registradas ocorrências em que o tradutor produziu trechos marcados no TT quando não eram marcados nos TFs. Outra dificuldade sugerida por essa pergunta se referia à tensão entre naturalidade e precisão. Britto parece tender à naturalidade, fazendo escolhas, por vezes, menos óbvias. As perguntas de pesquisa elaboradas a partir da LC foram todas confirmadas: 1) Britto faz uso da convencionalidade em vários níveis, do morfema à oração; 2) suas impressões sobre suas próprias escolhas linguísticas são inexatas e 3) foi possível identificar colocados de preferência de Britto a partir de combinações lexicais frequentes – especialmente considerando itens lexicais com a palavra “cara”. Finalmente, a última pergunta de pesquisa pertinente aos resultados sobre convencionalidade questionava se Britto enfrentaria problemas para adaptar seu estilo pessoal ao estilo dos TFs. Os resultados apontaram que suas escolhas linguísticas como autor se aproximaram de GC_Britto, cujo estilo do TF era mais informal e mantinha relação mais estreita com seu estilo como autor. Enquanto isso, o TT menos similar, em relação à convencionalidade, com os textos não traduzidos de Britto é IM_Lahiri, cujo estilo do TF mais se distancia do estilo pessoal de Britto como autor.

O próximo capítulo discute os resultados obtidos a partir da investigação do estilo no CP por meio das mudanças (*shifts*) na tradução.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ESTILO DA TRADUÇÃO E MUDANÇAS NA TRADUÇÃO

4. Apresentação e discussão dos resultados: estilo da tradução e mudanças na tradução

Este capítulo descreve e discute as mudanças na tradução no contexto de ocorrência dos elementos de convencionalidade detalhados no capítulo anterior. A fim de aprofundar a investigação do estilo do tradutor e caracterizar o padrão de escolhas linguísticas identificado nos textos traduzidos por Britto, foi adotada uma proposta combinada do quadro de categorias de Blauth (2015) associada à escala de ordens de Catford ([1965] 1978). Dessa forma, é apresentada, primeiro, a análise das estratégias e dos procedimentos de tradução e, logo em seguida, é apresentado o refinamento dessa análise com o auxílio da escala de ordens. Este capítulo está dividido em duas seções. A primeira seção traz um estudo quali-quantitativo das mudanças e a segunda seção faz considerações sobre uso criativo da linguagem e instâncias de sanitização verificadas no *corpus* de estudo.

4.1. Mudanças na tradução

A investigação apresentada no capítulo anterior resultou em um conjunto de ocorrências de elementos de convencionalidade. Esses elementos tiveram seu contexto de ocorrência examinado para que fossem identificadas as estratégias (amplificação e redução) e os procedimentos (acréscimo e expansão ou contração e omissão) utilizados pelo tradutor.

4.1.1. Estratégias e procedimentos de tradução

O primeiro conjunto de resultados obtido a partir das categorias gerais de “amplificação” e “redução” é apresentado na Tabela 14. Os números de ocorrências são apresentados em números absolutos (A) e em números percentuais (P).

Tabela 14: Estratégias de tradução

Estratégias	Ocorrências (A)	Ocorrências (P)
Amplificação	343	74,1%
Redução	120	25,9%
Total	463	100%

Esses resultados apontam que o tradutor realiza ampliações (74,1%) com mais frequência do que realiza reduções (25,9%). Os dados quantitativos gerais do *corpus* de estudo, apresentados na seção 3.1, indicaram que dois TTs (GC_Britto e LL_Britto) são mais extensos que seus respectivos TFs e apenas um TT (IM_Britto) é menos extenso que seu TF. O tamanho maior de GC_Britto e LL_Britto foi associado a possíveis instâncias de explicitação, uma característica dos textos traduzidos de acordo com Baker (1999). Os resultados apresentados na Tabela 14 podem estar relacionados a essas instâncias de explicitação uma vez que a amplificação se dá de duas maneiras: através do acréscimo ou da expansão de termos.

Blauth (2015) verificou que a amplificação foi a estratégia de tradução mais frequente para apenas um dos tradutores (Trevisan) de seu *corpus*, sendo que o outro tradutor investigado (O'Shea) apresentou mais ocorrências de redução. Blauth (2015) apontou que o maior número de amplificações realizadas por Trevisan estava associado a instâncias de simplificação, e, em geral, de acessibilidade da leitura, com maior número de sentenças no seu TT em comparação ao TF. Uma das sugestões para futuras pesquisas de Blauth (2015) foi investigar se o tradutor teria estratégias conscientes para um determinado tipo de leitor. De acordo com os resultados sobre convencionalidade discutidos no capítulo anterior, Britto parece buscar a fluência nos seus TTs. Isso poderia ter relação com os achados de Blauth (2015) a respeito do TT de Trevisan. Ademais, retomando-se novamente a seção 3.1, todos os TTs de Britto apresentaram mais sentenças que seus respectivos TFs. GC_Britto apresentou um aumento de 62 sentenças, LL_Britto apresentou um aumento de 49 sentenças e IM_Britto apresentou um aumento de 121 sentenças, em relação aos seus respectivos TFs. Dessa forma, em consonância com os resultados de Blauth (2015), é possível sugerir que as amplificações realizadas por Britto estejam relacionadas também à simplificação e à acessibilidade da leitura nos TTs.

A Tabela 15, a seguir, apresenta a distribuição dos procedimentos locais de tradução realizados pelo tradutor.

Tabela 15: Procedimentos de tradução

Estratégias	Procedimentos	Ocorrências	Ocorrências
		(A)	(P)
Amplificação	Acréscimo	332	96,8%
	Expansão	11	3,2%
Total		343	100%
Redução	Omissão	12	10%
	Contração	108	90%
Total		120	100%

Em relação à estratégia de amplificação, observa-se que o tradutor utiliza o procedimento de acréscimo (96,8%) com muito mais frequência que o procedimento de expansão (3,2%). Já em relação à estratégia de redução, o tradutor utiliza a contração (90%) com mais frequência que a omissão (10%). A partir desses resultados gerais, ou seja, que incluem todos os TTs, pode-se afirmar que Britto tem tendência a operar mais instâncias de amplificação como estratégia global de tradução, sendo que o seu procedimento mais comum é o acréscimo. Já em relação às reduções, ainda que menos frequentes, são realizadas majoritariamente através do procedimento de contração. Esses resultados corroboram o que foi discutido sobre a convencionalidade, especialmente em relação aos acréscimos de determinadas estruturas nos TTs quando não se verificava motivação para isso nos respectivos TFs.

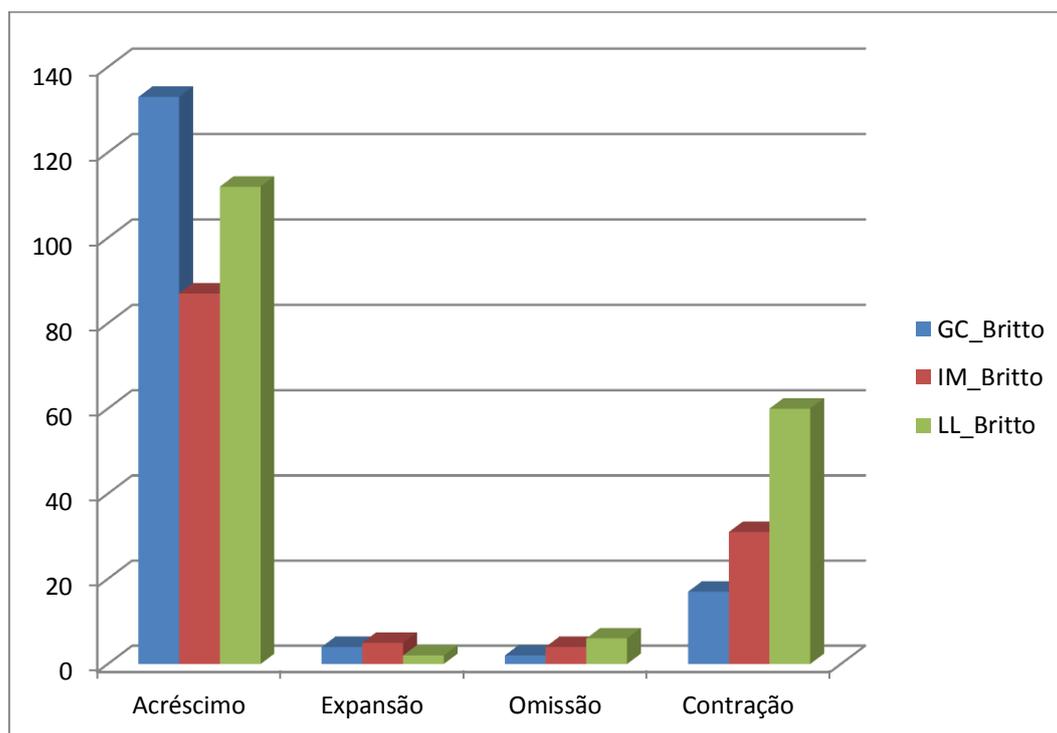
A Tabela 16 reapresenta os números de ocorrência das estratégias e dos procedimentos de tradução em separado para cada TT do CP.

Tabela 16: Estratégias e Procedimentos de tradução para cada TT

	GC_Britto		IM_Britto		LL_Britto	
	Ocorrências (A)	Ocorrências (P)	Ocorrências (A)	Ocorrências (P)	Ocorrências (A)	Ocorrências (P)
Acréscimo	133	97,1%	87	94,6%	112	98,2%
Expansão	4	2,9%	5	5,4%	2	1,8%
Amplificação	137	100%	92	100%	114	100%
Omissão	2	10,5%	4	11,4%	6	9,1%
Contração	17	89,5%	31	88,6%	60	90,9%
Redução	19	100%	35	100%	66	100%
Total	156		127		180	

O Gráfico 7 reapresenta os dados da Tabela 16 a fim de facilitar sua visualização e comparação.

Gráfico 7: Estratégias e Procedimentos de tradução para cada TT



O procedimento mais frequente no *corpus*, o acréscimo, apresenta uma distribuição relativamente próxima entre GC_Britto (133) e LL_Britto (112) e mais distante de IM_Lahiri (87). Isso significa que o TT que mais recebeu acréscimos foi GC_Britto. Por outro lado, no que tange a reduções, GC_Britto foi o TT que apresentou menos alterações, tanto de omissões (2) quanto de contrações (19). No capítulo anterior, foi apontado que o estilo de Roth parece se aproximar do estilo de Britto como autor. Na investigação da convencionalidade, GC_Britto foi o TT que mais apresentou similaridades em relação ao padrão de escolhas verificado nos textos não traduzidos de Britto (CTOB). Pekkanen (2010) sugere que um tradutor criativo pode enfrentar dificuldades para adaptar o seu estilo pessoal ao estilo de TFs variados, sobretudo quando muito distantes do seu. Esse pressuposto parece se confirmar em relação a Britto, pois, não apenas ele responde de maneira diferente ao estilo de cada TT como

parece exercer certa liberdade de escolha – maior número de ampliações e menor número de reduções do *corpus* de estudo – no TT que mais se aproxima de seu estilo pessoal como autor. O pressuposto, com base em Pekkanen (2010), também parece se confirmar em relação aos resultados obtidos para IM_Britto. Na investigação dos elementos de convencionalidade, etapa anterior à análise de mudanças, IM_Britto já havia se destacado como o TT que mais se distancia dos textos do *corpus* de textos não traduzidos de Britto (CTOB). Na contabilização das estratégias e procedimentos de tradução apresentada na Tabela 16, IM_Britto responde novamente pelo menor número de alterações registrado. Já LL_Britto foi o TT com maior número total de alterações (180), concentrando 55,6% de todas as ocorrências de contração do *corpus*.

4.1.2. Escala de ordens

Com o objetivo de chegar a um nível de detalhamento maior, as instâncias de mudança foram analisadas segundo a escala de ordens de Catford ([1965] 1978). Todas as categorias sugeridas pelo autor foram aplicadas. No entanto, verificou-se que algumas categorias não foram produtivas para a investigação da convencionalidade. A Tabela 17 apresenta esse refinamento da análise das mudanças na tradução através da escala de ordens e traz apenas as mudanças efetivamente verificadas no *corpus* de estudo.

Tabela 17: Mudanças na tradução segundo a escala de ordens

Mudanças		Ocorrências (A)
Acréscimo	de morfema	97
	de palavra	85
	de grupo/oração	150
Expansão de palavra para grupo		11
Omissão de palavra		12
Contração de grupo para palavra		108

Como discutido anteriormente, o acréscimo foi a alteração mais frequente no *corpus*. Esses acréscimos foram de três tipos: acréscimos de morfemas (97), acréscimos de palavras (85) e acréscimos de grupo/oração (150). Esse último tipo engloba tanto ocorrências de acréscimo de grupos de palavras quanto de orações por uma decisão metodológica. Durante o processo de análise dos dados, verificaram-se ocorrências em que a fronteira entre grupo e oração nem sempre era clara – como, por exemplo e principalmente, nos acréscimos de “é que” e “foi que” depois de pronome relativo e conjunção integrante. O único tipo de expansão verificado foi a expansão de palavra para grupo (11), o único tipo de omissão registrado foi a omissão de palavra (12) e o único tipo de contração registrado foi a contração de grupo para palavra (108).

A Tabela 18 apresenta as mudanças de acordo com a escala de ordens para cada TT do *corpus*.

Tabela 18: Mudanças na tradução segundo a escala de ordens para cada TT

Mudanças		GC_Britto (A)	IM_Britto (A)	LL_Britto (A)
Acréscimo	de morfema	14	24	59
	de palavra	36	20	29
	de grupo/oração	83	43	24
Expansão de palavra para grupo		4	5	2
Omissão de palavra		2	4	6
Contração de grupo para palavra		17	31	60

O maior número de acréscimos de palavras (36) e de grupo/oração (83) foi verificado em GC_Britto. Enquanto isso, as instâncias de contração, resumidas à contração de grupo para palavra, foram menos frequentes em GC_Britto (17). Esses resultados corroboram as observações feitas anteriormente sobre a interferência do estilo de GC_Roth, em especial em relação à expressão de alteridade dos sujeitos, nas escolhas de Britto. O procedimento mais frequente em IM_Britto foi acréscimo de grupo/oração. Esse resultado está relacionado a ocorrências de dupla negativa e de “é que” e “foi que” depois de pronome interrogativo e de conjunção integrante. As instâncias de omissão foram poucas e estão relacionadas, principalmente, com ocorrências de sanitização.

LL_Britto foi o TT que registrou o maior número de acréscimos de morfema (59) e o maior número de contrações de grupo para palavra (60) no *corpus* de estudo.

Esses dois resultados estão relacionados, em particular, ao emprego de palavras com os sufixos –inho e –inha para formar o diminutivo em língua portuguesa. LL_Britto foi o TT que registrou as frequências mais altas de ocorrência de itens lexicais formados a partir desses sufixos. Os itens lexicais formados a partir de –inho apresentaram uma frequência de ocorrência normalizada de 38,83 e os itens lexicais formados a partir de –inha apresentaram uma frequência normalizada de 19,93. Tanto as ocorrências de acréscimo de morfema quanto as ocorrências de contração de grupo para palavra estão relacionadas ao emprego de itens lexicais com esses sufixos e também com o estilo do TF LL_Updike. Uma das características do estilo de John Updike, autor do TF LL_Updike, é utilizar ironia para criticar a vida da classe média norte-americana dos subúrbios. A vida de Rabbit, personagem central da coletânea compilada para integrar o presente *corpus* de estudo, é tomada especificamente como uma crítica ao comportamento humano na sociedade conservadora norte-americana, e às normas dessa sociedade que entram em conflito com o ego individual (*cf.* MORLEY, 2009; SHARP, 2006). As ocorrências de itens lexicais formados a partir de –inho e –inha no TT LL_Britto estão relacionadas com a recriação dessas instâncias de ironia e crítica do TF, conforme ilustrado no Quadro 23.

Quadro 23: Ocorrências de palavras com sufixos –inho e –inha em LL_Britto

	TT	TF
(1)	O tesouro fundamental de sua vida estava enterrado ali, na <i>cidadezinha</i> de Olinger, e ele não perdia a esperança de recuperá-lo.	The basic treasure of his life was buried back there, in the <i>town</i> of Olinger, and he kept hoping to uncover it.
(2)	São todos uns <i>merdinhas</i> , egoístas e	What selfish boyish <i>shits</i> they all are.

	infantis.	
(3)	"Onde está o Jeffrey?" "Em Taos, tentando pintar, <i>coitadinho.</i> "	"Where's Jeffrey?" "In Taos, trying to be a painter, <i>the poor darling.</i> "
(4)	E o chefe da polícia era um <i>homenzinho</i> espevitado, tão pequeno que chegava a ser cômico, de quem ninguém tinha medo, nem mesmo as crianças da primeira série, quando ele parava o trânsito para que elas atravessassem a rua em frente à escola.	And the police chief was a perky, comically <i>small man</i> who inspired fear in no one, not even in first-graders as he halted traffic to let them cross the street to the elementary school.

O exemplo (1) apresenta uma ocorrência de acréscimo de morfema, quando “*town*” no TF, é traduzido como “cidadezinha” no TT. Nesse caso, o emprego da forma no diminutivo tem relação com a depreciação da cidade e com o sentimento melancólico que o personagem tem por ela. O exemplo (2) também apresenta uma ocorrência de acréscimo de morfema ao traduzir “*shits*” como “merdinhas”. Nesse exemplo, várias alterações de diferentes ordens foram realizadas para dar ao TT a fluência aparente do TF. O exemplo (3) apresenta uma ocorrência de contração de grupo para palavra ao traduzir “*the poor darling*” por “coitadinho”. Essa ocorrência faz parte de um diálogo com falas irônicas sobre a tentativa de um personagem, Jeffrey, de escapar de uma vida comum e suburbana. O exemplo (4) traz também uma ocorrência de contração de grupo para palavra ao traduzir “*small man*” por “homenzinho”. O uso

do diminutivo no TT, nesse exemplo, não apenas mantém o sarcasmo do TF como, através de alterações de ordem sintática, traduz “*a perky, comically small man*” por “um homenzinho espevitado, tão pequeno que chegava a ser cômico”. Essas alterações mostram explicitamente a intervenção do tradutor, que não se restringe à relativa correspondência formal, mas reelabora o grupo nominal, amplificando-o.

4.1.3. Considerações sobre mudanças a partir dos exemplos do *corpus*

Esta subseção apresenta e discute exemplos para cada tipo de ocorrência identificada no *corpus* de estudo em relação a mudanças na tradução e, ao final, retoma as perguntas de pesquisa pertinentes. Foram escolhidos exemplos representativos de cada procedimento de tradução associado à escala de ordens. O objetivo é aprofundar a discussão dos resultados e ilustrar especificamente quais foram os tipos de escolhas que Britto fez nos TTs. O Quadro 24 apresenta exemplos de acréscimos.

Quadro 24: Exemplos de acréscimo

	TT	TF
(1)	Duchamp era um homem <i>bonitão</i> , de uma magreza ascética, com uma cabeça em forma de bigorna.	Duchamp was a <i>handsome</i> man, ascetically slender, with an anvil-shaped head.
(2)	Parecia um soldado magricela e alto que tinha acabado de tirar o uniforme -- lábios sem batom, <i>narigão</i> comprido e branco como se de cera,	She looked like a skinny tall soldier boy herself, just out of uniform -- no lipstick, long white waxy <i>nose</i> , and a feathery short haircut with gray coming

	cabelo cortado curto ficando grisalho não em fios isolados, mas em mechas.	in not in strands but in patches.
(3)	Além disso, Gretchen era <i>grandalhona</i> , e não mignon e flexível como ele gostava; desconfiava da abundância de suas carnes fartas, [...]	Also, she was <i>large</i> , not lithe and little as he liked women; he distrusted the luxury of her spilling flesh, [...]
(4)	Ele tem um estilo todo novo -- a gente ouve a melodia <i>direitinho</i> !	He has this whole new style -- you can hear the melody!
(5)	<i>Eu não sou muito bom, não</i> , mas acho que estou começando a pegar o jeito.	<i>I'm not so good</i> , but I think I'm getting the hang of it now.

Os exemplos (1), (2) e (3) apresentam acréscimos de morfema nos TTs. No exemplo (1), “*handsome*” é traduzido como “bonitão”, criando no TT uma estrutura marcada e mais coloquial que o veiculado no TF. No exemplo (2), “*nose*” é traduzido por “narigão”. O TF apresentava o adjetivo “*long*” que foi mantido no TT traduzido por “comprido”. A escolha do tradutor cria novamente uma estrutura marcada e mais coloquial no TT. No exemplo (3), “*large*” é traduzido por “grandalhona”. Nesse caso, o acréscimo do tradutor é marcado. Ele opta pela construção “grandalhona”, quando a mesma lógica aplicada aos outros exemplos sugeriria o uso de “grandona”. Este é um exemplo de escolha em relação à convencionalidade que pode ser considerado criativo. Embora o uso desses sufixos seja próprio da língua portuguesa, Britto os emprega em cotextos em que não são necessários, marcando uma preferência linguística do tradutor.

O exemplo (4) apresenta um acréscimo de palavra “direitinho”. Há uma modificação do agente e uma supressão da modalização do TF. Além de criar um trecho mais coloquial no TT, o tradutor parece recorrer a uma estrutura típica da língua portuguesa para enfatizar que se podia ouvir o som muito bem. O exemplo (5) traz uma ocorrência da dupla negativa em que é acrescentada uma partícula de negação no final com o objetivo de reforçar o significado da partícula negativa existente em “Eu não sou muito bom” e também para reproduzir um modo de falar que seria típico em língua portuguesa. Britto defende em seus trabalhos teóricos a respeito da tradução que a fala dos personagens é especialmente propícia a sofrer a intervenção do tradutor a fim de aumentar sua fluência e evitar que cause estranhamento no leitor da língua-alvo. Além disso, Britto também acrescenta o verbo “começando” – em “começando a pegar o jeito” – quando poderia ter optado apenas por “pegando o jeito”.

Em geral, as ocorrências de acréscimos de morfemas mantiveram o padrão ilustrado nos exemplos (1), (2) e (3): criaram estruturas mais coloquiais e marcadas nos TTs. Além disso, esses padrões de escolhas envolvem mudanças de estruturas que são, por vezes, criativas. Os acréscimos de palavras e grupos/orações, como ilustrado pelos exemplos (4) e (5), pareceram ter como objetivo a fluência e a construção de estruturas convencionais da língua portuguesa nos TTs. Todos os acréscimos apresentaram como ponto comum a falta de elementos do TF que justificassem sua inclusão no TT.

O Quadro 25 apresenta exemplos de expansões.

Quadro 25: Exemplos de expansão

	TT	TF
(1)	<p>“Vocês todos dormiam <i>direitinho a noite toda</i> praticamente desde que nasceram”, disse-lhe Don, desconfiado de estar mentindo mas incapaz de desencavar a verdade.</p>	<p>"You all slept <i>through</i>, virtually from birth," he told her, suspecting he was lying but unable to locate the truth of it.</p>
(2)	<p>Assim transcorreu meia hora, e quando pararam para almoçar num restaurante de beira-estrada que servia <i>bolinhos fritos</i> e sanduíches de omelete, um momento que o sr Kapasi costumava antegozar com certa expectativa, em que enfim podia descansar e tomar um chá quente, ele sentiu-se contrariado.</p>	<p>In this manner the next half hour passed, and when they stopped for lunch at a roadside restaurant that sold <i>fritters</i> and omelette sandwiches, usually something Mr Kapasi looked forward to on his tours so that he could sit in peace and enjoy some hot tea, he was disappointed.</p>

O exemplo (1) traduz “*through*” como “*direitinho a noite toda*”. Ainda que se trate de um termo do inglês que, nesse contexto, não tem correspondência formal no português, Britto escolhe realizar a equivalência textual por meio de uma expansão da construção, explicitando-a para além do que seria estritamente necessário. Nesse exemplo, ressalta-se uma particularidade que pode ter influenciado a escolha de Britto: o exemplo faz parte da fala de um personagem que está mentindo. O pai ausente, ao ser questionado pelos filhos, já adultos, durante uma comemoração de família, a respeito de

rotinas de infância, se envergonha por não se lembrar de nada e, paulatinamente, acrescenta detalhes às memórias que inventa para os filhos. O exemplo (1) foi retirado do TT LL_Britto e apresenta mais uma ocorrência de palavra com sufixo *-inho* relacionada ao estilo do TF e à reprodução de ironia no TT. Há também uma alteração no nível de formalidade do trecho. Além do acréscimo de “direitinho”, “*to locate the truth*” é traduzido por “desencavar a verdade”. No exemplo (2), “*fritters*” é traduzido como “bolinhos fritos”. De acordo com um dos *corpora* de consulta utilizado nesta pesquisa, “*fritters*” raramente é utilizado sozinho (duas ocorrências apenas) e é mais frequente em colocações – em particular, com nomes de frutas (“*banana fritters*”, “*apple fritters*”) ou como “*corn fritters*”. Ao não especificar o tipo de “*fritters*”, o TF poderia estar se referindo, de forma pouco específica, a vários tipos de fritura. A escolha de Britto faz com que o significado fique um pouco menos vago no TT. Nesse exemplo, o tradutor apaga (sanitiza) um item cultural específico que não tem correspondência na língua-alvo, “*fritters*”. Foram identificadas apenas 11 ocorrências de expansões de palavra para grupo no *corpus* de estudo. Em geral, essas ocorrências parecem ter sido motivadas por palavras no TF sem opções de tradução com correspondência formal no português.

O Quadro 26 apresenta exemplos de expansões.

Quadro 26: Exemplos de omissão

	TT	TF
(1)	Eu ansiava pelo tesouro de cada noite como se fosse uma jóia, ou uma moeda de um reino soterrado, e	I coveted each evening's treasure as I would a jewel, or a coin from a buried kingdom, and I would place it in a <i>small</i>

	<p>guardava-o numa <i>caixinha</i> de sândalo entalhado que ficava na minha cabeceira, na qual, muitos anos antes, na Índia, a mãe de meu pai guardava os cocos de areca moídos que ela comia após o banho matinal.</p>	<p><i>keepsake box</i> made of carved sandalwood beside my bed, in which, long ago in India, my father's mother used to store the ground areca nuts she ate after her morning bath.</p>
(2)	<p>Ele e a mulher moravam numa <i>casinha nova</i> perto da estrada; os pais dele ainda moram na casa de arenito, idêntica à de minha mãe, junto ao celeiro, que ele transformou numa loja especializada em frutas exóticas.</p>	<p>He and his wife live in a <i>little new ranch house</i> close to the road; his parents still live in the sandstone house, a twin to my mother's, down by the barn that he has turned into a fancy fruit outlet.</p>

No exemplo (1), a palavra “*keepsake*” do TF não é traduzida no TT. Além disso, Britto opta por acrescentar um sufixo indicativo de diminutivo na palavra “caixa”. Pode-se argumentar que isso transfere pelo menos parte do significado de “*keepsake*”, no TF, para “caixinha”, no TT. No entanto, o significado de “*keepsake*” é mais que o uso de “caixinha” sugere. A palavra “*keepsake*” significa algo precioso, um presente de um amigo, algo que é guardado em função das memórias que evoca. No exemplo (2), a palavra “*ranch*” do TF é omitida no TT, eliminando a menção direta à casa de fazenda ou de rancho. Ademais, há uma contração de grupo para palavra quando “*little house*” é traduzido por “casinha”. Foram verificadas 12 ocorrências de omissões no *corpus* de estudo e elas não apresentaram um padrão de motivação do TF. Apenas o

exemplo (1) continha uma palavra de tradução mais complexa, os outros se assemelhavam ao exemplo (2), constituindo, por vezes, ocorrências de sanitização.

O Quadro 27, a seguir, apresenta exemplos de contrações.

Quadro 27: Exemplos de contração

	TT	TF
(1)	E Maggie viu-se ilhada no <i>casarão</i> com os dois filhos, uma menina de oito anos e um menino de seis.	And Maggie found herself marooned in her <i>big house</i> with the two children, an eight-year-old girl and a six-year-old boy.
(2)	Com esse movimento você pode pegar qualquer coisa, desde um <i>grãozinho</i> de arroz até um pedaço de porco agridoce”.	With this pinching motion you can pick up anything, from a <i>single grain</i> of rice to a chunk of sweet-and-sour pork.”
(3)	"Agora você já é um <i>rapazinho</i> , Eliot", ela lhe disse.	"You're a <i>big boy</i> now, Eliot," she told him.
(4)	As mulheres estavam de salto alto e meias de náilon, com <i>vestidinhos</i> pretos de crepe e <i>chiffon</i> .	The women wore heels and sheer stockings, and <i>short</i> black <i>dresses</i> made of crepe and chiffon.

As ocorrências de contração de grupo para palavra corresponderam ao uso de morfemas em língua portuguesa, quase sempre o diminutivo. No exemplo (1), “*big*

house” é traduzido por “casarão”, gerando uma contração cujo caráter é marcado. Além disso, a indicação de posse é apagada: “*her big house*” é traduzido por “no casarão”. No TF, “*big house*” auxilia a construir uma imagem de solidão e abandono da personagem mais do que faz referência ao tamanho da casa. No exemplo (2), “*single grain*” é traduzido por “grãozinho”. Nesse exemplo, o tradutor prefere a contração “grãozinho” a manter correspondência formal com o emprego de “único grão”. No exemplo (3), “*big boy*” é traduzido por “rapazinho”. Além disso, há deslocamento do advérbio e acréscimo de “já”.

O exemplo (3) vai além da contração e faz uso de uma expressão típica do português, empregada para indicar que um menino não é mais tão criança. Britto reorganiza a estrutura sintática para manter a fluência e a coloquialidade em língua portuguesa. Esse exemplo se encaixa na lista de problemas enfrentados ao traduzir colocações que é descrita por Baker ([1992] 2011). Se a colocação for traduzida literalmente, é inaceitável em língua portuguesa. Assim, o tradutor precisa fazer considerações sobre o quanto pretende ser preciso e o quanto pretende ser natural em sua tradução. Britto encontra uma solução criativa em língua portuguesa que mantém o mesmo significado de “*you’re a big boy*”. O exemplo (4) traduz “*short dresses*” como “vestidinhos”. Esse exemplo indica o apagamento da ideia de que o vestido é curto. O diminutivo, nesse caso, poderia ser entendido em língua portuguesa como uma referência a algo simples ou sem graça.

Em geral, a contração foi o procedimento mais frequente relacionado à redução. Foram 108 ocorrências no *corpus* de estudo. Todas essas ocorrências corresponderam à contração de grupo para palavra. Apenas três ocorrências se

assemelharam ao exemplo (3), apresentando questões relativas ao uso criativo da linguagem nos TFs. Em geral, foram identificados nos TFs grupos nominais (especialmente estruturas do tipo adjetivo + substantivo) que ofereciam como alternativa em português o recurso de formação de palavra através de sufixação – como, por exemplo, a tradução de “*tiny room*” por “quartinho”. Ainda assim, não foi verificado um padrão quanto a isso e nem sempre foi possível identificar estruturas nos TFs que impusessem ou até mesmo justificassem a realização de contração.

Os resultados apresentados nesta seção permitem responder algumas perguntas de pesquisa apresentadas na Introdução. A primeira pergunta, sobre ser possível identificar um perfil do tradutor, foi respondida a partir da investigação da convencionalidade e é corroborada pela análise de mudanças. Britto tende a amplificar através do acréscimo e a reduzir através da contração. Embora seja verificado um perfil levemente distinto para cada TT, a tendência de Britto no *corpus* de estudo como um todo é a mesma. A segunda pergunta se referia à manutenção da fluência nos TTs e foi confirmada pela análise de mudanças na tradução. A terceira pergunta questionava se as preferências do tradutor causariam uma padronização da variedade nos autores da língua-fonte. Embora haja um padrão consistente de escolhas de Britto para o CTTB como um todo, foram verificadas algumas diferenças entre os TTs. A análise das mudanças na tradução permite afirmar que há certo grau de padronização, pois ele se verifica quanto às estratégias globais de tradução e quanto aos procedimentos locais de tradução. Entretanto, apresenta exceções quanto à escala de ordens. Esses resultados relacionam-se diretamente com a quinta pergunta de pesquisa, sobre a existência de uma relação entre estratégias de tradução e estilo do tradutor. No *corpus* de estudo desta pesquisa, essa relação foi identificada. Britto mantém um padrão de escolhas quanto a

estratégias e procedimentos que se repete para todos os TTs. A última pergunta de pesquisa pertinente à análise de mudanças questionava se seria possível traçar um perfil do tradutor a partir desse tipo de análise. Os resultados apontaram que é possível traçar um perfil de preferências linguísticas do tradutor a partir da investigação das mudanças conforme proposto no presente trabalho. Ainda assim, cabe apontar que o modelo adotado não foi capaz de classificar todos os tipos de alterações operadas por Britto.

A próxima seção trata especificamente de criatividade nos TTs.

4.2. Usos criativos da linguagem e sanitização

Os resultados obtidos por Baker (1999, 2000) sugeriram que TTs apresentam usos típicos da língua-alvo, pois tradutores optam pela manutenção da fluência nos TTs. Baker (2007) revisita discussões anteriores sobre o emprego de expressões convencionais e aponta que tradutores tendem a preferir sentidos literais de expressões do TF no TT. A partir da contribuição de Munday (2008), sobre o estudo do estilo do tradutor Gregory Rabassa, foi possível reformular a sugestão de Baker (1999, 2000), estabelecendo uma relação entre o emprego de convencionalidade e a criatividade. Os exemplos destacados nesta seção dizem respeito especificamente à associação entre uso criativo da linguagem e convencionalidade em textos traduzidos, à luz dos resultados obtidos por esses autores. Além disso, ao investigar esses usos criativos foram identificadas instâncias de sanitização conforme apontado por Kenny (1998). Ao investigar normalização em TTs, essa autora desenvolveu o termo sanitização para classificar passagens “domesticadas” nos TTs. A Tabela 19 traz informações sobre os

usos criativos da linguagem e sobre as instâncias de sanitização verificadas no *corpus* de estudo.

Tabela 19: Criatividade e sanitização

	Ocorrências (A)
Uso criativo da linguagem nos TTs	42
Sanitização	14

Britto recorre a soluções criativas para recriar significados dos TFs nos TTs em 42 ocorrências, ao passo que recorre à sanitização em outras 14 ocorrências. Foram registradas apenas três ocorrências em que o tradutor apaga usos criativos do TF dando preferência a significados literais nos TTs. Esse último número, no entanto, precisa ser analisado com cautela. É preciso lembrar que o foco deste trabalho foi investigar os textos em língua portuguesa e, a partir deles, os textos em língua inglesa. Dessa forma, é possível que haja outros exemplos de apagamento de usos criativos da linguagem nos TFs, os quais escaparam ao escopo deste trabalho. De forma geral, os resultados sobre instâncias de uso criativo da linguagem corroboram, uma vez mais, os achados de Munday (2008).

O Quadro 28 apresenta exemplos da criatividade de Britto nos TTs.

Quadro 28: Exemplos de criatividade nos TTs

	TT	TF
(1)	Porque aí eu <i>dou um pulinho</i> na loja, se vocês não se importam.	Then I think I'll <i>run</i> to the store, if you don't mind.

(2)	Ele salivava, se bem que <i>com aquele barrigão</i> ele certamente não estava passando fome no mundo capitalista.	His mouth was watering, though <i>from the look of him</i> he hadn't been exactly starved under capitalism.
(3)	Eu queria saber se você tinha me promovido <i>dos papeizinhos soltos.</i> "	I wanted to know if you'd promoted me <i>from the margins of your newspaper.</i> "

No exemplo (1), um verbo “(wi)ll run” é traduzido pelo grupo verbal “dou um pulinho” que, além de apresentar outra estrutura, é uma expressão idiomática em língua portuguesa. Essa expressão não é fixa e admite duas formas, “dar um pulo” e “dar um pulinho”. Isso indica mais uma vez a preferência de Britto pelo uso de sufixação e, em especial, pelo uso de diminutivos. Outra alteração que aproxima esse exemplo da fluência e da coloquialidade típica da fala é a substituição de “Then I think” por “Porque aí”.

No exemplo (2), o grupo nominal “*from the look of him*” é substituído por “com aquele barrigão” para enfatizar a ideia de que o personagem de quem se fala não tem motivos para se queixar de dificuldades financeiras. Esse personagem já havia sido descrito como forte e corpulento, mas a escolha de Britto por uma estrutura que parece ser marcada no TT vai além das informações fornecidas no conto. Sua escolha parece enfatizar o perfil, em geral, pouco agradável e descortês do personagem. Além disso, cabe destacar, mais uma vez, que se trata de um exemplo retirado de um trecho de narração. De acordo com Britto (2012), seria nas falas dos personagens que o tradutor dispõe de mais liberdade criativa. O exemplo (3) apresenta um trecho do diálogo de um casal que se conhece há pouco tempo. Pela narrativa, depreende-se que, ao se

conhecerem, o homem teria demonstrado pouco interesse pela moça e anotado o telefone dela na margem de um jornal. Britto recria o descaso do personagem ao substituir “*from the margins of your newspaper*” por “dos papeizinhos soltos”, como se o número de telefone tivesse sido anotado em um pedaço de papel qualquer, solto, com grande probabilidade de perder-se logo a seguir.

O Quadro 29 apresenta exemplos de instâncias de sanitização nos TTs.

Quadro 29: Exemplos de sanitização

	TT	TF
(1)	O cheiro de <i>bolinhos</i> no forno cruzou com a imagem da neve diagonal aderindo aos glóbulos dos plátanos.	The scent of toasting <i>English muffins</i> intersected the sight of the diagonal snow adhering to the buttonwood pods.
(2)	Uma vez por semana, naquela sala, Alissa lhe servia um corte de barrigueira, ele relembrava, a carne escura com um recheio bem apimentado, um prato que, cercado de salsa e <i>tomatinhos</i> rubros, evocava as economias domésticas de tempos idos, daquelas comoventes ambições culinárias dos anos 50 que tentavam perpetuar o ideal da refeição da família como cerimônia quase religiosa, salgada com o suor	Once a week, in that same room, she would serve flank steak, it came to him, the brown meat nicely tucked around a core of peppery stuffing, and the whole platter, garnished with parsley and <i>little red-skinned potatoes</i> , redolent of bygone home economics, of those touching Fifties-born culinary ambitions that sought to perpetuate a sense of the family meal as a pious ceremony salted with the sweat of female labor.

	do trabalho feminino.	
(3)	<p>Nas paredes descascadas havia cornijas e grinaldas de gesso cobertas de poeira, e os tons pastel ainda eram apropriados a um salão de dança, com cortinas de pelúcia apodrecendo junto a janelas de onde se avistava um parquinho úmido em que <i>velhinhas com lenços amarrados na cabeça</i>, tão corocas e enrugadas que na nossa sociedade já estariam no lixo, varriam os caminhos com vassouras que não passavam de maços de gravetos amarrados em paus.</p>	<p>There were dusty moldings and plaster garlands high along the peeling plaster walls, with the walls still painted pastel ballroom colors, and plush drapes rotting around the view of some little damp park where <i>old ladies in babushkas</i>, so gnarled and hunched our own society would have had them on the junk heap, were sweeping the dirt paths with brooms that were just twigs wrapped around a stick.</p>
(4)	<p>[...] o seu filho <i>é a cara do leiteiro</i>, era a velha piada.</p>	<p>[...] your little boy <i>looks like the iceman</i>, she'd made that joke.</p>

No exemplo (1), o tradutor apaga a referência a “*English muffins*” e a substitui pela opção mais genérica “bolinhos”. Britto já defendeu, em uma entrevista e em uma resenha, que a língua portuguesa precisa ser valorizada e que seria melhor que se evitasse incluir o que não precisa ser incluído na tradução, principalmente se a língua portuguesa oferecer opções.

O exemplo (2) substitui uma referência cultural que causaria estranhamento ao leitor brasileiro. A receita original inclui “*red-skinned potatoes*” e, para conservar a referência à cor, Britto substitui “*little potatoes*” por “tomatinhos”. No exemplo (3), o item cultural “*babushkas*” é substituído por “com lenços amarrados na cabeça”. Nesse exemplo, Britto sanitiza ao mesmo tempo em que explicita o significado veiculado no TF. O item cultural “*babushkas*” vem do russo e significa literalmente “avó”. É usado para se referir a senhoras com aparência mais velha e que costumam usar sempre um lenço amarrado na cabeça. Nesse exemplo, não é apenas um item cultural específico, mas um item lexical estrangeiro no próprio inglês que é apagado. Assim, Britto não só sanitiza itens culturais específicos da cultura norte-americana, mas também itens lexicais estrangeiros usados no inglês para criar estranhamento no próprio leitor norte-americano. O exemplo (3) também apresenta uma ocorrência de contração em que “*old ladies*” é traduzido por “velhinhas”. O exemplo (4) substitui uma expressão convencional por outra, mais próxima do leitor brasileiro. Esse exemplo ilustra o emprego da expressão “ser a cara de”. Além disso, apresenta a escolha lexical “*iceman*” por “leiteiro” e altera a oração final de forma a apagar o sujeito.

Os resultados apresentados nesta seção reforçam alguns pontos já discutidos e permitem responder as últimas perguntas de pesquisa estabelecidas na Introdução. Uma delas é se o tradutor apagaria usos criativos da linguagem dos TFs. Britto apaga apenas três ocorrências de uso criativo dos TFs. Entretanto, como já foi apontado, para afirmar se isso faz parte do seu padrão de escolhas ou não seria necessário aprofundar a pesquisa de padrões de escolhas linguísticas nos TFs, para além do recorte realizado nesta pesquisa. A sétima pergunta de pesquisa, elaborada a partir de Baker ([1992] 2011), questionava se o tradutor enfrentaria problemas quanto à tradução de colocações

específicas de determinadas culturas. Foram identificadas poucas ocorrências desse tipo de colocação apesar de ter no *corpus* de estudo um TT que trata de questões judaicas e outro TT baseado em referências à cultura indiana. Foram identificados itens lexicais, em geral, palavras, culturalmente específicos que poderiam ter apresentado dificuldades similares. Nesses casos, não houve um padrão por parte de Britto. O tradutor pareceu fazer escolhas de natureza distintas, ora apagando, ora explicitando, ora sanitizando a ocorrência.

Finalmente, no caso do *corpus* de estudo desta pesquisa, foram verificadas algumas consequências das escolhas de Britto para a realização de significados dos TFs nos TTs. Em geral, foi identificada uma diferença no grau de coloquialidade dos textos. Os TTs de Britto são mais coloquiais que os TFs e apresentam, não raro, estruturas marcadas quando as estruturas correspondentes no TF não eram marcadas. Ademais, em relação à existência de elementos nos TFs que motivassem as escolhas de Britto, foram verificados dois padrões. Quanto às instâncias de acréscimo, não há elementos linguísticos nos TFs que motivam as escolhas do tradutor. Quanto a outras mudanças, essa afirmativa é parcialmente verdadeira. Uma motivação identificada ocorre quando há no TF um termo de difícil tradução e que não oferece uma alternativa óbvia no português, exigindo algum tipo de alteração. Pode-se afirmar que, para todos os TTs, Britto se preocupa com a fluência em língua portuguesa e com a produção de um texto que não cause estranhamento ao leitor brasileiro. A análise das mudanças foi capaz de aferir um padrão de escolhas de Britto para todos os TTs, complementando a análise dos elementos de convencionalidade e elucidando questões relacionadas especificamente à interferência do estilo dos autores dos TFs nas escolhas linguísticas de Britto nos TTs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa descrita nesta tese de doutorado enfocou a investigação do estilo da tradução, em uma abordagem combinada do estilo do tradutor e do estilo do texto traduzido em um *corpus* de estudo formado por: um *corpus* de textos traduzidos por Paulo Henriques Britto, um *corpus* de textos não traduzidos de Britto e um *corpus* paralelo de textos-fonte em inglês americano, dos autores Philip Roth, Jhumpa Lahiri e John Updike, e suas traduções para o português brasileiro, de Britto. Esta pesquisa abordou o estudo de estilo, na linha dos Estudos da Tradução baseados em *Corpus*, e se baseou em alguns preceitos específicos da Linguística de *Corpus* tanto para a obtenção de resultados quantitativos quanto para a identificação de unidades de análise.

Os procedimentos metodológicos englobaram duas fases distintas. A primeira fase envolveu a preparação do *corpus* de estudo, sua compilação, correção, identificação, etiquetagem e armazenamento segundo as normas do ESTRÁ. A segunda fase envolveu os procedimentos de análise dos elementos de convencionalidade e das mudanças na tradução, tendo em vista o contexto de ocorrência desses elementos.

A partir do arcabouço teórico baseado principalmente nos trabalhos de Baker (2000), Saldanha (2011), Munday (2008), Walder (2013), Pekkanen (2010) e Blauth (2015) foram elaborados 13 pressupostos e, a partir deles, 13 perguntas de pesquisa. O primeiro pressuposto estabeleceu o uso de ferramentas da LC para a investigação do perfil de tradutores individuais, a partir de Baker (1999, 2000) e permitiu questionar se um padrão de escolhas linguísticas indicativo do estilo de Britto poderia ser encontrado.

O segundo pressuposto indicou que tradutores teriam tendência a optar pela fluência dos TTs usando expressões convencionais em associação a instâncias de normalização, segundo Baker (1999, 2000) ou, em alguns casos, associando expressões convencionais à criatividade, segundo Munday (2008). A pergunta de pesquisa derivada desse pressuposto questionou se Britto tenderia ao uso normalizador ou ao uso criativo da linguagem. O terceiro pressuposto estabeleceu, de acordo com Munday (2008), que as “vozes” dos autores dos TFs sofrem uma espécie de padronização devido a preferências idioletais do tradutor e permitiu questionar se Britto padronizaria as “vozes” dos três autores deste *corpus* de estudo. O quarto pressuposto apontou que os indícios da presença do tradutor se localizariam nas suas escolhas não conscientes, segundo Baker (2000), e que haveria um padrão distinto para escolhas conscientes e subconscientes, segundo Walder (2013). A partir desse pressuposto, foi questionado se Britto deixaria marcas no texto traduzido especificamente em relação a seus hábitos linguísticos automáticos e, ainda, se seria registrado no *corpus* de estudo um padrão distinto para cada tipo de escolha do tradutor. O quinto pressuposto, de acordo com Baker (2004), estabeleceu que algumas estratégias de tradução estão relacionadas ao estilo do tradutor e permitiu questionar se Britto optaria, de forma consistente, por determinadas estratégias de tradução e se isso estaria relacionado ao seu estilo pessoal. O sexto pressuposto estabeleceu, segundo Baker (2007), que seria menos provável encontrar exemplos de convencionalidade em textos traduzidos que em textos não traduzidos de um mesmo autor/tradutor. A pergunta de pesquisa formulada a partir desse pressuposto questionou se Britto faria uso de expressões convencionais com menos frequência em seus textos traduzidos que em seus textos não traduzidos. O sétimo pressuposto, segundo Baker ([1992] 2011), apontou problemas específicos enfrentados pelo tradutor ao traduzir colocações. A pergunta de pesquisa formulada a partir desse pressuposto

questionava se Britto enfrentaria dificuldades em relação à manutenção de colocações marcadas, tradução de colocações específicas de determinadas culturas e escolha entre naturalidade e precisão. O oitavo pressuposto apontou, de acordo com Sinclair (1991, 2004), que preferências linguísticas em relação a expressões convencionais podem ser verificadas em vários níveis diferentes e permitiu questionar se isso se confirmaria para os textos de Britto. O nono pressuposto indicou, também de acordo com Sinclair (1991, 2004), que os resultados alcançados com o uso de *corpora* frequentemente contradizem as impressões do falante e permitiu questionar se as impressões defendidas por Britto sobre o seu trabalho como tradutor estariam corretas. O décimo pressuposto, a partir de Stubbs (1995a,b), apontou que a identificação de combinações lexicais frequentes permite também identificar um conjunto de colocados de preferência do autor/tradutor. Esse pressuposto permitiu questionar se Britto apresentaria um conjunto de preferências dessa natureza associadas à convencionalidade. O 11º pressuposto atestou, em consonância com Pekkanen (2010), que tradutores criativos enfrentam dificuldade para adaptar seu estilo pessoal ao estilo de cada TF. A pergunta formulada a partir desse pressuposto questionava se Britto teria dificuldade de adaptar o seu estilo ao estilo de cada TF. O 12º pressuposto indicou, de acordo com Blauth (2015), que seria possível identificar o perfil de um tradutor através da análise de mudanças na tradução e permitiu questionar se Britto teria um padrão de escolhas quanto a mudanças na tradução. O último pressuposto estabeleceu, a partir de Pekkanen (2010), que as preferências individuais e a criatividade de um tradutor interferem na configuração de suas escolhas linguísticas. Com base nisso, foi questionado se as preferências pessoais de Britto apresentariam variação para cada TT.

Considerando o arcabouço teórico, os pressupostos e as perguntas e a geração dos dados iniciais, foram elaboradas sete hipóteses para a presente pesquisa. A primeira hipótese sugeriu que Britto teria um padrão de escolhas linguísticas, até certo ponto, independente das escolhas dos autores dos TFs. Essa hipótese foi confirmada pelos resultados desta pesquisa que apontaram escolhas do tradutor nos TTs, sobretudo em instâncias de acréscimo, em que não havia motivação nos TFs para isso. Inicialmente, a partir dos dados estatísticos obtidos com o auxílio do programa *WordSmith Tools*© 6.0., foi sugerida a ocorrência de explicitação nos TTs. A análise das mudanças indicou maior ocorrência de amplificações e esse resultado pareceu corroborar a ocorrência de explicitação. No entanto, o estudo detalhado da estratégia de amplificação indicou que Britto fez acréscimos devido a suas preferências linguísticas de maneira quase independente dos TFs e apenas em algumas ocorrências, notadamente do procedimento de expansão, optou por explicitar termos dos TFs.

A segunda hipótese sugeriu que embora fosse possível identificar uma relação entre as escolhas linguísticas feitas por Britto nos TTs e nos seus textos não traduzidos, haveria um padrão de idiomaticidade distinto para cada um desses conjuntos de textos. Essa hipótese também foi confirmada. Identificou-se um conjunto de preferências linguísticas de Britto, relacionadas à convencionalidade, e essas preferências foram verificadas em todos os TTs assim como em seus textos traduzidos. No entanto, a distribuição de ocorrências não foi uniforme, indicando um padrão distinto para o CTTB e para o CTOB.

A terceira hipótese apontou que Britto faria uso de expressões convencionais relacionadas à criatividade nos TTs. Isso foi confirmado através da investigação da

convencionalidade que apontou exemplos de soluções criativas do tradutor para recriar significados dos TFs nos TTs. Além disso, foi averiguado que Britto, ao manipular estruturas típicas da língua-alvo com o objetivo de dar fluência ao TT, diminuiu o grau de formalidade dos textos e produziu trechos marcados na língua-alvo.

A quarta hipótese apontou a existência de uma padronização da voz dos autores dos TFs. Essa hipótese foi confirmada parcialmente. O estudo da convencionalidade indicou padrões de escolhas distintos para cada TT, sugerindo que Britto é influenciado pelo estilo dos autores dos TFs. No entanto, a análise das mudanças na tradução indicou um padrão de escolhas quanto a estratégias e procedimentos de tradução válido para todos os TTs.

A quinta hipótese sugeriu que seria possível verificar 1) um padrão de escolhas de Britto principalmente em relação a hábitos linguísticos fora do seu controle consciente e 2) um perfil distinto para as escolhas conscientes e subconscientes do tradutor. Essa hipótese não foi confirmada. Os resultados quantitativos gerais não foram suficientes para elaborar um perfil quanto às escolhas fora do controle consciente de Britto. Enquanto isso, o estudo da convencionalidade e das mudanças na tradução permitiu identificar preferências linguísticas de Britto quanto a escolhas retóricas conscientes. Considerando a limitação imposta pelos dados quantitativos gerais, não foi possível apontar se há um padrão distinto por parte do tradutor quanto a suas escolhas conscientes e subconscientes. Ainda assim, os resultados sugeriram uma conexão entre esses dois tipos de escolhas. As variações identificadas entre os TTs quanto ao tamanho dos textos em itens (*tokens*), número de sentenças e tamanho médio de sentenças apresentaram relação com os resultados do estudo de convencionalidade, sobretudo em

relação ao estilo de cada TF e sua interferência nas escolhas que o tradutor fez para cada TT.

A sexta hipótese indicou que o tradutor enfrentaria dificuldades quanto à tradução de colocações, especificamente em relação à manutenção no TT de colocações marcadas no TF, tradução de colocações específicas de determinadas culturas e para encontrar equilíbrio entre precisão e naturalidade. Essa hipótese, assim como a anterior, foi confirmada parcialmente. Britto produziu mais estruturas marcadas nos TTs que o verificado nos TFs, apresentando uma dificuldade inversa ao que foi sugerido por essa hipótese. Embora o *corpus* de estudo incluísse textos de temáticas específicas, foram verificadas poucas colocações dessa natureza. No entanto, foram verificados itens culturais específicos, na forma de palavras. Nesses casos, Britto não apresentou um padrão de escolha, o que pode indicar certo grau de dificuldade em lidar com esse tipo de item. Quanto ao equilíbrio entre precisão e naturalidade, Britto optou de forma consistente pela fluência e acessibilidade dos TTs, operando vários tipos de alterações para isso.

A sétima hipótese apontou que Britto teria problemas para adaptar seu estilo pessoal ao estilo de cada TF. Essa hipótese se confirmou. Britto fez um conjunto de escolhas distinto para cada TT e isso foi resultado da interferência do estilo de cada TF. O estilo de GC_Roth, entre os TTs, foi o que mais se aproximou do estilo pessoal de Britto, sobretudo em relação ao grau de coloquialidade, e esse fato influenciou as escolhas de Britto registradas em GC_Britto. IM_Lahiri, por outro lado, apresentou um estilo mais distante do estilo pessoal de Britto e esse fato fez com que esse TT registrasse, em geral, menos ocorrências de mudanças. Uma característica específica do

TF LL_Updike, o uso de ironia em críticas muitas vezes veladas, dialogou com preferências linguísticas de Britto, especialmente em relação à formação de palavras por sufixação, o que caracterizou o padrão de escolhas do tradutor para o TT LL_Britto.

Foram estabelecidos um objetivo geral e nove objetivos específicos para esta pesquisa de doutorado. O objetivo geral foi investigar o estilo da tradução, sob a perspectiva da convencionalidade e das mudanças na tradução (*shifts*), valendo-se de um *corpus* comparável e de um *corpus* paralelo. Os objetivos específicos foram, em larga medida, alcançados:

1) Foi identificado um padrão de escolhas linguísticas indicativo do estilo de Paulo Henriques Britto, embora não tenha sido possível apontar um padrão distinto para suas escolhas conscientes e subconscientes.

2) Foi verificado que o emprego de expressões convencionais por Britto está relacionado à criatividade, ocorrendo em seus textos traduzidos e não traduzidos.

3) Foi verificado que, embora não haja padronização da voz dos autores dos TFs quanto aos elementos de convencionalidade investigados, há um padrão de estratégias e procedimentos de tradução por parte do tradutor para todos os TTs.

4) Foi identificado que as estratégias de tradução empregadas por Britto estão relacionadas ao seu estilo como tradutor.

5) Foi identificada relação entre as escolhas linguísticas de Britto em seus textos traduzidos e seus textos não traduzidos.

6) Foi verificado que Britto faz alterações quanto ao caráter não marcado de trechos do TF, enfrenta certo grau de dificuldade em relação à tradução de itens culturais específicos e opta pela fluência e pela naturalidade na língua-alvo em detrimento da precisão.

7) Foram identificadas preferências linguísticas de Britto em relação à convencionalidade e também um padrão de escolhas em relação a combinações lexicais frequentes.

8) Foi verificado que as impressões de Britto sobre o seu próprio trabalho estavam, até certo ponto, incorretas.

9) Foi verificado que a criatividade e as preferências individuais de Britto interferiram no conjunto de escolhas linguísticas identificado em cada TT.

Esta pesquisa apresentou uma inovação importante ao incluir no *corpus* de estudo um conjunto de textos não traduzidos do tradutor do *corpus* paralelo na condição de autor para estudar o estilo do tradutor e o estilo dos textos traduzidos, uma lacuna encontrada na literatura da linha de pesquisa a que esta tese se afilia. Ademais, abordou o estudo da convencionalidade em textos traduzidos combinado à análise das mudanças na tradução para a investigação do estilo da tradução, abrangendo o estilo do tradutor e dos textos traduzidos, outra lacuna encontrada na literatura da linha de pesquisa dos estudos de estilo no contexto dos ETBC. Os resultados alcançados apontaram que o estudo da convencionalidade está relacionado ao uso criativo da linguagem pelo tradutor e, ainda, que sua investigação pode fornecer subsídios tanto para a elaboração do perfil estilístico de tradutores individuais quanto para a identificação do estilo do texto traduzido. As características singulares do *corpus* de estudo compilado permitiram separar a voz do tradutor da voz dos autores dos TFs de forma eficiente e possibilitaram também identificar preferências linguísticas desse tradutor presentes tanto nos seus textos traduzidos quanto nos seus textos não traduzidos. Esses resultados apontaram que essa configuração de *corpus* é profícua para a investigação do estilo, sendo capaz, sobretudo, de fornecer informações sobre o fenômeno da tradução de textos literários

como uma atividade criativa em que o estilo do tradutor representa um papel crucial na recriação de significados dos TFs nos TTs.

Esta pesquisa enfrentou também algumas limitações. A escala de ordens empregada para refinar o modelo de análise de mudanças na tradução não foi suficiente para classificar todos os tipos de alterações operadas por Britto. Na escala de ordens parece não haver uma preocupação com o princípio fraseológico como defendido por John Sinclair, o que dificultou a classificação, principalmente, de alguns grupos nominais e de mudanças de estrutura dentro de uma mesma ordem. Uma sugestão para pesquisas futuras relaciona-se justamente ao refinamento do trabalho, com a escolha de um modelo teórico para investigação da convencionalidade que possa descrever mais detalhadamente esse traço linguístico bem como a criatividade do tradutor e seus efeitos para o estilo do texto traduzido.

Em suma, esta pesquisa contribuiu para os estudos de estilo da tradução apresentando um estudo inédito que relacionou a convencionalidade em textos traduzidos à criatividade do tradutor, descrevendo um arcabouço teórico-metodológico baseado nos ETBC e fornecendo subsídios para a continuação deste trabalho com o refinamento das categorias adotadas para a análise das mudanças na tradução. Ademais, os resultados desta pesquisa podem ser úteis também para o ensino da tradução de textos literários. Este trabalho oferece informações sobre o papel das preferências linguísticas do tradutor nas escolhas que ele faz para a realização de significado nos TTs e, portanto, oferece informações também sobre o mundo que o tradutor escolheu recriar para o leitor da língua-alvo, discutindo as fronteiras entre reconstrução de significados, naturalidade, fluência e precisão no texto traduzido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências bibliográficas do *corpus* de estudo:

BRITTO, P. H. *Paraísos artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAHIRI, J. *Interpreter of maladies*. Boston e Nova York: Houghton Mifflin Company, 1999.

LAHIRI, J. *Intérprete de males*. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROTH, P. *Goodbye, Columbus and five short stories*. Nova York: Vintage International, 1993.

ROTH, P. *Adeus, Columbus e cinco contos*. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

UPDIKE, J. *Licks of love: short stories and a sequel, "Rabbit Remembered"*. Nova York: Ballantine Books, 2000.

UPDIKE, J. *Coelho se cala e outras histórias*. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Referências bibliográficas gerais:

BAKER, M. *In other words*. London: Routledge, (1992) 2011.

BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER et al. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250.

BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, 1995. p. 223-243.

BAKER, M. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (ed.). *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 177-186.

BAKER, M. "Corpus-based Translation Studies: the Challenges that Lie Ahead", H. Somers (Ed.) *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p.175-186.

BAKER, M. "The role of corpora in investigating the linguistic behaviour of professional translators". *International Journal of Corpus Linguistics* V. 4, No. 2, 1999. p.281-298.

BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Amsterdam, V. 12, No. 2, 2000. p. 241-266.

BAKER, M. A corpus-based view of similarity and difference in translation. *International Journal of Corpus Linguistics* V.9 No.2, 2004. p.167-193.

BAKER, M. Patterns of Idiomaticity in Translated vs. Non-Translated Text. In: *Belgian Journal of Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. 2007. p.11-21.

BARCELLOS, C. P. *O estilo de tradutores: apresentação do discurso no corpus paralelo Heart of Darkness / (No) Coração das Trevas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2011.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, T. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

BLAETH, T. *A paisagem indizível em duas traduções brasileiras de Heart of Darness: uma análise de estilo com base em corpus*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2015.

BOASE-BEIER, J. Translation and style: a brief introduction. *Language and Literature*, SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 13 (1), 2004. p. 9-11.

BOASE-BEIER, J. *Stylistic Approaches to Translation*. Manchester: St. Jerome, 2006.

BOSSEAU, C. *How Does it Feel? Point of View in Translation*. New York: Rodopi, 2007.

BOSSEAU, C. Point of view in translation: a corpus-based study of French translations of Virginia Woolf's *To the Lighthouse*. *Across Languages and Cultures* vol. 5, n.1, 2004. p. 107-122.

BRENNER, G. *Webster's New World American Idioms Handbook*. Indianapolis, EUA: Wiley Publishing, Inc., 2003.

- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARTER, R.; MCCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Translation*. London: Oxford University Press, (1965) 1978.
- CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DAVIES, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso: 20 out. 2014.
- GOATLY, A. *Explorations in Stylistics*. London: Equinox, 2008.
- GOLDNADEL, M; LIMA, L.; BREUNIG, G.; ESQUIVEL, N.; LUZ, J. Estratégias alternativas de negação na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos de dados do projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 2, jul/dez, 2013, p. 35-74.
- HALLIDAY, M. A. K. Linguistic Function and Literary Style: an Inquiry into the Language of William Golding's *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (Ed.). *Literary style: a symposium*. London: Oxford University Press, 1971. p. 330-368.
- HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. Londres: Routledge, 1990.
- HATIM, B.; MASON, I. *The translator as a communicator*. Londres: Routledge, 1997.
- HERMANS, T. The Translator's voice in Translated Narrative. *Target* 8:1, 1996, p. 23-48.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0, 2009.
- KENNY, D. Creatures of habit? What translators usually do with words. *Meta*, vol. 43, no. 4, 1998. p.515-523.
- KENNY, D. *Norms and Creativity: lexis in translated text*. Tese. Manchester: Centre for Translation Studies, Department of Language Engineering, UMIST, 1999.
- KENNY, D. "Parallel Corpora and Translation Studies: Old Questions, New Perspectives? Reporting that in GEPCOLT: a Case Study." In: BARNBROOK, G.; DANIELSSON, P.; MAHLBERG, M. (Eds) *Meaningful Texts: The Extraction of Semantic Information from Monolingual and Multilingual Corpora*. Londres/Nova York: Continuum, 2005. p.154-165.

KLAUDY, K. On Explicitation Hypothesis. In: KOHN, J.; KLAUDY, K. et al (eds). *Transferre necesse est... Current Issues on Translation Theory*. Germany: Szombathely, 1993. p. 69-77.

KLAUDY, K.; KÁROLY, K. Implication in Translation: an empirical justification of operational asymmetry in translation. *Across Languages and Cultures*. Vol. 6, n. 1, 2005. p. 13-28.

LAVIOSA, S. "How comparable can 'comparable corpora' be?". *Target* vol. 9, n. 2, 1991. p. 289-319.

LAVIOSA, S. "Core patterns of lexical use in a comparable corpus of English narrative prose". *Meta* 43, 1998, p. 557-570.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam and New York: Rodopi, 2002.

LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*. Harlow: Pearson/Longman, 1st edition, 1981.

LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*. Harlow: Pearson/Longman, 2nd edition, 2007.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

MAGALHÃES, C. M. Da coesão como recurso de continuidade do discurso. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 209-245.

MAGALHÃES, C. M. ESTRA: um corpus para o estudo do estilo da tradução. In: *Cadernos da Tradução*, Florianópolis, no. 34, jul./dez. 2014. p. 248-271.

MAGALHÃES, C. M.; BARCELLOS, C. Estilo de tradutores: estudo baseado no corpus Heart of Darkness / (No) Coração das Trevas. In: IBAÑOS, A. M.; MOTTIN, L.; SARMENTO, S.; BERBER SARDINHA, T. (Eds.) *Pesquisas e perspectivas em Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado das Letras, 2015.

MAGALHÃES, C. M.; BLAETH, T. Estilo do tradutor: um estudo do uso do itálico, palavras estrangeiras e itens culturais específicos por seis tradutores de Heart of Darkness. In: Viana, V.; Tagnin, S. (Org.). *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015. p.171-209.

MAGALHÃES, C. M.; CASTRO, M. C.; MONTENEGRO, M. S. Estilística tradutória: Um estudo de corpus paralelo de uma tradução brasileira e uma tradução portuguesa de 'Heart of Darkness'. *Tradterm*, v. 21, 2013. p.13-318.

MAGALHÃES, C. M.; NOVODVORSKI, A. A chavicidade na análise de estilo em tradução: um estudo baseado em corpora paralelos espanhol/português. In: DUTRA, D. P.; MELLO, H. (Org.). *Anais do X Encontro de Linguística de Corpus: Aspectos metodológicos dos estudos de corpora*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p. 294-313.

MALMKJAER, K. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. *Target*, Amsterdam, v. 15, 2003. p. 37-58.

MALMKJAER, K. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*. SAGE publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 13, n.1, 2004. p. 13-24.

MALMKJAER, K. *Linguistics and the Language of Translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005

MAY, R. Where did the narrator go? Towards a grammar of translation. *Slavic and East European Journal*, v. 38, n. 1, 1994. p. 33-46.

MCINTOSH, C. (Editor) *Oxford Collocations Dictionary for students of English*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MILLER, J. Spoken and written language: Language acquisition and literacy. In: R. J. SCHOLLES (ed.). *Literacy and language analysis*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993, p. 99 – 141.

MOLINA MARTINEZ, L.; ALBIR, A. H. Translation techniques revisited: A dynamic and functionalist approach. *Meta* 47, n. 4, 2002. p. 498 - 512.

MORLEY, C. *The Quest for Epic in Contemporary American Fiction: Philip Roth, John Updike and Don DeLillo*. Nova York: Routledge, 2009.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2001.

MUNDAY, J. Systems in Translation: A Systemic Model for Descriptive Translation Studies. In: HERMANS, T. (Ed.). *Cross-cultural Transgressions*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. p. 76-92.

MUNDAY, J. Translation and Ideology: a textual approach. *The translator*. Vol. 13, Nº 2, 2007. p.195-217.

MUNDAY, J. *Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English*. New York: Routledge, 2008.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. *A gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NOVODVORSKI, A. *A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2008.

NOVODVORSKI, A. *Estilo das traduções de Sergio Molina de obras de Ernesto sabato: um estudo de corpora paralelos espanhol/português*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2013.

OLOHAN, M. *Introducing Corpora in Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2004.

OLOHAN, M.; BAKER, M. "Reporting that in Translated English: Evidence for Subconscious Processes of Explicitation?" *Across Languages and Cultures* 1 [2]: 2000, p. 141-158.

ØVERAS, L. "In Search of the Third Code: An Investigation of Norms in Literary Translation." *Meta* 43 [4]: 1998, p. 571-588.

PEKKANEN, H. The duet of the Author and the Translator: Looking at Style through Shifts in Literary Translation. *New Voices in Translation Studies* 3 (2007), 1-18.

PEKKANEN, H. *The duet of the Author and the Translator: An Analysis of Style through Shifts in Literary Translation*. Tese (Doutorado em Línguas Modernas). Helsinki: Faculty of Arts, University of Helsinki, 2010.

PAULO, A.; BERBER SARDINHA, T. *Pesquisa em Linguística de Corpus com Wordsmith Tool*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PUURTINEN, T. Explicitating and implicitating source text ideology. *Across Languages and Cultures* 4 (1), 2003. p. 53-62.

PYM, A. Historical development. In: FRANCE, P. (Ed.) *The Oxford Guide to Literature In English Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ROCHA, C. A.; ROCHA, C. E. P. de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

RODRIGUES, Roberta Rego. *A organização temática em A hora da estrela and The hour of the star: um estudo de caso*. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2005.

RODRIGUES, Roberta Rego. *Tradução e apresentação do discurso: Um estudo de "Bliss" de Katherine Mansfield*. (Tese) Doutorado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2010.

SALDANHA, G. *Style of Translation: An exploration of stylistic patterns in the translations of Margaret Jull Costa and Peter Bush*. Tese (Doutorado em Filosofia). Dublin: School of Applied Language and Intercultural Studies, Dublin City University, 2005.

- SALDANHA, G. Translator Style: Methodological considerations. *The Translator*. Vol. 17, n° 1, 2011. p. 25-50.
- SALDANHA, G. Emphatic Italics in English Translations: Stylistic Failure or Motivated Stylistic Resources? *Meta: Translators' Journal*, vol. 56, n° 2, 2011(b). p. 424-442.
- SALDANHA, G. Style of translation: the use of foreign words in translations by Margaret Jull Costa and Peter Bush. In: KRUGER, A.; WALLMACH, K.; MUNDAY, J. (eds.). *Corpus Based Translation Studies: Research and Applications*. London and New York: Continuum, 2011(c). p. 237-258.
- SEMINO, E.; SHORT, M. *Corpus Stylistics*. London and New York: Routledge, 2004.
- SCHIAVI, G. There is always a teller in a tale. In: *Target* 8:1. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1996. p. 1-21.
- SCOTT, M., *WordSmith Tools version 6*, Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.
- SHARP, M. D. *Popular Contemporary Writers*. Tarrytown, NY: Marshall Cavendish Corporation, 2006.
- SHORT et al. Using a corpus for stylistics research: speech and thought presentation. In: THOMAS, J; SHORT, M. *Using Corpora for Language Research: studies in the Honour of Geoffrey Leech*. London and New York: Longman, 1996. p. 110-131.
- SIMPSON, P. *Language, Ideology and Point of View*. London and New York: Routledge, 1993.
- SIMPSON, P. *Stylistics. A resource book for students*. London & New York: Routledge, 2004.
- SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SINCLAIR, J. A way with common words. In: Hasselgard, H.; and Oksefjell, S. (eds.) *Out of Corpus Studies in Honour of Stig Johansson*. Amsterdam e Atlanta: Rodopi, 1999. p. 157-179.
- SINCLAIR, J. *Trust the text: language, corpus and discourse*. Londres & Nova York: Routledge, 2004.
- SPEARS, R. A.; BIRNER, B.; KLEINEDLER, S. *NTC's Dictionary of Everyday American English Expressions*. Nova York, EUA: McGraw-Hill, 1994.
- SPECTOR, H. The Cosmopolitan Imagination in Philip Roth's "Eli, the Fanatic". In: *Journal of Curriculum Theorizing*. Volume 27, Number 3, 2011. p. 224 – 238.

STUBBS, M. Collocations and semantic profiles: on the cause of the trouble with quantitative studies. *Functions of Language*, 2, 1, 1995(a) p. 23-55.

STUBBS, M. Collocations and cultural connotations of common words. *Linguistic and Education*, 7, 1995(b). p.379-390.

STUBBS, M. *Text and corpus analysis*. Cambridge, Massachusetts: Blayjwell Publishers, 1996.

STEWART, D. Conventuality, Creativity and Translated Text: The Implications of Electronic Corpora in Translation. In: OLOHAN, M. (Ed.) *Intercultural Faultlines. Research Models in Translation Studies: Textual and Cognitive Aspects*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000. p.73-91.

TOOLAN, M. *Narrative. A critical linguistic introduction*. 2a edição. Londres & Nova York: Routledge, 2001.

TOOLAN, M. *Language in literature: an introduction to stylistics*. London: Arnold, 2003.

TOURY, G. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: Benjamins. 1995.

TYMZOZCKO, M. Computerized corpora and the future of translation studies. *Meta* 43(4): 1998. p. 652-660.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1995.

WALDER, C. A Timbre of Its Own: investigating style in translation and original writing. In: *New Voices in Translation Studies* 9, 2013. p. 53-68.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester & Kinderhook: St. Jerome Publishing, 2007.